

MARINETI ADAMI FRANZ

**A UTOPIA DA SALA DE AULA DIALÓGICA: AS NORMALIZAÇÕES E AS
RENORMALIZAÇÕES DE UMA PROFESSORA**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração em Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Hilário I. Bohn

Pelotas

2010

MARINETI ADAMI FRANZ

**A UTOPIA DA SALA DE AULA DIALÓGICA: AS NORMALIZAÇÕES E AS
RENORMALIZAÇÕES DE UMA PROFESSORA**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração em Linguística Aplicada.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hilário I. Bohn (orientador)
Universidade Católica de Pelotas - UCPel

Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Matzenauer
Universidade Católica de Pelotas – UCPel

Prof^a. Dr^a. Maria da Glória Corrêa di Fanti
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Depois de algum tempo você aprende que as verdadeiras amizades continuam a crescer mesmo a longas distâncias, e o que importa não é o que você tem na vida, mas quem você tem na vida.

Shakespeare

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Breno Klain Adami (in memoriam), por te sido para mim um exemplo de honestidade, responsabilidade e competência.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelos conhecimentos compartilhados. Em especial às professoras Maria da Glória Di Fanti, Carmen Lúcia Matzenauer e Suzana Bornéo Funck pelos valiosos ensinamentos, pela amizade, atenção e apoio durante o curso.

Ao meu orientador, professor Hilário I. Bohn, pela valiosa contribuição no meu processo de formação acadêmica e pela paciência no período de desenvolvimento desta dissertação.

Às secretárias Valquíria Irazoqui Mendes e Roberta Canez sempre gentis e disponíveis.

Às escolas participantes desta pesquisa que proporcionaram a realização deste trabalho.

Às colegas Ângela Sant'Ana Castro, Marisa Oliveira de Mendonça e Elenice Botelho Antunes que, durante a trajetória desta pesquisa, me emprestaram material e sempre me estimularam a prosseguir.

À professora titular da segunda série participante deste estudo, pela colaboração fundamental e tempo disponibilizado para que esta dissertação pudesse ser desenvolvida.

Aos meus colegas de Mestrado da turma XIII, pelas experiências compartilhadas. Em especial, à Jaudete Bonow cuja presença foi fundamental para o meu crescimento acadêmico, além de também com ela ter dividido minhas angústias. À Elza Athayde sempre disposta a ajudar os colegas, Maria Antônia Carballo Domingues e Elida Lima, queridas colegas, parceiras das horas difíceis deste percurso acadêmico.

Às colegas Elisângela Maas e Taís Oliveira Santos por todo o incentivo recebido antes e durante o ingresso no Curso de Mestrado.

Aos meus familiares, por acreditarem em mim e compreenderem meus isolamentos. Em especial, ao meu marido Luis Fernando, fiel revisor das digitações e confiante para ouvir minhas lamúrias, à minha mãe Ivoni que somente com sua presença me conforta e à minha sogra Ada Franz, inteligente sagaz, um exemplo de profissionalismo e competência. Ao meu sogro Luiz Carlos sempre disposto a ajudar a nora.

A todas as pessoas que acreditaram neste estudo e que de alguma forma contribuíram para sua realização.

A Deus, pois é através da fé que conseguimos coragem para enfrentar as árduas batalhas da vida.

RESUMO

O estudo discute um dos aspectos basilares da sala de aula, a interação entre o professor e seus alunos. Os dados foram coletados em uma escola pública no sul do Brasil. Procura-se também discutir o arcabouço teórico que sustenta a prática docente. Entre os muitos temas envolvidos no ensino de uma sala de aula, o estudo focaliza aspectos teóricos e práticos relacionados à interação professor-aluno, questionando se é possível em tal situação específica organizar uma 'comunidade de práticas', baseada numa interação dialógica, assim como definida pelo 'Círculo de Bakhtin'. O estudo, portanto, aborda uma das questões críticas do trabalho docente que são as 'renormalizações', prática frequente da pedagogia da sala de aula porque o planejamento nunca pode prever todas as singularidades de uma 'comunidade de práticas', particularmente uma comunidade de aprendizagem. Assim, o estudo desenvolve o seguinte objetivo geral: investigar se é possível utilizar, numa sala de aula de escola fundamental pública, uma metodologia que tenha como seu objetivo principal a interação entre professores e alunos, isto é, que se instaure uma dialogia entre os participantes desse grupo social com a finalidade de desenvolver conhecimento. Para implementar este objetivo, o estudo, primeiramente, discute as noções complexas de professor e estudante, a noção de linguagem e define sala de aula, como apresentado na literatura educacional brasileira. A análise dos dados está baseada em: 1) oito textos de sala de aula (a interação entre o professor e estudantes) gravados e transcritos, e 2) uma extensa entrevista com a professora sobre suas atividades de sala de aula e crenças educacionais. A análise de dados e discussão mostram uma intenção e esforço genuínos da professora para organizar sua sala de aula de uma maneira 'dialógica'. Entretanto, os resultados de tal esforço são um discurso de sala de aula semelhante a um coro coletivo de vozes, respondendo as perguntas e ensinamentos da professora. O estudo também mostra uma professora comprometida com seus alunos, continuamente tentando organizá-los como uma comunidade de aprendizagem, porém, apesar de todas as 'renormalizações', a melhor resposta que a professora consegue obter de seus alunos é a voz uníssona, como de um 'coral' regido por ela.

Palavras-chave: sala de aula, dialogia, interação, (re)normalizações.

ABSTRACT

The study discusses the interaction between learners and teacher in the classroom of a public school in Brazil. Among the many issues involved in the teaching of a public school, the study focuses on the theoretical and practical issues related to the student-teacher interaction, questioning if it is possible in such a specific situation to organize a 'community of practices' based on a dialogic interaction as defined by the 'Circle of Bakhtin'. The study, therefore, undertakes the critical issue of the 'renormalizations' which are a frequent practice of classroom pedagogy because planning can never foresee all the singularities of a 'community of practices', particularly a community of learning. The study, therefore, aims at developing the following general objective: to investigate whether it is possible to introduce in the elementary public school a methodology which has as its main objective to organize a classroom in which teachers and pupils interact in a dialogic manner for the purpose of learning. To implement such a project, the study first discusses the complex notions of teacher and student, the notion of language and defines classroom, as presented in the Brazilian educational literature. The analysis of the data is based on: 1) eight classroom texts (the interaction between teacher and students) taped and transcribed, and 2) on a lengthy interview with the teacher about her classroom activities and educational beliefs. The data analysis and discussion show a genuine intention and effort from the teacher to organize her classroom in a 'dialogic' manner. However, the results of such an effort are a classroom discourse similar to a chorus collective response of students to the teacher's questions and teaching. The study also shows a teacher committed to her students, continuously trying to organize them as a community of learning, however, in spite of all the 'renormalizations', the best response the teacher can get from her students is a 'chorus' response.

Key words: classroom, dialogy, interaction, (re)normalizations

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: UM DESABAFO E UM PLANO.....	8
1 ESCOLA E PROFESSOR.....	15
1.1 A sala de aula.....	15
1.2 Professor e aluno	23
2 A DOCÊNCIA.....	30
2.1 Conceito de trabalho.....	30
2.2 Atividades do professor.....	33
3 LINGUAGEM.....	36
3.1 Interação e aprendizagem	38
3.2 Linguagem e dialogia.....	40
4 UNIVERSO DA PESQUISA E INFORMAÇÕES METODOLÓGICAS.....	46
5 ANÁLISE	50
5.1 A professora ensina pelo(a).....	51
5.1.1 Convite.....	52
5.1.1.1 Cordial.....	52
5.1.1.2 Persuasivo.....	59
5.1.2 Comando.....	61
5.1.3 Ameaça.....	66
5.1.4 Atividade Lúdica	69
5.1.5 Coral de vozes uníssonas.....	72
5.1.6 Interação com os alunos.....	75
5.1.7 Participação dos alunos	79
5.2 A professora ensina.....	80
5.2.1 Conteúdos	80
5.2.2 Cidadania	81
5.3 Normalizações e renormalizações da professora.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA SUMARIZAÇÃO E PERSPECTIVAS	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
ANEXOS.....	101
ANEXO A – Termo de Consentimento para a Escola.....	102
ANEXO B – Termo de Consentimento para Pais ou Responsáveis.....	103
ANEXO C – Transcrição da Aula da Ivoni (27/05/2008).....	104
ANEXO D – Transcrição da Aula da Ivoni (29/05/2008).....	134
ANEXO E – Transcrição da entrevista com a professora Ivoni.....	166

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: UM DESABAFO E UM PLANO

Pesquisas e práticas educacionais evidenciam a preocupação dos professores com sua prática docente e o ideário que lhes serve de arcabouço teórico. Este estudo procura discutir a interação entre o professor e seus alunos em sala de aula durante o trabalho realizado pelo docente. Salienta-se o aspecto interacional porque, em muitas salas de aula da escola pública brasileira, a interação professor-aluno, aluno-aluno, professor-instituição, é problemática e muitas vezes uma tarefa quase impossível.

Por outro lado, a prática docente é muito complexa, envolve problemas de formação, de conteúdo curricular, problemas políticos, salariais, desestabilização da estrutura familiar, todos se refletindo na escola.

É também verdade que o sistema educacional brasileiro, como apresentado na mídia nacional, mostra uma utópica valorização numérica discente. Os alunos são computados nas estatísticas brasileiras de aprovação com o objetivo de aumentar o número de alunos aprovados, o que resulta em verbas para as escolas das diferentes regiões do país. Os discentes são promovidos, chegam ao Ensino Médio com graves deficiências no uso da língua portuguesa e conhecimentos de matemática. Quanto aos professores, pode-se compará-los a operadores de máquinas, ao estilo taylorista, e alunos como meros receptores que no fim do ano letivo entram para o índice de aprovações, mesmo com os déficits de aprendizagem já citados.

Assim, pretende-se estudar como a tarefa do professor se realiza numa sociedade e escolas conturbadas, neste início do século XXI, repleto de novidades tecnológicas, tendo como contraponto escolas públicas carentes, ainda utilizando copiadora manual como recurso didático. Pode-se verificar um grande descaso das políticas públicas para com a educação, os docentes e os alunos.

O descaso também é visível nas forças vivas da sociedade, que parecem considerar os professores como meros trabalhadores menores, esquecidos e, fundamentalmente, marginalizados.

Por outro lado, percebe-se que os professores estão angustiados com o seu trabalho, com a formação de seus alunos, pois sonham fazer um trabalho voltado para o ensino, informar os alunos sobre a sexualidade, a ecologia, a ética, as artes,

inclusive as artes da aprendizagem, o conhecimento do mundo profissional e a cidadania.

Pode-se afirmar que, na sociedade atual, o trabalho do professor não é suficientemente reconhecido. Muitos profissionais de outras áreas são mais valorizados, tanto social como economicamente. A antiga autoridade docente, tanto reconhecida pelo saber quanto pelo *status* de “transmissor de conhecimento”, deu lugar a um estado de incertezas e insegurança.

O saber docente do professor já não é mais reconhecido e sua formação, em muitos casos, deixa a desejar. As instituições de ensino, por sua vez, não têm proporcionado a formação continuada dos seus docentes e os próprios governos não têm tomado atitudes no sentido de recuperar o prestígio e a competência docentes na educação brasileira.

Pode-se afirmar que os professores da escola pública vivem uma situação tumultuada. Os governos estadual e municipal, por meio de mudanças arbitrárias, burocráticas e autoritárias, em vez de propor mudanças para recuperar a auto-estima dos professores e proporcionar-lhes oportunidades de formação de qualidade, fazem emergir o descontentamento. Várias medidas, visando essencialmente ao enxugamento financeiro, como aglutinação de turmas, carga horária extenuante, salas de aula inadequadas, materiais de ensino deficitários e antiquados e não previsão de reuniões pedagógicas por área, têm dificultado o trabalho do professor da escola pública.

Assim, ao circular pelo universo escolar, fica-se sensibilizado pela dificuldade e imprevisibilidade do fazer pedagógico. Frequentemente, o projeto traçado com esmero e dedicação pelo professor não pode ser implementado por falta de condições do ambiente escolar ou de sala de aula.

Com o intuito de responder a essas dificuldades, este estudo pretende desenvolver o seguinte objetivo geral: investigar a possibilidade de aplicação, na escola pública fundamental, de uma metodologia que tenha como objetivo principal organizar uma sala de aula interacional, na qual professores e alunos interajam de uma maneira dialógica com a finalidade de aprender.

Educadores e pesquisadores têm discutido e apresentado sugestões para melhorar o cenário educacional. Tardif e Lessard (2005), no entanto, afirmam que o estudo da docência, entendida como trabalho, continua negligenciado, portanto faz-se necessário desenvolver projetos que discutam essa problemática. Os mesmos

autores também observam que os responsáveis escolares adotam uma atitude prescritiva quanto às tarefas e aos conteúdos escolares: introduzem medidas de eficiência e um controle do tempo, (divisão do tempo letivo em períodos, por exemplo), que torna o trabalho escolar cronometrado, autoritário e vigiado. Desenvolver a dialogia com os minutos controlados é uma tarefa difícil, pois, quando o debate flui com os alunos, a sirene toca e a aula é interrompida. No trecho a seguir, extraído da obra *O Trabalho Docente* de Tardif e Lessard (2005, p. 35), verifica-se que a dialogia, a interação entre os membros da sala de aula é difícil:

Como dizíamos, os alunos são clientes forçados, obrigados que são a ir para a escola. A centralidade da disciplina e da ordem no trabalho docente, bem como a necessidade quase constante de “motivar” os alunos, mostram que os professores se confrontam com o problema da participação do seu objeto de trabalho — os alunos — no trabalho de ensino e aprendizagem. Eles precisam convencer os alunos que a escola é boa para eles, ou imprimir às suas atividades uma ordem tal que os recalcitrantes não atrapalhem o desenvolvimento normal das rotinas do trabalho. Em síntese, os alunos precisam acreditar no que é dito a eles ou fingir que acreditam e não perturbar os professores e os colegas de classe.

Segundo essa perspectiva, a escola atual ainda mantém um perfil de aluno e ambiente escolar descrito pelo pensador Michel Foucault (1987). Os alunos são considerados corpos dóceis, que devem ser adestrados, treinados, seguindo normas, horários e disciplina como os soldados, os presos, os loucos nos manicômios ou os operários de fábricas ao estilo taylorista.¹

A pesquisadora deste estudo procura vislumbrar um outro aluno e outra relação docente/educando, ou seja, da perspectiva dialógica, em que o discurso de um permeia o discurso de outro e, juntos, constroem o saber.

Ainda segundo Tardif e Lessard, na obra citada, o trabalho docente não consiste apenas em cumprir ou executar, mas é também a atividade de pessoas que não podem trabalhar sem dar sentido ao que fazem, é uma interação com outras pessoas: os alunos, os colegas, os pais, os dirigentes da escola, a comunidade.

Assim, o estudo pretende desenvolver o seguinte objetivo geral: investigar a possibilidade de aplicação, na escola pública fundamental, de uma metodologia que tenha como objetivo principal organizar uma sala de aula interacional, na qual

¹ Modelo de administração desenvolvido por Frederick Winslow Taylor (1856-1915). Caracteriza-se pela ênfase nas tarefas, objetivando-se aumentar a eficiência da empresa aumentando-se a eficiência ao nível operacional.

professores e alunos interajam de uma maneira dialógica com a finalidade de aprender.

Como objetivos específicos, esta investigação visa a (a) discutir a noção de professor, aluno e escola; (b) investigar o discurso pedagógico da professora, observando como este discurso lida com a heterogeneidade e as funções da escola no processo da aprendizagem; c) fazer uma discussão sobre as implicações pedagógicas dos resultados desta análise.

Para o desenvolvimento dos objetivos, utiliza-se a seguinte metodologia: a) gravação de aulas com a posterior transcrição; b) criação de um espaço de fala para a professora, organizado na forma de entrevista referente a duas aulas ministradas por ela na segunda série do Ensino Fundamental. Na entrevista abordam-se aspectos relacionados com a docência, o ensino, a identidade, a representação da profissão, a noção de aluno e de escola.

Como os objetivos indicam, este trabalho de pesquisa está voltado principalmente à interação da professora, sujeito deste estudo, mas também faz reflexões referentes ao discurso dos alunos, procurando analisar diferentes sentidos produzidos por estes atores. O foco na professora foi motivado pela sua prontidão em aceitar, com interesse e receptividade, participar da investigação aqui relatada.

O estudo se realiza, pois, dentro do paradigma qualitativo interpretativista. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 70), “o objetivo dos investigadores qualitativos é o de melhor compreender o comportamento e experiência humanos”. Tentam compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e procuram apresentar estes significados aos seus interlocutores. Dessa forma, para que o investigador qualitativo tenha uma melhor compreensão de seu objeto de estudo, é interessante que ele esteja imerso no ambiente de ocorrência, preocupando-se em estudar o comportamento no seu contexto social. Por esse motivo, optou-se pelos procedimentos metodológicos já explicitados, de gravações em sala de aula com a presença da pesquisadora e entrevista com o sujeito da pesquisa.

Salienta-se, outrossim, que a pesquisadora trabalha na escola, e nem sempre foi possível estar presente durante todo o período das gravações das aulas. Foram gravadas oito aulas, mas os dados de análise, ou seja, o recorte é feito de duas aulas, a de número dois, gravada no dia 27 de maio, e de número três,

gravada no dia 29 de maio de 2008, que foram inteiramente assistidas pela pesquisadora.

Nas primeiras gravações notou-se que os alunos mais salientes queriam chamar a atenção, enquanto os mais tímidos, possivelmente, ficaram ainda mais quietos do que o normal, havendo interação somente entre os demais colegas e a professora titular. Contudo, pôde observar-se que a presença da professora pesquisadora no decorrer da pesquisa pareceu tornar-se algo normal para os alunos, não alterando seu comportamento. Observou-se o mesmo nas atitudes da professora.

A base teórica que legitima a interpretação dos dados desta pesquisa baseia-se na dialogia bakhtiniana (Bakhtin/Volochinov, 2004), segundo a qual a matéria linguística é indissociável de um processo ativo e responsivo. Bakhtin e seu Círculo propõem que a ação humana está diretamente ligada ao uso da língua, pois a linguagem se produz numa dialética social e emana de diversas esferas de atividade. A obra de Bakhtin prima pela relevância à palavra do outro no discurso em diferentes graus de alteridade e à abertura a discursos variados (presentes, passados e futuros), ressaltando a pluralidade. Pode-se então afirmar, com base no paradigma bakhtiniano, a pertinência da abordagem dialógica para a análise das situações de trabalho, assim como definido neste estudo pela docência.

Tendo como base essas abordagens teóricas, a pesquisa se justifica pela necessidade de compreender aspectos relevantes referentes à atividade profissional docente, como, por exemplo, a forma como ocorre o embate entre as “normas antecedentes”, referentes à escola, às normas do próprio profissional, coordenação pedagógica, orientação educacional, direção, colegas professores, e as “renormalizações”, em que o trabalhador faz “uso de si”, ou seja, procura administrar as variabilidades da atividade que realiza, no caso deste estudo, o trabalho da professora com seus alunos.

Nesse sentido, noções de ergonomia, ergologia e clínica de atividade serão retomadas no capítulo dois, para que se compreendam os conflitos existentes entre a teoria e a prática no trabalho docente quanto à aplicação de uma aula dialógica. Esse processo de compreensão pode interessar aos envolvidos nessa prática: professores, coordenadores e orientadores educacionais, direção e todos que se interessam pela formação docente nos três níveis de ensino.

Para atingir os objetivos propostos, esta dissertação está organizada em cinco capítulos, antecidos das considerações iniciais e sucedidos pelas considerações finais. O capítulo 1 discute as noções de *Professor, escola* e as funções do professor na sala de aula. A seguir, o capítulo 2 apresenta *O Trabalho Docente*, abordando a ergonomia da atividade, ergologia e clínica da atividade e a atividade de trabalho do professor, importantes para entender-se o trabalho desenvolvido pelo professor na sala de aula.

O capítulo seguinte, capítulo 3, discute a aprendizagem com ênfase na interação; discute-se, também, *Linguagem e diálogo*, com uma abordagem bakhtiniana sobre esse tema.

No capítulo 4, *Universo da Pesquisa*, apresenta-se a escola investigada e suas especificidades, além dos procedimentos metodológicos a serem adotados na coleta e análise dos dados.

No capítulo 5, a *Análise*, é feita uma discussão dos registros transcritos obtidos através da gravação de duas aulas, juntamente com a entrevista da professora.

Nas considerações finais, faz-se uma sumarização dos resultados e suas implicações pedagógicas. De acordo com o arcabouço bakhtiniano, essas considerações finais não poderiam ser “acabadas”, mas apenas considerações finais parciais que abrem espaço para futuras reflexões referentes ao objeto de estudo desta pesquisa, o confronto da teoria, a qual o professor julga seguir, com a prática da sala de aula em que se procura estabelecer a dialogia pedagógica na construção do saber. Termina-se o texto com a apresentação das referências bibliográficas e com vários anexos.

1 ESCOLA E PROFESSOR

1.1 A sala de aula

Escola é um lugar complexo; distintos autores propõem diferentes definições; mas, para o senso comum, “escola é um lugar amplo, com inúmeros espaços de trabalho para os professores e alunos”. Esta pesquisa focaliza o espaço da sala de aula como um contexto para a interação, para a aprendizagem e, de acordo com os objetivos propostos, a pesquisa se detém na interação, na dialogia, que se estabelece entre alunos e professora no processo de ensino e aprendizagem. Por isso, parece importante verificar o que a literatura diz sobre escola e o professor, suas funções e características.

Apesar de o foco desta pesquisa estar na sala de aula, é pertinente abordar a escola, ambiente em que se situa a sala de aula e os alunos. A escola já existia na cultura da Grécia antiga. As pessoas se reuniam em praças públicas para praticar filosofia e trocar ideias. Uma escola na contemporaneidade é mais complexa, é formada por diferentes pessoas, sendo o diretor aquele que dirige, o professor quem ensina, os funcionários que arrumam o ambiente escolar para o ensino e a aprendizagem. A escola também é dirigida (influenciada) por funcionários governamentais, políticos governantes e por associações que se articulam na própria escola, como os pais, os amigos da escola.

Segundo Tardif e Lessard (2005), a escola, como se conhece hoje, é o produto de uma evolução histórica. Iniciou-se, aproximadamente, no século XVI, com as escolinhas de caridade e os primeiros colégios conventuais de padres. No entanto, apenas no fim do século XVIII, essa instituição se consolidou e se difundiu na sociedade. Nos séculos XIX e XX, tem-se a estatização, a obrigatoriedade e a democratização do ensino.

Tardif e Lessard (2005) ainda pontuam ser interessante observar que a escola conservou durante séculos uma organização básica relativamente estável, ou seja, uma administração e uma burocracia cada vez mais pesadas e onipresentes. Para os autores, (2005, p. 57) “é, portanto, essa estrutura, com suas características, suas invariáveis, que gostaríamos de desnudar, para bem demonstrar como ela intervém, qual um dispositivo condicionante do trabalho docente”. Os mesmos autores ainda sugerem que a escola surge como organização separada dos outros espaços sociais. Além das inúmeras variações entre períodos e regiões da Europa, pode-se dizer que entre os séculos XVI e XVIII assiste-se, sobretudo graças aos esforços de

comunidades religiosas de ensino, como os Irmãos das Escolas Cristãs e de grupos semelhantes, à emergência e à estruturação de uma forma de educação, que se tornou dominante a seguir, a saber, a escolarização, termo que engloba a complexidade a que nos referimos anteriormente.

A organização escolar se desenvolveu rapidamente. Entre os séculos XIV e XVIII, os países europeus dispõem de inúmeras escolas (colégios e escolinhas) funcionando já segundo um modelo relativamente difuso: alunos jovens, de idade homogênea, repartidos em classes de composição estável em função de seu domínio escolar precedente; esses alunos não têm a mínima noção dos objetivos de sua formação e espera-se deles uma atividade receptiva a um saber transmitido por adultos que têm por única ou principal função ensinar.

Em seguida, o fenômeno escolar mostra que ele corresponde a uma forte necessidade interna das sociedades modernas e, voltando novamente a Tardif e Lessard (2005), a escola apresenta, desde o fim do século XVII, as seguintes características que estão em vigor ainda hoje:

1. Ela baseia-se sobre um certo número de dispositivos institucionais, espaciais e temporais, que delimitam e estruturam um espaço social autônomo, fechado e separado do ambiente comunitário e dentro do qual as crianças são submetidas a um longo processo de aprendizagem (socialização e instrução) estendido em vários anos.

A escola nasce, portanto, como organização, no momento em que os estabelecimentos escolares mantêm as crianças no interior de seus muros e cercas, para submetê-las a um tratamento particular, coletivo e comum, de longa duração, que parece não tem equivalente em outros contextos das comunidades sociais, junto com a institucionalização da escola.

Com o advento da escola moderna aparecem novas relações sociais educativas entre novos grupos e atores — os alunos e os professores — no seio de uma nova organização social. Essas relações sociais repousam num novo sistema de práticas que se chamará de pedagogia escolar: exercícios, memorização, repetição, correções e recompensas, exames, deveres, etc. Essa pedagogia apresenta três características: ela é codificada, ou seja, é objetiva e escrita; ela é endereçada a coletividades de alunos, a grupos e não a indivíduos; é impessoal e regulamentar, válida para todos os membros da organização, tanto mestres como alunos.

Esse novo sistema de práticas prescreve diversas atitudes e impõe vários comportamentos sociais que se tornarão, em seguida, tipicamente escolares: posturas e atividades corporais regulamentadas, controle da presença e dos movimentos, controle do tempo, vigilância dos alunos pelos mestres, obediência, etc. Enquanto espaço social novo, a escola vai definir, portanto, através dessas atitudes e comportamentos, um novo registro de relações sociais entre aqueles que ensinam e aqueles que aprendem, ou seja, as relações são escolarizadas, moduladas e mediadas pelas regras da vida da escola. Estes preceitos escolares são especialmente interessantes para compreendermos a importância da interação na sala de aula.

2.A escola utiliza-se de vários instrumentos, como livros, cadernos, manuais, quadros, etc. que têm em comum o fato de serem escritos e de serem artefatos transmissores da cultura escrita, de saberes escritos, codificados, objetivados. O discurso escolar é, fundamentalmente, um discurso escrito. Dessa forma, distingue-se de outras formas que se utilizavam da oralidade para ensinar.

3.Por fim, como uma construção humana coletiva, ela possui um projeto comum que é o agir em profundidade sobre os alunos, visando socializá-los, moralizá-los e instruí-los, segundo as regras próprias da organização. A escola portanto, surge, como uma necessidade das sociedades modernas e isso remete a Michel Foucault (1987), que vê, na mesma época do alvorecer da escola, o surgimento de outros espaços disciplinares, como os hospitais, as prisões, as fábricas, onde os seres humanos são docilizados e submetidos a uma socialização que visa atingir os objetivos da sociedade, funcionando segundo lógicas semelhantes à da escola.

A escola atual procura ser uma comunidade de práticas, na qual a aprendizagem é o objetivo comum de seus membros. Por outro lado, pode-se afirmar que a mudança na forma da interação professor-aluno é lenta porque, durante muitos anos, se acreditava que o professor deveria ser o centro do processo de aprendizagem e, o aluno, apenas um receptor que aprendia quando se sentia apto para repetir as lições que memorizava. Nessa visão de ensino, aplaudia-se o silêncio, e a imobilidade do aluno e a sapiência do mestre, além de se pensar o conhecimento como informações pré-organizadas e concluídas que se passavam de uma pessoa para outra. Portanto, de fora para dentro, do mestre para o estudante.

Ensinar significava difundir o conhecimento, impondo normas e convenções para que os alunos o assimilassem. Estes levavam para a escola a boca – porque da mesma não podia se separar - mas toda a aprendizagem dependia do ouvido, reforçado pela mão na tarefa de copiar.

Essa maneira de pensar escola, professor, aprendizagem e aluno sobreviveu por muito tempo e entrou no século XX. “Excelente professor era o que mais sabia e não quem melhor ensinava, pois a aprendizagem era uma responsabilidade do aluno e, se este não a conquistasse, que repetisse o ano tantas vezes quanto necessário ou quanto pudesse resistir” (ANTUNES, 2008, p.17).

Um dos movimentos que veio revolucionar a noção de escola foi o movimento da Escola Nova, que se iniciou no século XIX, e apenas no século XX eclodiu de maneira ruidosa, não como uma revolução ou batalha cujo campo de ação se define, mas como reflexo da popularização de pensamentos novos que questionavam a escola convencional e que se mostravam, segundo Antunes (2008), em obras e em ações de Pestalozzi, John Dewey, Rudolf Steiner, Maria Montessori, Jean Piaget, Anton Semiónovich Makarenko, Ovide Decroli, Paulo Freire, apenas para nomear alguns.

Selecionaram-se nove tópicos referentes aos fundamentos que a Escola Nova buscou promulgar, segundo Antunes (2008, p. 20-1):

a) a certeza da autonomia do educando e o aplauso a suas iniciativas pessoais como eixo central da educação de qualidade; b) a certeza de que os alunos são diferentes e, portanto, aprendem de forma autônoma e diferenciada, conforme estilos que jamais se generalizam; c) a certeza de que a curiosidade natural do aluno constitui o foco de seu interesse em torno dos quais as situações de aprendizagem se definem; d) o direito ao protagonismo do aluno que propõe sua participação ativa na gestão do processo de aprendizagem e cooperação; e) a certeza de que a passividade do aluno se opõe à sua aprendizagem e, dessa forma, a valorização de métodos centralizados nos interesses e nas necessidades físicas, cognitivas, emocionais e sociais dos alunos; f) a valorização de atividades ao ar livre e a compreensão de que a aprendizagem de sala de aula se associa aos experimentos realizados em oficinas e laboratórios, às aulas de campo e muitas outras atividades cotidianas no ambiente que as envolve; g) a articulação entre a vida intelectual e o desenvolvimento de competências que não dispensam atividades materiais e sociais que valorizam a dignidade de toda forma de trabalho; h) a certeza

de que é a educação o meio essencial para capacitar as crianças a desenvolverem plenamente suas aptidões e competências pessoais; i) a certeza de que o castigo e todo e qualquer ato que vise a cercear a espontaneidade do aluno deve ser banido.

Não é difícil perceber que as reflexões que inspiraram o movimento da Escola Nova têm como fulcro a certeza de que o professor e o aluno são os atores da aprendizagem. Dessa forma, uma aula de qualidade deve primar pela ação dinâmica do aluno, conduzida com sutileza pelo professor. Ensinar passou então a “significar”, a estimular os alunos a confrontar-se com informações relevantes no âmbito da relação que estes estabelecem com uma realidade, capacitando-os a reconstruir os significados atribuídos a essa realidade e a essa relação.

Ainda segundo Antunes (2008), não se aprende sem o confronto entre os saberes e o conjunto de significados que cada um constroi. Bohn (2009) amplia este debate afirmando que a sala de aula é um lugar complexo em que inúmeras variáveis atuam, relacionadas com o próprio educando, com o professor, com os materiais de ensino e com o contexto sócio-cultural em que a sala de aula está situada.

Arroyo (2008), ao discutir aspectos educacionais, salienta a importância do professor. Segundo o autor (p.9), “Precisamos repor os mestres no lugar de destaque que lhes cabe. Percebemos que eles são mantidos em segundo plano”. Segundo o autor, as escolas são mais destacadas nas políticas, na teoria e até nos cursos de formação do que os seus profissionais. Estes aparecem como um apêndice, um recurso preparado ou despreparado, valorizado ou desvalorizado. Depois que se decide a construção da escola, os currículos e seus parâmetros, as políticas de qualidade ou de democratização da educação, pensam nos recursos humanos que darão conta da tarefa.

Arroyo (2008) continua sua argumentação, afirmando que até no imaginário social e das famílias, quando se pensa na educação da infância ou dos filhos, se pensa na escola. “Toda criança na escola”. “A escola de meus filhos”. “Em que escola estuda seu filho?” Quando se pensa na saúde dos filhos ou da infância, não se pensa no hospital, mas no médico. Saúde lembra médicos. “Educação nos lembra a escola, não seus profissionais, os educadores.” Estes não conseguem ser a referência, mas a instituição escola. Até a história da educação estudada pelos professores(as) é a história da escola, dos sistemas de ensino, não sua história profissional, dos seus saberes de ofício.

Entretanto, os pedagogos existiram antes do que a pedagogia e do que as escolas. O magistério é anterior às instituições de ensino, porém, segundo o autor, no imaginário sobre a educação, houve uma despersonalização que não acontece em outros campos sociais. O imaginário sobre o magistério tem muito a ver com a despersonalização da educação. A professora e o professor são vistos apenas como apêndices.

Apesar de todas as mudanças ocorridas, o formato da sala de aula “salta aos olhos”, pois como destaca Erickson no prefácio da obra *Cenas da Sala de Aula* (in COX/ASSIS-PETERSON, 2001, p.10-1):

Salas de aula, e principalmente as de escolas públicas, são comumente similares onde quer que sejam observadas; elas são bastante semelhantes dentro de um dado país quando observadas através das circunvizinhanças, cidades e regiões, e são também bastante semelhantes quando observadas através de vários países ao redor do mundo. Há aproximadamente 140 anos, as salas de aula típicas são construções retangulares, com janelas de um lado, um quadro-negro na frente e uma porta, perto da frente, na parede oposta à das janelas. Há muitas crianças e jovens presentes e somente um ou poucos adultos. Isso é óbvio, mas não trivial – deve-se notar que em nenhuma outra cena do cotidiano vê-se esta proporção de jovens por adulto: um mínimo de 25:1 e frequentemente de 40:1 ou mais. Quando o professor está dando aulas expositivas, ele se dirige à sala toda. De vez em quando, o professor pode se dirigir a um só aluno, ou os alunos podem falar entre si em pequenos grupos.

Conforme ainda discorre Erickson (2001, p.11), “de uma sala para outra, há diferenças sutis na organização da interação entre os vários participantes e na organização da interação deles com os materiais educacionais”. Tais sutilezas fazem diferenças no tom e na morale – na postura e no comprometimento em relação à aprendizagem e ao ensino de uma sala para outra, mesmo quando as salas adjacentes são frequentadas por alunos da mesma idade e da mesma comunidade, de origem linguística e socioeconômica semelhantes.

Quem também discute longamente a sala de aula é Paulo Freire (1983). Segundo o autor, numa sala, o professor pode expor e transmitir o conhecimento como uma mercadoria possuída por alguém que não o aluno. Isso é que o autor chamou de “modelo bancário” de educação.

Os alunos ouvem a qualidade da fala do professor, que lhes sinaliza sobre que tipo de pessoa tem autoridade. Aquela fala lhes dá pistas sobre que tipos de relações sociais podem ocorrer na sala de aula. Shor e Freire (1996) sugerem estudar o discurso dos alunos, as frases que expressam o ritmo, a tonalidade, a linguagem corporal também pode trazer pistas sobre o entendimento que os alunos

estão tendo, visto que, na maior parte do tempo, a fala do professor, a subjetividade do professor é privilegiada sobre a dos alunos. O professor só poderá conhecer o idioma do aluno se lhe for permitido se manifestar, falar; se o professor criar condições discursivas em que seja possível os alunos abrirem, revelarem o que sabem nas palavras que eles sabem. “Uma fala profissional imponente convalida suas culturas do silêncio ou da sabotagem” (Shor e Freire, 1996, p.173).

Nesse contexto, Christensen, Horn e Johnson (2008) argumentam que cada aluno aprende de um modo diferente. Sabe-se disso intuitivamente. Aprende-se melhor por métodos diferentes, com estilos diferentes e em ritmos diferentes. Lembra-se da escola e do esforço para compreender um conceito que um amigo entendeu imediatamente. Contudo, quando um amigo explicava um mesmo conceito de um outro jeito, entendia-se.

Ressalta-se ainda que, assim como se sabe intuitivamente que cada um aprende de determinado modo, também se sabe que cada pessoa precisa de uma abordagem de aprendizagem customizada para maximizar seu potencial. Entretanto, tal como recordamos de nossos tempos de escola, existe muito mais padronização do que customização. “As escolas ensinam usando um sistema monolítico em lote. Uma vez que colocam os alunos em grupos, quando a classe está pronta para passar para o próximo conceito, todos os alunos vão junto, independentemente de quantos aprenderam o conceito anterior (mesmo que isso seja pré-requisito para aprender o conteúdo seguinte)” (CHRISTENSEN, HORN e JOHNSON, 2008, p. 9).

Se o objetivo é educar todos os alunos para que alcancem seu máximo potencial, as escolas precisam afastar-se do modelo monolítico da sala de aula rumo a um modelo centrado no aluno, com um desenho modular que permita a customização. A aprendizagem baseada no computador está surgindo como força perturbadora e oportunidade promissora para fazer essa mudança. “O uso correto da tecnologia como plataforma para aprendizagem oferece a chance de modularizar o sistema e, assim, customizar a aprendizagem” (op. cit. p.10).

Guy Claxton (2008) também aborda em seu artigo a customização dos currículos, embora não defenda este método como o fizeram Christensen, Johnson e Horn. Claxton discorre a respeito da ideia de “personalizar a aprendizagem”.

“Quem poderia ser contra “escolher”? Com certeza, você não prefere a servidão. Mas escolher o quê? Escolher para que objetivo? Obviamente é uma “coisa boa” que os alunos e seus professores possam “customizar” seus currículos, como fazem com seus cafés? “Duplo com leite desnatado e canela, por favor”. Primeira e Segunda Guerra Mundial sem os Balcãs, e

Palestina extra, por favor. Vamos silenciosamente excluir o holocausto por medo de que ele desperte alguma dissensão genuína, ou provoque a expressão de opiniões repugnantes? É esta a medida de nossa visão moral?." (p.9)

Segundo Claxton (2008), um dos motivos pelos quais a educação está patinando é porque não tem uma noção clara de que virtudes quer desenvolver em seus alunos, nem um vocabulário consensual para falar sobre tolerâncias, interesses e hábitos de pensamento que são imprescindíveis para que os alunos floresçam no meio da incerteza. É impossível "aperfeiçoar" o funcionamento das escolas se não tivermos uma ideia clara de quais virtudes são essas. "Para onde" e "por que" devem ter precedência sobre "como" e "o quê". Sem tal clareza, toda inovação recai obsessivamente sobre a "elevação de padrões" em sua definição tradicional – e inadequada. O necessário debate sobre valores e caráter é o que nos faltou até agora.

Para Claxton (2008, p.10), são necessárias oito virtudes e vantagens para a era da aprendizagem: curiosidade, coragem, exploração, experimentação, imaginação, disciplina, sociabilidade e capacidade de reflexão, pois

"quando não temos interesse em assuntos difíceis ou intrigantes, não nos envolvemos. Pessoas curiosas têm senso de espanto e admiração. Elas se perguntam como as coisas acontecem e como funcionam. Sabem fazer perguntas boas, pertinentes e penetrantes. São desafiadoras e têm um saudável ceticismo sobre o que lhes dizem".

Ou seja, na escola se realiza uma atividade de produção de saberes, científicos ou não, sistematizados ou não, levada a cabo por professores e alunos. Pode-se afirmar, segundo Tardif e Lessard (2005), que o ensino em ambiente escolar representa, em igual título que a pesquisa científica, o trabalho industrial, a tecnologia, a criação artística e a prática política, uma das esferas fundamentais de ação nas sociedades modernas, ou seja, uma das esferas em que o social, através de seus atores, seus movimentos sociais, suas políticas e suas organizações, volta-se reflexivamente a si mesmo para assumir-se como objeto de atividades, projetos de ação e, finalmente, de transformações.

Assim, segundo esses autores, o contexto escolar constitui, concretamente, um verdadeiro ambiente cuja contingência pesa enormemente sobre as condições de trabalho dos professores, tais como: falta de recursos e de tempo e a escassez de instrumentos pedagógicos. Todos esses fenômenos organizacionais, formais e

concretos, gerais e particulares, afetam profundamente o trabalho docente, sua atividade e seu status, sem falar da sua experiência da profissão.

Contudo, nem todos esses fenômenos se situam no mesmo plano, nem decorrem das mesmas causas. A escola não é um laboratório nem uma usina informatizada. Nela produzem-se muitas coisas que dependem das circunstâncias do momento ou de fatores humanos imprevisíveis ou incontroláveis. Nesse sentido, seria inútil exagerar a racionalidade dessa organização pretendendo explicar tudo nela e relacionar tudo a causas ou fenômenos simples e únicos. Oriunda de uma atividade coletiva, produzida por uma longa e sinuosa evolução social, a escola moderna possui, sem dúvida, algumas características típicas, mas também é uma organização extremamente flexível, capaz de adaptar-se, como vemos na sua atual mundialização, a uma vastíssima variedade de contextos sociais e históricos (TARDIF e LESSARD, 2005, p. 56).

Neste capítulo referente à escola, centrado na sala de aula, percebe-se que a interação professor-aluno na tarefa de ensinar é algo complexo. Apesar de se tentar passar a ilusão aos alunos de que os fatores envolvidos no processo ensino-aprendizagem estão sempre sob controle, é a imprevisibilidade do fazer pedagógico que normalmente se faz presente. Segundo Bohn (2007): “Precisamos compreender como funciona a sala de aula. Achamos que sabemos, mas sabemos muito pouco”.

1.2 Professor e aluno

Este estudo apresenta uma parcela ínfima do que é ser professor e as relações entre este, o aluno e a escola. Tomou-se a liberdade de elaborar um pequeno conceito sobre ser professor, ou seja, aquela pessoa que ensina a aprender e, através da interação com os alunos, também está no processo de aprender. Plagiando o escritor brasileiro Guimarães Rosa, do período modernista da década de 30 do século XX, “mestre não é quem sempre ensina, mas quem, de repente, aprende”.²

Iniciando este item pelo senso comum, acredita-se que, hoje, está mais difícil ser professor, como salientado na introdução; aliado aos baixos salários, à carga horária excessiva, soma-se a falta de valores que os alunos trazem de uma família que designa ao professor e à escola novas responsabilidades.

Percebe-se que a família mudou, os filhos passam horas longe dos familiares que possuem jornadas longas de trabalho. Normas de civilidade estão sendo esquecidas, tais como gentileza, educação e respeito. Parece senso comum que cabe, hoje, à escola, repassar os valores básicos da vida em sociedade para os alunos, deixando isto de ser uma tarefa da organização familiar.

² Enunciado extraído da internet no site blogspot.com/feeds/posts/default.

Os professores são agredidos não só verbal, mas também fisicamente. Além de terem de trabalhar sessenta horas, muitas vezes, para obterem um salário melhor, não conseguem horário para renovar seus conhecimentos. Os docentes são cobrados com relação à formação continuada e aperfeiçoamento, todavia, em nosso país, ao contrário das universidades e escolas federais que incentivam o aperfeiçoamento dos seus educadores, as escolas municipais e estaduais não fazem o mesmo. Reitera-se aqui que os governantes, tanto do âmbito municipal, quanto estadual, até permitem licença ou redução da carga horária do professor, desde que as equipes diretivas das escolas resolvam o assunto por sua conta, isto é, sem onerarem seus cofres com professores substitutos, o que torna quase inviável a qualificação continuada dos docentes.

Segundo Tardif (2005), corroborando com o acima exposto, pode-se dizer que os professores ocupam uma posição estratégica, porém socialmente desvalorizada, entre os diferentes grupos que atuam, de uma maneira ou de outra, no campo dos saberes. De fato, os saberes da formação profissional, os saberes disciplinares e os saberes curriculares dos professores parecem sempre ser mais ou menos de segunda mão. Eles se incorporam efetivamente à prática docente, sem serem, porém, produzidos por esta prática, pois a relação que os professores mantêm com os saberes é a de “transmissores”, de “portadores” ou de “objetos” de saber, mas não produtores de um saber ou de saberes que poderiam impor como instância de legitimação social de sua função e como espaço de verdade de sua prática. Noutras palavras, a função docente se define em relação aos saberes, mas parece incapaz de definir um saber produzido ou controlado pelos que exercem a função de desenvolver estes saberes nas novas gerações.

Ainda segundo Tardif (2005), além da posição socialmente desvalorizada ocupada pelos professores, estes viram seu campo de atuação ser restringido nos últimos trinta anos, alvos da intervenção de profissionais mais ou menos especializados. O saber docente pluralizou-se e diferenciou-se com o surgimento de subgrupos de especialistas e de docentes portadores e reivindicadores de saberes específicos (ortopedagogia, ensino pré-escolar, orientação escolar, etc). Dentro dessa perspectiva, poder-se-ia afirmar junto com Tardif (2005, p46) “O docente cuida da instrução dos alunos; a formação integral da personalidade não é mais sua competência”.

Veja-se, como exemplo, a variada gama de especialistas, como os orientadores educacionais, psicólogos, psicopedagogos etc, que povoam as escolas, com o objetivo de “orientar” os alunos em sua parte formativa da personalidade.

Ainda, Tardif (2005,p.31) reitera que “parece banal, mas um professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros”. Essa questão pode também ser observada no seguinte trecho:

Para evidenciar a posição estratégica do saber docente em meio aos saberes sociais, é necessário dizer que todo saber, mesmo o “novo”, se insere numa duração temporal que remete à história de sua formação e de sua aquisição. Todo saber implica um processo de aprendizagem e de formação; e, quanto mais desenvolvido, formalizado e sistematizado é um saber, como acontece com as ciências e os saberes contemporâneos, mais longo e complexo se torna o processo de aprendizagem, o qual, por sua vez, exige uma formalização e uma sistematização adequadas. De fato, nas sociedades atuais, assim que atingem um certo grau de desenvolvimento e de sistematização, os saberes são geralmente integrados a processos de formação institucionalizados coordenados por agentes educacionais. Por outro lado, apesar de ocupar hoje uma posição de destaque no cenário social econômico, bem como nos meios de comunicação, a produção de novos conhecimentos é apenas uma das dimensões dos saberes e da atividade científica ou de pesquisa. Ela pressupõe, sempre e logicamente, um processo de formação baseado nos conhecimentos atuais: o novo surge e pode surgir do antigo exatamente porque o antigo é reatualizado constantemente por meio dos processos de aprendizagem. Formações com base nos saberes e produção de saberes constituem, por conseguinte, dois pólos complementares e inseparáveis. Nesse sentido, e mesmo limitando sua relação com os saberes a uma função improdutivo de transmissão de conhecimentos, pode-se admitir, se não de fato pelo menos em princípio, que o corpo docente tem uma função social estrategicamente tão importante quanto a da comunidade científica e dos grupos produtores de saberes (Tardif, p.35).

Portanto, considerando a complexa relação entre a prática docente e os saberes, Tardif (p.39) ressalta que “os saberes fazem dos professores um grupo social e profissional cuja existência depende, em grande parte, de sua capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes enquanto condições para a sua prática”. O autor ainda questiona se os professores ocupam, no campo dos saberes, um espaço estrategicamente tão importante quanto aquele ocupado pela comunidade científica.

Procurando ampliar a reflexão sobre o que é ser professor, verifica-se conforme Tardif (2005), que o docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos. A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante e

onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são passíveis de interpretação e decisão, que possuem geralmente um caráter de urgência. Essas interações são mediadas por diversos canais: discurso, comportamento, maneiras de ser, etc. Elas exigem, portanto, dos professores, não um saber sobre um objeto de conhecimento nem um saber sobre uma prática, mas a capacidade de se comportarem como sujeitos, como atores e de serem pessoas em interação com pessoas.

Nesse sentido, com relação ao aluno, ainda segundo Tardif e Lessard (2005), encontra-se muito nas escolas o aluno visto segundo uma concepção foucaultiana, ou seja, um corpo dócil, que deve ser adestrado, mobilizado para responder aos objetivos previstos pela escola, na relação de sala de aula.

No entanto, o foco desta pesquisa contrapõe-se a essa visão disciplinadora, visto que se pretende estudar a interação dialógica entre docente e alunos em sala de aula e a relação destes com os instrumentos pedagógicos.

Por outro lado, Délcia Enricone, no livro *Ser Professor*, questiona: “Por que professor e não educador?” Todo educador é professor, mas se este nem sempre é, entretanto, pode se tornar um educador. Se não procurar sê-lo, acaba sendo um mero instrutor, um retransmissor” (ENRICONE, 2002, p.7). A mesma autora relembra que antigamente as pessoas iniciavam sua carreira docente no interior, mesmo que elas fossem moradoras da cidade. Seus salários naquele início interiorano não eram, segundo a autora, condizentes com a profissão. A moradia era precária, o deslocamento difícil, parco material didático, inadequadas condições físicas e materiais das escolas, classes multisseriadas, exíguo capital cultural dos alunos. Apesar de todas aquelas intempéries, a autora relata que as professoras daquela época não relatavam insatisfação. Extraímos um excerto para tentar exemplificar melhor o motivo da satisfação constatada por Maria Helena Abrahão (in ENRICONE, 2002, p. 20-1):

“Valores como: amizade e respeito pelos alunos, pelos colegas; afetividade, sinceridade, fraternidade; amor pela profissão, paixão pela educação, utopia/topia, idealismo, crença na educação; responsabilidade, empenho, dedicação, busca de maior competência no fazer pedagógico; simbiose entre vida pessoal e vida profissional, coerência entre o eu pessoal e o eu profissional e uma gama de valores morais, muito claros e fortes, são os ingredientes construtores da identidade dos destacados professores. São profissionais que se mostraram/mostram empreendedoras, fundam escolas, cursos, corais e/ou atuam em associações de classe, por exemplo; apresentam-se multi-culturais; valorizam a construção diuturna do conhecimento e são eternos aprendentes; são pessoas integradas e integradoras que souberam, de alguma forma, superar a influência de uma

formação mais calcada num fazer pedagógico tradicional. São profissionais que valorizam a liberdade de pensamento, de expressão e buscam o desenvolvimento do pensamento crítico e do potencial transformativo dos alunos. São, antes de tudo, crítico-reflexivo-transformativos da própria prática e das concepções teóricas que a sustentam”.

Hernandéz reconhece que “a formação do docente é essencial na qualidade da educação. Ainda segundo ele, as tendências de formação mostram uma nova concepção de docente, considerando-o um profissional competente, reflexivo e aberto à colaboração com seus colegas” (1998, p. 10-1). Esse é o pressuposto enfatizado por Elaine Turk Faria (2002, p.58): “O ideal vygotskyano referente ao papel do professor em orientar as situações de aprendizagem para que ocorra o compartilhar colaborativo da aprendizagem de forma a ocorrer a apropriação que vai do social ao individual.” Através do uso das novas tecnologias, a interação professor-aluno tende a crescer, pois os recursos tecnológicos facilitam a passagem do modelo mecanicista para uma educação sociointeracionista. Assim, as tecnologias facilitam a interação professor-aluno porque os aproxima através deste recurso de aprendizagem, agilizando o ensino conectado ao século XXI.

Houot (1991, p. 25), tentando exemplificar a imprevisibilidade da prática docente, criou uma metáfora bastante ilustrativa. Comparando um professor a um trapezista, ele diz:

Você dança sobre o trapézio há dois ou três meses, já. Contudo, cada vez que entra em cena, sente o mesmo pavor do primeiro dia porque deve trabalhar sem a rede. Sua aula não é um número que se possa repetir mecanicamente. Você tem diante de si um público que nunca é o mesmo e sabe preparar-lhe surpresas [...] Por que uma aula foi tão barulhenta e outra cativou a turma? Por que este novo conceito foi bem compreendido e aquele não? Você pensa ter convencido seus alunos, mas eles resistem. Imagina que eles compreenderam, mas eles se calam. Espera a contradição de seus alunos, mas desta vez eles fazem uma exceção... Para ensinar é necessário saber improvisar...

A improvisação referida é também postulada por Perrenoud (2000, p.21) ao reconhecer que

“o professor, a cada momento, realiza adaptações para administrar as incertezas. Os acontecimentos que constituem o cotidiano escolar nunca são os mesmos, o que impede a adoção de fórmulas derivadas de uma racionalidade técnica, as receitas, entendidas como prescrições que solucionam dificuldades emergentes. A obediência às receitas e rotinas pode desvitalizar a docência pela falta de interesse do professor para experienciar novas abordagens e pela mesmice da repetição de velhas soluções para velhos problemas. Como consequência dessa repetição rotineira, é provável que o professor nem sempre saiba explicar o porquê de certas atividades desenvolvidas. Tampouco se as mesmas se mantêm por força da necessidade, da ingenuidade, ou até da inércia”.

Segundo Grillo (2002),

“a busca da resposta pronta para uma situação incerta é sempre ilusória e inútil, pois situações que reúnem tantas especificidades como ensino, aprendizagem, relacionamentos interpessoais resultam do interjogo de afetividade, valores, diferenças, o que exige também muito de sensibilidade e intuição do professor para fazer a leitura precisa do que está ocorrendo no momento exato”. (p.77).

Claro, essa leitura do professor está sujeita à interferência de sua subjetividade, de seu estado emocional momentâneo, de sua preparação para uma aula determinada e das características de cada aluno e do grupo.

Grillo (op.cit) ainda afirma que a docência envolve o professor em sua totalidade; sua prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação. Nóvoa (1997, p.31) reitera que “ser professor obriga a opções constantes que cruzam nossa maneira de ser com nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser”.

Professor/educador é o profissional que procura sempre inovar-se em prol do ensino conectado ao mundo em que vive. Enricone (2002) enfatiza que

“a inovação implica revisão e transformação e pode incluir a ideia de revisão continuada. Na literatura especializada, as palavras inovação e mudança são encontradas sem distinções precisas. A inovação aparece como mudança concreta e delimitada, envolve a ideia de modificação do que existe ou da forma de realizá-la” (p. 43).

Desse modo, argumenta Enricone (2002), não são os professores os únicos criadores de inovação, mas, com certeza, são agentes ativos por suas convicções, experiências, identidade e, ainda, pela consciência do que é valioso em educação. Desse modo, são eles que, em última instância, decidem se querem ou não mudar, embora não se possa desconhecer o papel do Estado “como gestor do sistema educativo, como articulador do processo de mudança” (p.52).

Além das convicções, experiências, identidade, consciência do que é valioso em educação, suas crenças pessoais influenciam a docência do professor. Um aspecto importante na “gênese das crenças” de professores é o “aprendizado da observação”, termo cunhado por Lortie; segundo Pajares (1992), o termo sugere que, desde os primeiros anos de vida escolar na infância, as pessoas formam um conjunto de crenças a respeito do ofício docente através da observação da atuação de seus professores. Essas crenças já estariam formadas quando os futuros

professores entram na faculdade e, por causa da sua natureza rígida, são difíceis de mudar mesmo quando informações científicas a contradizem (PAJARES, 1992).

Ainda segundo o mesmo autor, de forma diversa de outras profissões, os futuros professores já conhecem seu ambiente de trabalho e não precisam (ou não são capazes) de redefinir seus conceitos a respeito dele (PAJARES, *ibid*).

Frente a essas considerações referentes a professor, aluno e escola, pode-se dizer que, para compreender a sala de aula e o que nela acontece, é preciso vivenciar com os “atores” (professores e alunos) o cotidiano escolar, e, mesmo assim, é complexo compreender o mecanismo de ensino-aprendizagem, pois as formas de ensinar mudam constantemente. Também, modifica-se o relacionamento professor-aluno conforme a sociedade se transforma, porque as exigências solicitadas ao professor na interação com uma turma de alunos são mutáveis.

Desse modo, explicita-se que esta pesquisa parte de uma definição de escola e sala de aula conforme os autores citados, ou seja, na organização e interação das salas de aula, existem diferenças sutis entre as diversas formas de interação e as maneiras como estas se organizam.

A partir dessas considerações referentes a professor e escola, julga-se pertinente abordar de forma mais específica, no capítulo 2, o trabalho docente.

2 A DOCÊNCIA

Os estudos sobre o trabalho são relevantes para a compreensão das peculiaridades do exercício da docência. Assim, este capítulo está organizado em duas seções, onde são abordadas *conceito de trabalho* e discorre-se a respeito do *trabalho do professor*.

2.1 Conceito de trabalho

A atividade de trabalho, para Clot (2004), à semelhança do enunciado bakhtiniano, pode ser entendida como uma réplica a outra atividade, pois retoma ou antecipa atividades variadas. A atividade realizada é a que venceu as outras, as quais não foram realizadas, mas continuam agindo e dão sentido às realizadas. Por outro lado, parece impossível desvincular linguagem e trabalho, pois, segundo Schwartz (2007), talvez se trate de uma relação imemorial, cuja complexidade está em torno de duas importantes atividades humanas.

Conforme discorre Faita (2002), o interesse das ciências do trabalho pelas questões relacionadas à linguagem é relativamente recente, enquanto nas demais Ciências Humanas e Sociais (sociologia, psicologia, etnologia, antropologia etc.) os problemas das relações entre a linguagem e a vida social, a linguagem e a subjetividade e as técnicas estão sendo debatidos há mais tempo.

A ergonomia surgiu em 1947, na Grã-Bretanha, com o objetivo de adaptar a máquina ao homem, considerando-se os fatores fisiológicos, na concepção de recursos técnicos e instrumentos que minimizassem os danos e os desconfortos causados pelo crescente processo industrial. A organização científica do trabalho, desenvolvida pelo taylorismo (FRANÇA, 2004), que entendia ser o trabalho apenas uma sequência de tarefas, já concebidas por outros e a serem cumpridas pelos trabalhadores, queria preservar as condições físicas do ser humano como forma de garantir produção e lucro.

Segundo o senso comum, ergonomia significa maior conforto na relação homem/objetos do cotidiano (cadeira ergonômica, teclado ergonômico). Embora seja importante a preocupação com a adaptação da máquina ao homem, o cerne do problema nem sempre é esse, pois, no entendimento da ergonomia francesa, a atenção está direcionada ao ser humano e questiona o mecanicismo taylorista, propondo a observação da distância entre o “prescrito” e o “real”. Nessa perspectiva,

percebe-se que o real não é uma mera execução do prescrito (como previa o regime taylorista), mas um modo de se relacionar com esse prescrito.

Segundo Souza-e-Silva (2005, p.14-5), a distância entre o prescrito e o real é, de modo geral, avaliada negativamente, mas pode também ser julgada positivamente. É avaliada negativamente quando o trabalho executado é diferente daquilo que havia sido prescrito, como resultado da má vontade dos assalariados, por exemplo. Mas, a distância prescrição/atividade pode também ser julgada positivamente, porque ela é percebida como reveladora de uma autonomia relativa, como reconhecimento do exercício das competências individuais mediante um conjunto de regras frequentemente elaboradas por terceiros.

Por exemplo, relacionando ao trabalho do professor, Amigues (2004, p.42) observa que “as prescrições desempenham [...] um papel decisivo do ponto de vista da atividade”. Mas por outro lado, as reformulações, ou as reorganizações que se distanciam do prescrito, são a própria constituição do trabalho do professor e dos alunos. Segundo o autor, o trabalho do professor é a atividade de um indivíduo socialmente situado, mediada por objetos que se inserem em um sistema amplo. Dessa forma, a partir das prescrições vagas, ou lacunares, o professor estabelece relações e transforma o prescrito em várias formas de ação reinventadas que, por sua vez, ele prescreverá aos alunos.

Tardif e Lessard (2005), por outro lado, discorrem sobre a importância, ou a diferença entre o trabalho sobre a matéria inerte (matérias-primas, produtos derivados, artefatos técnicos, utensílios, máquinas, dispositivos materiais, etc.) e a matéria viva (animais, vegetais, etc.). Os autores julgam considerável essa diferença, uma vez que o trabalho está na base das sociedades industriais modernas. Nessas sociedades, até um passado muito recente, o trabalho humano e, mais amplamente, da atividade humana, era definida de acordo com as orientações teóricas, como práxis ou atividade produtiva. Autores complementam suas ideias afirmando que tanto os marxistas como os funcionalistas e os liberais, passando pelos psicólogos e os engenheiros do trabalho e os ergônomos, tiraram os modelos teóricos do trabalho largamente das esferas das atividades sobre a matéria e sobre os artefatos técnicos.

Os autores ainda afirmam, como já salientado neste estudo, que o ensino é visto como uma ocupação secundária ou periférica em relação ao trabalho material e

produtivo. Apesar de que os dois autores discordam dessa ideia e resumem a oposição desta forma:

“Longe de ser uma ocupação secundária ou periférica em relação à hegemonia do trabalho material, o trabalho docente constitui uma das chaves para a compreensão das transformações atuais das sociedades do trabalho” (Tardif/Lessard, 2005, p.17).

Schwartz discute a noção de trabalho, porém não se preocupa especificamente com o trabalho do professor. Segundo o autor (2003, p.3) “o trabalhador enquanto trabalha reconstrói a sua história e a do momento coletivo, ele pensa seu próprio fazer”. Por entender que o trabalho é complexo, já que tem como centro o ser humano, Schwartz propõe um enfoque pluridisciplinar (filosofia, ergonomia da atividade, linguística, psicologia etc) para analisá-lo. A atividade passa a ser considerada como o debate constante entre normas antecedentes (o que antecede a atividade de trabalho, incluindo as prescrições mais ou menos situadas) e renormalizações (trabalho vivo). De acordo com essa perspectiva teórica, as normas que precedem a atividade são sempre lacunares, isto é, elas não dão conta da complexidade do trabalho que, por ser uma atividade humana, exige constantes renormalizações.

Assim, é possível estabelecer um diálogo com a noção de inacabamento bakhtiniano, uma vez que, para Schwartz (2003), há um aspecto lacunar na própria norma, que instaura um constante embate entre norma³ e renormalização, em que os saberes acumulados, cristalizados são reinventados.

Outra abordagem teórico-metodológica que tem como objeto a atividade de trabalho é a clínica da atividade. Também com uma perspectiva interdisciplinar (psicologia do trabalho, linguística, medicina do trabalho etc.), essa abordagem propõe que a atividade é constituída pela “atividade realizada” e o “real da atividade”. A atividade realizada corresponde ao observável no desenvolvimento do trabalho, e o real da atividade é aquilo que não foi realizado (o que poderia ser feito, o que gostaria de fazer e não conseguiu etc.), mas é importante para o trabalhador e interfere no seu trabalho (CLOT et al., 2001). É nessa complexidade da interdisciplinaridade, das normas antecedentes, das renormalizações e das noções da atividade realizada e o real da atividade que o trabalho docente deve/pode ser compreendido, percebido. Dito isso, podemos discutir as atividades do professor.

³ Norma neste texto não é algo rígido. São as orientações, os valores partilhados. Entram o objetivo, o planejamento. As orientações que precisamos para fazer um trabalho entram no plano da norma.

2.2 Atividades do professor

O estudo do trabalho docente, segundo Souza-e-Silva (2004), sob a abordagem da ergonomia da atividade é muito necessário na Linguística Aplicada, pois a inexistência dessa análise na área em questão reflete-se nos estudos sobre a ação do professor em situações de interação. As pesquisas realizadas, em diferentes áreas, sobre o trabalho do professor mostram-se produtivas, mas não consideram o papel das prescrições, ou seja, aqueles aspectos institucionais/normativos, formais/informais que regulam o trabalho cotidiano.

Dessa forma, o estudo do ensino, conforme Saujat (2004), leva a uma abordagem a partir da ergonomia da atividade, pois “estamos em face de um paradoxo: o ensino é o trabalho mais estudado [...] mas não se sabe quase nada do ensino como trabalho” (p.19).

Assim, esse aparente paradoxo revela as características dos estudos feitos até o final do século passado, que pertenciam ao âmbito das ciências da educação, como a pedagogia, a didática, etc. Somente agora, nos anos 2000, começam a emergir pesquisas que buscam as especificidades do ensino como uma outra esfera laboral, levando os estudiosos a buscar suporte pluridisciplinar em outras ciências.

Amigues (2004), contestando a avaliação que se faz do trabalho do professor pelo desempenho dos alunos e considerando as formas de fazer do mestre, adota um ponto de vista da análise do trabalho que tem a “atividade” como objeto de estudo. A atividade é a unidade de análise utilizada para estudar o comportamento do professor, pois passou a ter função heurística, ou seja, “fornece suporte teórico ao problema da articulação entre a tarefa e a atividade” de um lado, e a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real, de outro” (p.39).

Para Amigues, o termo tarefa designa o que deve ser feito, e atividade é aquilo que o indivíduo faz mentalmente para realizar a tarefa. Portanto, a atividade não pode ser medida, avaliada em si, mas pode ser observada na ação que o sujeito realiza concretamente.

Em situação de trabalho, no entanto, a tarefa, as condições de ação, os objetivos dessa ação não são definidos pelo professor, existindo uma distância entre o trabalho prescrito e o trabalho realizado por ele. Dessa forma, o sujeito irá construir, a partir dessa tensão, os recursos e os meios necessários para seu desenvolvimento, tanto como profissional, quanto ser humano, dono de sua própria história.

Sobre essa tensão, Amigues (2004, p.40) ainda observa que “a atividade não se limitaria ao que é realizado pelo sujeito, mas compreenderia também o que ele não chega a fazer, o que se abstém de fazer...”. Assim, na atividade, tanto o realizado como o não-realizado têm o mesmo valor, porém existe uma perspectiva de dinamicidade. Logo, no ofício do professor, muitas vezes, ele vê-se obrigado a trocar a atividade que havia sido minuciosamente planejada em casa, transformando o cotidiano da sala de aula de acordo com a imprevisibilidade de seu fazer.

Na verdade, a atividade é o relacionamento de diversos objetos que levam o indivíduo a fazer uma espécie de acordo consigo mesmo, isto é, um sujeito dividido entre “o que se exige dele e o que isso exige dele” (Amigues, 2004, p.41). Ele está sempre dividido em suas dimensões fisiológicas, psicológicas e sociais, construindo sua identidade, porém regulando essa relação, que o liga ao real (à atividade) e aos outros (à tarefa), ao prescrito.

A atividade do professor é direcionada não apenas aos alunos, mas às instâncias de hierarquia da escola, do Estado e dos pais, dos outros professores e, ainda, à instância histórica do ofício de professor. É, assim, uma atividade socialmente situada, em permanente mediação por instrumentos que ele precisa relacionar e coordenar, para constituir suas ações cotidianas.

Nesse conjunto, as “prescrições” desempenham um papel decisivo na análise da atividade, pois, além de desencadear as ações que reorganizarão, tanto o meio de trabalho do professor, quanto o dos alunos, elas são constitutivas de sua atividade. Diante de prescrições, o professor precisa redesenhar o mapa de tarefas que lhe foram prescritas e, por sua vez, definir as tarefas que irá prescrever aos alunos.

Na atividade do professor, há regras do ofício (Amigues, 2004, p.43), “aquilo que liga os profissionais entre si... uma memória comum e uma caixa de ferramentas...”. Desse modo, mais uma vez o professor usa instrumentos para sua atividade real, que não são definidos por ele mesmo. As “ferramentas” são os manuais, os livros didáticos, os exercícios idealizados por ele ou por outros colegas, recursos que fazem parte da tradição do ofício e que servem como técnicas de ensino.

Analisada sob o ângulo da ergonomia da atividade, a atividade do professor não é uma atividade individual, restrita à sala de aula, à interação com os alunos e ao uso de ferramentas, dissociada de uma tradição profissional e de um coletivo de

trabalho. É uma atividade regulada, em contínua invenção de soluções, como uma atividade coletiva. E, apesar de ser orientada para a execução de ações dos alunos, é, também, orientada para o professor, que é o executor de sua própria concepção.

Amigues (2004, p. 47) observa a respeito dessa característica que:

Esse meio constituído pelo professor é constantemente reconstruído pela ação coletiva, e a cooperação professor-alunos realiza-se no quadro do questionamento didático que fixa a 'matéria a ser pensada e o modo de fazer e de dizer' (Amigues, 2000, 2003). É pelo engajamento dialógico dos alunos que se realiza a co-construção desse meio, no qual estes podem se apropriar das ferramentas e das técnicas de pensar.

Assim, a atividade do professor é um trabalho de concepção, de organização e de regulação do meio de trabalho professor/alunos, em que a apropriação compartilhada abre novas possibilidades de ação, por meio das ferramentas que os alunos reinterpretem, quando se fizer necessário.

O trabalho, conforme a ergonomia da atividade, como é o caso do trabalho docente, consiste na operacionalização das prescrições, mas também na apropriação delas, na reconstrução e na sua transformação, segundo experiências vivenciadas. Nesse sentido, Faita (2005, p.119), citando Amigues (2004), afirma que "a atividade de ensino não se reduz à ação e o estudo da ação não informa necessariamente sobre a atividade subjacente". Assim, segundo Schwartz e Durrive (2007), a atividade humana de trabalho é considerada como algo sempre novo, uma atividade inédita, um acontecimento inacabado, em constante renormalização.

É sempre preciso trabalhar de outro modo, diferente do que está prescrito pelas normas, e essa diferença dependerá do indivíduo, de suas experiências, sua história e saberes anteriores, evidenciando a dimensão política da produção e legitimação dos saberes no trabalho.

Para isso, para tentar entender o processo de interação dialógica entre uma professora e seus alunos em sala de aula, julgou-se relevante verificar os tipos de discurso e o papel da linguagem numa perspectiva dialógica. Dessa forma, julgou-se pertinente abordar no capítulo 3 a noção da linguagem, talvez ensaiar uma definição de linguagem dentro de uma concepção bakhtiniana.

3 LINGUAGEM

O filósofo russo Mikhail Bakhtin e seu Círculo⁴ destacam a natureza social da linguagem e oferecem material para o entendimento de como ela se relaciona com as dimensões de práticas humanas. Mesmo que em seus estudos não tenha falado em “análise dialógica”, como destaca Brait (2006), o pensador russo oportuniza um percurso metodológico por meio de direções teóricas que diferenciam sua análise da proposta de outros autores.

Segundo Bakhtin/Volochinov, a linguagem é compreendida, a partir de sua natureza sócio-histórica, como dinâmica, em permanente movimento, por isso também não se poderia estudar a linguagem como um sistema fechado, imutável e abstrato. O caráter interativo da linguagem é a base da teoria bakhtiniana. Segundo o autor, “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (2004, p.41).

Para Bakhtin/Volochinov (2004), a enunciação, ou seja, o produto do ato de fala não se constitui em uma atividade mental isolada, realizada através da palavra, mas deve ser observada na inter-relação social do sujeito falante. A enunciação é de natureza social e, para compreendê-la, é necessário entender o que acontece numa interação, já que a verdadeira substância da língua é constituída “pelo fenômeno social da interação verbal, realizada por meio da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui, portanto, a realidade fundamental da língua” (p.123).

A enunciação é o produto da interação de indivíduos socialmente organizados em esferas ou campo de atividades, que usam a palavra como um espaço discursivo. Portanto, a palavra dirige-se a um interlocutor real e terá seu significado determinado pelos laços que esse sujeito tiver em relação ao grupo social em que está inserido. Não existe interlocutor abstrato, pois a linguagem não seria possível com tal interlocutor, devido a seu caráter dialógico.

Uma das formas mais importantes da interação verbal é o diálogo, caracterizado não pela simples comunicação face a face entre pessoas, mas principalmente por toda forma de inter-relação com outros discursos (passados, presentes e futuros).

⁴ O Círculo de Bakhtin, liderado por Mikhail Bakhtin, foi constituído por um grupo de intelectuais russos que se reuniam, entre 1918 e 1929, para debater ideias e discutir interesses filosóficos em comum. Seus principais membros foram o próprio Bakhtin, V. N. Voloshinov (1895-1936),² P. Medvedev (1892-1938), I. Kanaev (1893-1983),³ M. Kagan, (1889-1937), L. Pumpianskii (1891-1940), M. Yudina (1899-1970), K. Vaguinov,(1899-1934), I., Sollertinski (1902-1944), B. Zubakin (1894-1937). (Clark e Holquist, 2004).

Logo, qualquer enunciação constitui apenas uma fração da corrente da comunicação verbal ininterrupta (da vida cotidiana, da literatura, do conhecimento, da política, etc.), apenas um momento na evolução contínua, que se propaga em diferentes direções sociais. Conforme Bakhtin/Volochinov (2004, p.124), a língua vive e evolui historicamente na comunicação social concreta. Desse modo, a língua possui natureza dialógica, devendo ser estudada numa perspectiva relacionada ao cotidiano do ser humano e de um processo evolutivo contínuo.

Para Bakhtin/Volochinov (2004), a palavra orienta-se em função do interlocutor e, por isso, ela tem duas faces: procede de alguém e se dirige para alguém, constituindo um elo na cadeia da comunicação. A palavra, como a enunciação, é o produto da interação do locutor e do interlocutor, servindo de expressão a um em relação ao outro e em relação aos demais sujeitos dessa cadeia discursiva.

Aqui, é interessante observar a metáfora da ponte, pontuada por Bakhtin/Voloshinov (2004): “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (p.113).

Brait (2005) observa que as noções de enunciado e enunciação são os pilares da teoria de linguagem de Bakhtin. Como ele concebe a linguagem de um ponto de vista histórico, cultural, social, incluindo a dialogicidade entre os sujeitos, gradativamente vai desenvolvendo reflexões sobre enunciado e enunciação, nos diferentes momentos de sua obra, estreitamente ligados ao signo ideológico, à comunicação, à interação, ao discurso verbal e não-verbal e ao dialogismo.

Desse modo, como fundamento da teoria bakhtiniana, a ideia de dialogismo pressupõe uma relação com outros discursos, tanto com os diálogos passados, os já-ditos, quanto com os que o sucedem. Assim, com o auxílio da teoria dialógica ao estabelecer uma interlocução com as ciências do trabalho para a compreensão de atividades laborais, este capítulo almeja, pois, discorrer sobre algumas noções abordadas por Vygotsky, Bakhtin e outros estudiosos, organizado em duas seções: A primeira (3.1) - *Interação e Aprendizagem*. A segunda (3.2) – *Linguagem e Dialogia*.

3.1 Interação e aprendizagem

Uma ideia central das concepções de Vygotsky, sobre o desenvolvimento humano, é o aspecto da *mediação*: enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe. Vygotsky, portanto, enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento não está sendo visto como uma ação do sujeito sobre a realidade, mas pela mediação feita por outros sujeitos.

O outro social pode apresentar-se também por meio de objetos, da organização do ambiente, do mundo cultural que rodeia o indivíduo. A linguagem, sistema simbólico dos grupos humanos, representa um salto qualitativo na evolução da espécie. É ela que fornece os conceitos, as formas de organização do real, a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. É por meio dela que as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas.

A cultura fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade, ou seja, o universo de significações que permite construir a interpretação do mundo real. Ela dá o local de negociações no qual seus membros estão em constante processo de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significações.

Para Vygotsky (2000), a função mental refere-se aos processos de: pensamento, memória, percepção e atenção. O autor coloca que o pensamento tem origem na motivação, interesse, necessidade, impulso, afeto e emoção. Assim como em Bakhtin, a interação social e o instrumento linguístico são decisivos para o desenvolvimento do indivíduo, que se faz sempre num contexto determinado pela esfera sócio-histórica em que o mesmo se insere.

Existem pelo menos dois níveis de desenvolvimento identificados por Vygotsky: um real, já adquirido ou formado, que determina o que a criança já é capaz de fazer por si própria, e um potencial, ou seja, a capacidade de aprender com outra pessoa.

A aprendizagem interage com o desenvolvimento, produzindo abertura nas zonas de desenvolvimento proximal (distância entre aquilo que a criança faz sozinha e o que ela é capaz de fazer com a intervenção de um adulto; potencialidade para aprender, que não é a mesma para todas as pessoas, ou seja, distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial) nas quais as interações sociais são

centrais, estando então, ambos os processos, aprendizagem e desenvolvimento, inter-relacionados; assim, um conceito que se pretenda trabalhar, como, por exemplo, em matemática ou na linguagem, requer sempre um grau de experiência anterior para a criança.

O desenvolvimento cognitivo é produzido pelo processo de internalização da interação social com materiais fornecidos pela cultura, sendo que o processo se constroi de fora para dentro. Para Vygotsky, a atividade do sujeito refere-se ao domínio dos instrumentos de mediação, inclusive sua transformação por uma atividade mental.

Assim, a escola é o lugar onde a intervenção pedagógica intencional desencadeia o processo ensino-aprendizagem. O professor tem o papel explícito de mediar o processo, diferentemente de situações informais nas quais a criança aprende por imersão em um ambiente cultural. Portanto, é papel do docente motivar os alunos para a aprendizagem e isso se torna possível com sua interferência na zona proximal. O educador pode orientar o aprendizado no sentido de adiantar o desenvolvimento potencial de uma criança, tornando-o real.

Portanto, o desenvolvimento mental só pode realizar-se por intermédio do aprendizado mediado pelo outro através da linguagem, sendo o conhecimento, na perspectiva de Vygotsky e Bakhtin, construído na interação.

Assim, é um sujeito interativo que provoca e promove o desenvolvimento do outro e de si mesmo. Logo, as mudanças de comportamento e sua evolução dependem da convivência com os outros num processo dialético. A criança, por exemplo, passa a receber desde muito cedo influências dos elementos da sua cultura que são transmitidos pelos mais experientes, sejam adultos ou mesmo crianças. Essas últimas recebem as influências de outros e assim sucessivamente.

A mediação pelo outro faz com que a criança elabore novas formas de pensamento e ação construídas na dinâmica das trocas verbais, espaço em que sentidos vão sendo elaborados, apreendidos e negociados. A família e a escola, como espaços diferenciados, podem fazer emergir diferentes sentidos, ou confirmar sentidos estáveis consolidados pela cultura.

Dessa forma, o lugar social ocupado pela criança é que define os sentidos elaborados por ela e é o palco onde suas ações e discursos se materializam.

A época, o meio social, o micromundo — o da família, dos amigos e conhecidos, dos colegas — que vêem o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma, dão o tom:

são obras científicas, ideológicas, nas quais as pessoas se apoiam e às quais se referem, que são citadas, imitadas, servem de inspiração (Bakhtin,2003, p. 313).

Neste estudo procura-se analisar a prática da professora e discutir como esta prática se vincula a teorias da aprendizagem, de acordo com o próprio discurso da professora sobre a sua prática docente.

3.2 Linguagem e dialogia

A linguagem é o signo mediador por excelência na constituição do homem, segundo Vygotsky (2000), pois ela carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento, assim como na evolução da consciência como um todo. Nesse sentido, Bakhtin/Volochínov (2004) apresentam uma proposta semelhante, considerando a linguagem a base da formação da consciência humana.

Na concepção sócio-histórica, o movimento de individuação dá-se a partir das experiências propiciadas pela cultura. Dessa maneira, a inserção do homem num determinado ambiente social, juntamente com sua capacidade de interagir nesse meio através da linguagem, faz com que ele incorpore ao seu comportamento as formas culturais já consolidadas, como também aquelas que estão em formação.

Tanto Vygotsky como Bakhtin afirmam que o conhecimento é constituído na interação, na qual a ação do sujeito sobre o objeto é mediada pelo outro por meio da linguagem. Dessa forma, as mudanças de comportamento e sua evolução dependem da convivência com outros num processo dialético.

A concepção de linguagem que perpassa os estudos do Círculo Bakhtiniano é construída a partir de uma crítica às duas principais correntes vigentes na filosofia da linguagem e na linguística no início do século XX pelo fato de conceberem a linguagem como fundamentalmente uma estrutura. Uma delas, o objetivismo abstrato, tem como principal representante o linguista genebrino Ferdinand de Saussure, e a outra, o subjetivismo idealista, o filósofo alemão Wilhelm von Humboldt. Apresenta alguns aspectos da concepção saussureana.

Saussure(1989) propôs um estudo sincrônico da linguagem, concebendo-a como “um sistema em um dado período do tempo, isto é, como um conjunto de regras precisas de funcionamento, como uma estrutura determinada e transformações estruturais que obedecem a leis estritas”. Ele decompõe a linguagem em “langue” (língua) e “parole” (fala), atribuindo um valor secundário à

parte que ele diz ser individual da linguagem – a fala - e estabelecendo como objeto de seu estudo a parte homogênea, estável e social da linguagem – a língua (SAUSSURE, 1989). Para o autor (1989, p.22), a língua é “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo; não pode ser modificada pelo indivíduo falante e parece obedecer às leis do contrato social que é reconhecido por todos os membros da comunidade”.

A fala, no entanto, segundo a definição de Saussure, é “sempre individual e o indivíduo é sempre senhor dela” (1989, p.23). Ela ainda é o resultado das combinações pelas quais o sujeito falante utiliza o código da língua e o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações.

Para tratar da linguagem em uso e suas relações dialógicas, sem dispensar as lógicas (o sistema linguístico), mas ultrapassando-as, Bakhtin (2005) propõe uma nova disciplina, a metalinguística. Tal abordagem se ocupa com o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva, em contextos determinados, e suas relações dialógicas. A abordagem bakhtiniana enfatiza que “o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada, caso esta não seja interpretada como palavra impessoal da língua”, pois o dialogismo se materializa “como signo da posição semântica do outro” (p.184), ou seja, quando ouvimos a voz do outro, representado no enunciado.

As palavras isoladas também podem ser dialógicas, se nelas se confrontarem, em forma de enunciado pleno, dialogicamente, duas vozes. Ainda, mesmo os tropos, os dialetos, os diversos tipos de linguagem podem ser dialógicas, se forem abordadas de uma forma diversa da linguística enquanto sistema formalista. Também as relações dialógicas aparecem em outras formas de enunciado, desde que expressos como matéria “sínica”, como é o caso das relações dialógicas entre imagens de manifestações artísticas.

Dessa forma, segundo Bakhtin (2005), as relações dialógicas são determinantes do processo de construção da linguagem e dos sentidos e ultrapassam os limites da linguística do sistema, a qual possui outro objeto, a língua abstraída das situações concretas. Na teoria dialógica, a língua é um fenômeno concreto, vivo, sendo a comunicação dialógica dos falantes o que, realmente, constitui o “campo da vida da linguagem” (p.183). Toda manifestação de linguagem (não só instituída, como a científica, literária e artística, mas sobretudo a do cotidiano) é saturada de acentos de valor, que emergem nas relações dialógicas.

Sob esse aspecto, as relações dialógicas extrapolam o aparato técnico da língua. Assim, como exemplifica Bakhtin (2005, p.183), para dois enunciados estabelecerem relação dialógica, eles devem ter sujeito e travarem relação de sentido. Necessitam de dois sujeitos, dois enunciados com valorações diferentes, perspectivas ideológicas diversas e o diálogo entre eles. É, nesse sentido que se pode entender que todo enunciado tem um autor, cuja voz ressoa como seu criador, porém nem sempre esse criador é o mesmo autor empírico. A autoria pode ser muito diversificada, como “uma equipe, um trabalho de várias gerações” (p.184), um narrador, uma entidade construída no discurso.

No que se refere às relações lógicas (elementos linguísticos), Bakhtin (2005) entende que elas são necessárias às relações dialógicas, porém devem ser observadas no uso concreto, nos enunciados produzidos por sujeitos historicamente situados, nos gêneros do discurso.

Para Bakhtin/Volochínov (2004), tanto Saussure como Humboldt reduzem a linguagem a polos artificiais, uma vez que o objetivismo abstrato considera a língua um sistema abstrato e autônomo de formas que independem de todo ato de criação individual e o subjetivismo idealista a considera como um ato individual, monológico. Dessa forma, Bakhtin/Volochínov apresentam como superação dessas posições dicotômicas uma concepção dialógica da linguagem, concebendo-a como resultado da interação verbal realizada através da enunciação ou enunciações entre indivíduos socialmente organizados, conforme ele assegura no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2004, p. 123):

“A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal que constitui assim a realidade fundamental da língua”.

O diálogo representa uma das formas mais importantes da interação verbal (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004). Contudo, é preciso compreender “diálogo”, em um sentido mais amplo, como toda comunicação verbal. A palavra diálogo, no contexto bakhtiniano, é a reação do eu ao outro, a reação da palavra a palavra do outro, como ponto de tensão entre o eu e o outro. Nesse sentido, Faraco (2003) ressalta que não interessa a palavra passiva e solitária, mas a palavra em atuação, complexa e heterogênea, proferida por sujeitos sociais e vinculada a falas passadas e

antecipadas. É nesse sentido que entendemos o “aspecto dialógico” expresso no título dessa dissertação.

Essa dialogicidade⁵ pode ser entendida em três dimensões diferentes: 1) todo dizer é orientado para a resposta; 2) todo dizer não pode deixar de se orientar para o já-dito; 3) todo dizer é internamente dialogizado, é heterogêneo (Faraco, 2003). Essa dinamicidade constitutiva da linguagem é muito bem representada pela metáfora do diálogo adotada por Bakhtin (2003). Nesse sentido, Faraco (2003) assim se manifesta: “o universo da cultura é intrinsecamente responsivo, ele se move como se fosse um grande diálogo” (p.57).

Os indivíduos produzem os seus discursos a partir da diversidade de vozes sociais, que, diferentemente das formas da língua – não pertencentes a ninguém –, possuem autor e interlocutor. Desse modo, a matéria linguística vem a adquirir significado nesse processo, em que o sujeito dialógico e plurivocal vai se constituir discursivamente na interação com o outro, no reconhecimento do outro. Com isso, a partir da diversidade de vozes sociais, o indivíduo singulariza o seu discurso. Como afirma Faraco (2003), o sujeito é uma autoconsciência que se constitui reflexivamente pelo reconhecimento do outro no discurso.

Nesse sentido, França (2004, p.126) salienta que “dialogismo e interação verbal são conceitos-chave na direção de definir a natureza do enunciado como um processo vivo, dialógico, constitutivo da manifestação das palavras de outrem no processo de sua comunhão com o mundo ideológico”. Sobre o mesmo assunto, Faraco (2003) afirma que não há limites para o contexto dialógico, já que para Bakhtin a vida humana é por sua própria natureza dialógica, e esse dialogismo acena tanto para o atravessamento de outros discursos, quanto para um atravessamento do sujeito pela alteridade da interlocução.

Bakhtin/Volochínov acrescentam que uma das principais formas de interação verbal entre os seres humanos é o diálogo. Para os autores (2004, p.123), “a palavra diálogo não se refere apenas à comunicação em voz alta de pessoas que estejam face a face, mas toda a comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (oral ou escrita)”. Segundo os autores, a comunicação verbal não pode ser compreendida e explicada fora da situação concreta em que se realiza, uma vez que, conforme os mesmos autores, ela “é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal

⁵ Sobre dialogicidade, ver Dissertação de Mestrado de Josiane Redmer Hinz (UCPEL – 2009): Atividade de estágio de língua portuguesa: o trabalho docente em perspectiva dialógica.

(gestos de trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar” (p.124).

Portanto, o diálogo enquanto comunicação verbal, realizado numa situação concreta, é como um grande encontro de vozes e entonações diferentes não somente entre pessoas, mas também entre textos, autores, disciplinas escolares, vida e escola, enfim, em todas as instâncias da linguagem, inclusive no discurso interior que também manifesta vozes de forma entrecruzada, complementada, em oposição, em confronto, em contínuo movimento, sempre relacionado a uma atividade humana com juízo de valor.

Assim, para Bakhtin/Volochínov (2004, p. 109; 115), este encontro de vozes e entonações diferentes, responsável pelo caráter dialógico da linguagem, pode se manifestar em um dos elementos do diálogo: na enunciação. Esta é um produto do ato de fala, considerada uma unidade de base da língua devido à sua natureza social, ideológica e concreta, como observamos no seguinte trecho de Bakhtin/Volochínov (2004, p. 16): “A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trate-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior”. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um texto social, já que cada locutor tem um ‘horizonte social’. A enunciação é o processo da interação de indivíduos socialmente organizados em esferas ou campo de atividades que utilizam a palavra como um espaço discursivo.

Pode-se entender, com base na teoria bakhtiniana, que a constituição do sujeito acontece a partir de relações dialógicas, considerando que é num contexto heterogêneo, formado por uma multiplicidade de relações que, discursivamente, o sujeito se constroi. Nesse sentido, Faraco (2003, p.80) observa que “é no interior do complexo de heteroglossia e de sua dialogização que nasce e se constitui o sujeito”. Por meio da palavra, produto da interação entre interlocutores, que o sujeito se define em relação ao outro e à coletividade. Segundo Bakhtin/Volochínov (2004, p. 116), “a enunciação é o produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados” e, além disso, a palavra procede de alguém e dirige-se a alguém, constituindo a cadeia discursiva.

É ainda relevante retomar Bakhtin quando afirma que “as palavras não só tocam as coisas, mas também penetram na camada de discursos sociais que recobrem as coisas (Faraco, 2003)”. “É assim que compreendemos as palavras e

somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (Bakhtin/Volochínov, 2004, p.94).

A partir da perspectiva teórica estudada, são analisados enunciados produzidos pela professora em entrevista na qual ela discorre acerca de sua aula e recortes discursivos de enunciados produzidos pelos alunos durante o transcorrer das aulas. Frente a essas explicações, verifica-se a importância do “dialogismo” para os estudos da linguagem e sua validade para articulá-las aos estudos sobre o trabalho, no caso deste estudo, a docência da professora.

A seguir, apresenta-se o universo da pesquisa e as informações metodológicas.

4 UNIVERSO DA PESQUISA E INFORMAÇÕES METODOLÓGICAS

Neste capítulo, aborda-se a escola pesquisada, evidenciando sua localização, clientela, estrutura organizacional e espaço físico, bem como o percurso metodológico desta pesquisa, ou seja, a trajetória percorrida por esta pesquisadora desde o início deste trabalho.

A pesquisa está inserida no espaço de uma escola municipal de Ensino Fundamental, séries iniciais, na sala de aula, no movimento interacional da relação professor-aluno. Esta escola possui cento e oitenta e quatro alunos, portanto é um educandário pequeno. Forma alunos do Pré-níveis A e B e primeira a quarta série do Ensino Fundamental.

Está localizada a quatorze quilômetros do centro da cidade de Pelotas, mas pela divisão geográfica da Prefeitura não é considerada zona rural. Sendo assim, os professores não recebem a gratificação de difícil acesso.

Os alunos, em sua grande maioria, são oriundos de uma favela localizada próxima à escola. Moram em casas humildes de tábuas ou feitas de latas. Muitos vivem em um cômodo para abrigar seis ou sete pessoas. Possuem condições mínimas de higiene, banheiro na rua, isto é, “casinha”, onde não há vaso sanitário, em seu lugar um buraco no chão com uma caixa de madeira furada para substituir o assento.

O objetivo principal da escola, para os alunos, é a alimentação e talvez as brincadeiras com os colegas, o carinho dos professores, pois, enquanto estão na escola, têm a oportunidade de ser crianças e de simplesmente brincarem. Muitos não possuem grandes ambições para o futuro. Querem fazer como seus pais, trabalharem no mato cortando lenha, trabalharem de doméstica, ou não trabalharem e terem muitos filhos como suas mães e ficarem tomando chimarrão na frente da casa, pois o governo fornece a bolsa-escola, o suficiente para a subsistência. Essas informações a pesquisadora colheu informalmente junto aos alunos na hora do recreio e após o horário escolar.

A minoria que não mora na favela costuma frequentar até a segunda série e trocar para a escola maior, que tem até a oitava série e possui uma clientela com melhores condições financeiras. Atividades extraclasse são feitas, porém, com muito sacrifício. As crianças não possuem dinheiro para pagar o transporte para passeios. A verba da escola não cobre todas as necessidades. Nem sempre as empresas de ônibus estão dispostas a custear as despesas. Os familiares dos alunos, por outro

lado, estão acostumados a receber as benesses governamentais, inclusive ajuda financeira, mas, quando solicitados a colaborar com a escola, seja financeiramente ou através do cumprimento de tarefas para o estabelecimento escolar, não se sentem socialmente comprometidos.

Apesar de todos esses obstáculos, os professores são entusiasmados e dão o melhor de si para os alunos. Tentam ampliar os horizontes das crianças além da vila em que moram. Mostram-lhes o leque de profissões que existem, desenvolvem seu senso crítico, seja no incentivo à leitura ou a assistirem a filmes seguidos de troca de ideias a respeito dos personagens, do enredo. Normas de higiene básicas também são ensinadas, tais como: enxaguar a boca após as refeições. Escovar os dentes para alguns é luxo, já que não possuem escova de dentes. A professora observada seguidamente tenta conseguir dentista para visita à escola e doação de escovas dentárias. Inúmeras vezes, ela ou a equipe diretiva conseguem.

Nota-se que a maioria dos alunos não consegue seguir adiante nos estudos. Até matriculam-se na quinta-série da escola vizinha, porém, como a assistência aos educandos carentes naquele estabelecimento é pouca, os alunos não suportam a discriminação por não poderem participar de certas atividades, por não terem dinheiro para efetuarem o pagamento. Talvez também se sintam excluídos por não terem sapatos decentes para usarem no inverno, enquanto a maioria dos colegas vai bem agasalhado.

Muitas vezes, falta o estímulo familiar para que as crianças tenham vontade de persistir no caminho escolar. Os pais não querem se incomodar com a inadaptação dos filhos ao ambiente escolar, a incomodação constante da professora e orientadora educacional, a cobrança da criança por dinheiro para comprar merenda no bar, ir a passeios, ter roupas iguais às do colega. É melhor colocá-los a trabalhar cedo, pois ajudarão em casa, conhecerão a realidade da vida e tudo se acomoda. E a mentalidade continua, quem nasceu pobre, continua pobre a vida toda. Uma minoria vence este círculo vicioso.

O corpo docente procura sempre estar atualizado, participando de cursos e seminários. Há dez professoras, quatro com pós-graduação em nível de especialização e uma concluindo o Mestrado. Duas possuem somente o Magistério, mas já estão em fase de concluírem o curso de Pedagogia. Das quatro funcionárias, três possuem o Ensino Médio e, dentre estas, uma cursa Pedagogia e Magistério.

Para compreender o movimento interacional da relação professor-aluno, foram feitas observações, gravações em sala de aula e uma entrevista com a professora titular da turma pesquisada. Assim, foi possível perseguir o objeto deste estudo: compreender a interação entre alunos e professora na sala de aula.

Escolhido o objeto de estudo, o sujeito e o lugar da pesquisa (a sala de aula de uma escola municipal em Pelotas no Rio Grande do Sul), vêm os aspectos práticos da metodologia, e as seguintes indagações: Qual professor(a) escolher? Com que perfil? Como definir a escola? Como ela se define? Estes alunos sujeitos da pesquisa possuem autoestima? Observar, por exemplo, cinco aulas de três professores? O que é suficiente? Estudar a interação de uma só professora? Filmar as aulas? Utilizar somente o gravador? Apresentar questionário escrito? Elaborar um diário de campo? Conforme explicitado no parágrafo anterior, os dados desta pesquisa foram obtidos na gravação de aulas de uma turma e em uma entrevista com a professora da turma.

No primeiro semestre de 2007, foi observada a turma-piloto desta pesquisa, uma turma de 2º ano do Ensino Médio de uma escola estadual situada em Pelotas no Rio Grande do Sul. Possuía vinte e cinco alunos, entre quinze e dezesseis anos de idade, oriundos, em sua maioria, de classe média baixa. Grande parte dos alunos desta turma não possuía computador em casa, mas o utilizava na escola, em *lan-houses* ou casas de amigos.

A observação feita na turma-piloto resultou em um artigo denominado Linguagem e Afetividade no Trabalho do Professor, apresentado na disciplina Tópicos Especiais de Teoria Dialógica, do Mestrado em Letras, na Universidade Católica de Pelotas. Esse trabalho inseriu a pesquisadora na leitura de Amigues, quanto ao trabalho do professor, na literatura foucaultiana e nas contribuições dos estudos de Bakhtin sobre linguagem. Foi possível construir nichos de significação através da análise dos discursos dos alunos materializados em pequenos textos.

Foi em maio de 2007 que os aspectos metodológicos desta pesquisa se definiram. Ainda no primeiro semestre de dois mil e sete, após o término das observações da turma-piloto, iniciou-se a observação da turma de terceira série do Ensino Fundamental. Alunos com nove, dez, onze e doze anos de idade. Na turma-piloto e na turma de terceira série, a pesquisadora utilizou-se de uma filmadora, porém notou que esta distraía os alunos, que se sentiam incomodados com a invasão de sua privacidade, e em outros momentos queriam sobressair-se para ver

quem era mais filmado. Sentiam-se como se estivessem no programa Big Brother (Reality Show exibido em uma emissora de televisão brasileira). Por esse motivo, a pesquisadora optou pela substituição da filmadora pelo MP4. É um aparelho discreto e tem seu foco na interlocução.

Após o projeto piloto, optou-se pelo estudo de uma terceira série do Ensino Fundamental, porém, devido a algumas dificuldades como problemas de comunicação entre professor e alunos, especialmente os longos silêncios observados, a pesquisadora decidiu olhar alternativas e houve boa receptividade na segunda série da professora Ivoni.

Para análise dos dados, usou-se o aparato teórico discutido na literatura bakhtiniana: a utilização da linguagem para se interpretar os dados; a sala de aula como um lugar de expressão, onde se produz a linguagem.

Transcreveram-se em páginas corridas as gravações das aulas da 2ª série do Ensino Fundamental. Essas transcrições, tomadas como registro, foram os dados que forneceram o corpus para análise. Parte dos registros das experiências de campo, que contribuem para mostrar como a ida a campo transcende aos relatos elaborados da dissertação, está em anexo, caso o leitor deseje se aproximar da leitura dos mesmos. Ir a campo é consolidar a teoria através dos dados.

A reflexão a ser apresentada ao longo dos capítulos com a participação de autores legitimados é ampliada com o registro da voz da professora na interlocução com sua turma de alunos. Seu discurso é o ponto mais importante e como ela o constroi será discutido na dissecação e análise dos dados. É interessante para a investigação ver como a professora exerce sua tarefa e promove a aprendizagem de seus alunos. É na linguagem, na materialização do texto que se desenvolverá a análise.

Através de alguns conceitos bakhtinianos, busca-se compreender a linguagem utilizada pela professora com sua turma de alunos e estes com sua professora. Segundo Brait (2005), na teoria bakhtiniana, percebem-se características e propostas para o estudo do discurso que salientam: (a) a indissociável relação entre língua, linguagens, história e sujeitos; (b) os estudos da linguagem levando em conta a produção de conhecimento de forma comprometida e responsável; (c) a concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos, apoiada nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados. No capítulo a seguir, apresenta-se a análise dos dados.

5 ANÁLISE

Neste capítulo, procede-se à análise dos dados de sala de aula transcritos, limitando-se a análise a duas aulas nas quais as vozes da professora e dos alunos estão presentes. Além das aulas também integra a análise o discurso da professora obtido através de entrevista.

Com a análise, procura-se penetrar no universo escolar e, principalmente pela atividade discursiva da professora, tenta-se desvendar um pouco do enigma ensino-aprendizagem que aí ocorre.

Investiga-se se o professor se comporta como detentor de poder, ou se exerce uma função mediadora (VYGOTSKY, 1998) da atividade proposta, sempre ciente de que sua presença também poderia influenciar as interações e negociações dos alunos. Normalmente, a interação professor-aluno está calcada em uma assimetria, baseada no poder, pois o professor, além de ser visto como detentor de poder global e socialmente reconhecido (poder sistêmico) sobre seus alunos, também é visto como detentor de conhecimento.

Esta relação assimétrica acontece, pois, em um contexto institucional de sala de aula, como o professor é a figura com mais saber em determinado assunto, é dotado de mais poder. Além disso, devido ao seu posicionamento social, o professor tem seu poder legitimado, uma vez que responde pelo produto da interação (LINNELL; LUCKMANN, 1991). Na sala de aula, enquanto o professor geralmente domina a interação, iniciando a maioria das tomadas de turno, os alunos mantêm-se subordinados, tendo suas contribuições controladas ou inibidas pela parte dominante.

Segundo Linnel e Luckmann (1991), esse domínio tem três funções básicas: direcionar, controlar e inibir movimentos. Essas ações são dispositivos tradicionalmente utilizados por professores para comandar a interação.

“Um outro fator que enfatiza a dominância do professor na interação da sala de aula é o uso professoral de uma língua professoral, que pode não ser mais um instrumento de comunicação, mas um instrumento de fascínio cuja função principal é atestar e impor a autoridade pedagógica da comunicação e do conteúdo comunicado.” (BOURDIEU e PASSERON, 1975, P.123).

Procura-se, na análise, encontrar a “dramática do uso de si”, ou seja, as renormalizações, as reelaborações que a professora faz ao desempenhar seu labor, a atividade real e a atividade realizada.

A partir da análise o capítulo se divide em nichos, que procuram dar visibilidade de como a professora ensina, ou seja, como ela convide, se essa voz é de comando, de ameaça; como utiliza o lúdico, o coral e a interação pessoal. O segundo aspecto abordado diz respeito ao que a professora ensina, dividindo-se respectivamente em dois nichos, conteúdos e cidadania. Os nichos são obtidos através do processo de interpretação dos dados dentro de uma perspectiva bakhtiniana de quem fala, sempre fala para alguém e este responsivamente responde.

Os excertos foram transcritos literalmente, ou seja, assim com a professora e os alunos se expressaram, por isso apresentam marcas da oralidade. Exemplos: em alguns momentos a professora fala pra e em outros fala para, assim como “desvios” orais na concordância verbal, também transcritos na íntegra.

5.1 A professora ensina pelo(a)

Neste item, aborda-se o tópico “a professora ensina”, ou seja, os nichos em que se dividiram o procedimento metodológico da professora. Como a professora dentro de uma perspectiva vygotskyana realiza a mediação para a aprendizagem. Assim, apresentam-se os tipos de convite que a professora formula para a interação com os alunos, o cordial e o persuasivo; o comando; a ameaça; o lúdico; e o coral. Esses nichos serão analisados a seguir.

Inicia-se a análise pela transcrição da aula de 27 de maio de 2008. A professora, aqui chamada Ivoni (nome fictício), inicia sua aula a partir de um convite: “*vamos lá pessoal, vamos começar!*” Ela não usa uma ordem para o início da aula. Contrariamente à maneira tradicional de iniciar uma aula, o convite abre a possibilidade de ser aceito ou não, isto é, os alunos poderiam optar por quererem ou não começar a aula. Por tratar-se de um convite, os alunos podem demorar a atendê-lo, diferentemente do que ocorreria em uma aula autoritária, quando é usada uma formulação que produz o efeito de sentido da ordem. É também possível que, ao serem convidados, os alunos reajam às palavras da professora, propondo alternativas ou formalmente rejeitando o convite.

Quando a professora começa a individualizar, ela exerce a função de organizadora do grupo, pois possui uma função institucional segundo a sociedade. A escola é como ela é porque a sociedade assim a representa e, em alguns casos, assim a define.

Nesse sentido, ou seja, como a professora ensina, assim ela se define na entrevista à pesquisadora.

Ivoni: Eu não vou te dizer que é Construtivismo ou outro nome qualquer. Eu utilizo da forma que eu acho necessário, da forma que a criança vá entendendo, da forma que eles aprendem eu procuro mostrar uma forma melhor de eles entenderem. Por exemplo, na aula de Português ensinar uma forma melhor de dicção.

No próximo item, a noção de convite subdividida em dois outros nichos, que procuram tornar visível a cordialidade ou persuasão utilizada pela professora como procedimentos metodológicos. Iniciamos agora a análise por alguns dos nichos de sentidos que podem ser identificados nos textos da sala de aula e na entrevista da professora.

5.1.1 Convite

5.1.1.1 Cordial

Conforme a literatura trabalhada nas seções anteriores, o aluno é o sujeito interativo que provoca e promove o desenvolvimento do outro e de si mesmo. Logo, as mudanças de comportamento e sua evolução dependem da convivência com os outros num processo dialético. A criança, por exemplo, passa a receber desde muito cedo influências dos elementos da sua cultura que são transmitidos pelos mais experientes, sejam adultos ou mesmo crianças. Essas últimas recebem as influências de outros e assim sucessivamente.

Nesse sentido, a cordialidade da professora serve de mediação entre a criança e o saber construído, do aluno. Assim, registram-se os convites que, na maior parte do tempo, a professora procura utilizar em sua aula, nas formulações repletas de cordialidade. A professora opta pelo convite, porém, em alguns momentos, sente a necessidade de também utilizar-se da ordem ou da ameaça, conforme também será registrado em outros nichos nesta análise.

A seguir, vê-se um convite em que a professora age cordialmente, convidando os alunos para as atividades em sala de aula.

Professora: “Tá.(ouvindo mais gente!). Vamos ver a folhinha em primeiro lugar, psiu!”

A expressão “vamos ver” demonstra um convite formulado em vez do uso do imperativo. A professora Ivoni inclui-se no grupo dos seus alunos.

Também nos excertos abaixo, a professora faz um convite cordial aos alunos.

Professora: “Tá, obrigada! Anderson, continua.”

“Táa pessoal, olha aqui ó, prestando bem a atenção.”
 “Vamos lá? Bom, continuando gente.”

Percebe-se na interação que a professora quer (re)organizar a turma, a comunidade de aprendizagem, fazer com que voltem à aprendizagem. Nesse instante, Ivoni exerce sua autoridade institucional; a todo instante ela ordena o grupo através de convite cordial.

Abaixo, mais uma vez aparece o convite cordial da professora à aprendizagem.

Professora: “Ó o acento.”

Turma: “Agudo!”

Professora: “Não!”

Professora: “Vamos lá!”

Risos.

Professora: “O acento.

Professora: “xiiiiiiii”: (inaudível)

Professora: “Espera aí só um pouquinho, diz para mim como é o nome do acento. O acento.”

Turma: “Circunflexo!”

No excerto abaixo, da aula de 29 de maio de 2008, novamente a professora Ivoni parte de um convite em lugar de uma ordem e ela inclui-se nesta proposta. Ela também tem de participar, escutar quando alguém falar. Quando os chama: “gente!”, percebe-se a noção de grupo, pois a palavra abarca todos e, no contexto, é utilizada para solicitar silêncio em respeito a um colega que irá falar.

Professora: Tá pessoal vamos lá, vamos escutar o Anderson. Gente!

Professora: Isso mesmo gente. Quantos itens ela comprou? E ai como é que a gente vai fazer isso?

Ao fazer a pergunta: “como é que a gente vai fazer isso?” nota-se que a professora Ivoni quer provocar uma explosão de ideias na turma de alunos, técnica, aliás, bastante utilizada nas suas aulas. Também se observa no enunciado um tom de encorajamento aos alunos, além de novamente ela mostrar que faz parte do grupo, pois a dúvida é de ambos os lados.

Nesse sentido, observa-se, no excerto abaixo, a voz da professora na entrevista, preocupada com a cidadania, encorajando um aluno a desenvolver sua vocação de liderança.

Ivoni: Então, isso tudo está realmente em torno da questão política, de ser gente, de ser cidadão, de sair daquele fundão sim. E saber ir dizendo, como eu disse para o Diogo (aluno): “Eu quero te ver vereador”. A vila precisa de uma pessoa que luta pelas necessidades da vila. E eu continuo te dizendo, eu te dizia quando tu eras pequenininho. Tu és líder, então seja líder do bem,

pra coisas boas. Não pra coisas erradas. E ele só ri pra mim. Acho que fica meio encabulado.

O texto mostra que não é somente a aprendizagem, o conhecimento, que interessa a essa professora. Faita (2005, p.119), citando Amigues (2004), afirma que “a atividade de ensino não se reduz à ação e o estudo da ação não informa necessariamente sobre a atividade subjacente”. Assim, a atividade humana de trabalho é considerada como algo sempre novo, aqui a atividade docente, uma atividade inédita, um acontecimento inacabado, em constante renormalização.

Em outro momento, também é nítido o convite cordial ao aprendizado.

Turma: Sete horas, sete horas!

Professora: Sete horas.

Turma: Ponteiro pequeno vai no sete.

Turma: E ponteiro grande vai no doze.

Professora: Hora exata é **facinho né, gente?!**

Percebe-se pela interação acima que a professora prima pelo incentivo aos seus alunos. *O exercício é facinho*, diz ela às crianças. Por outro lado, observa-se que a professora é bem autônoma em seu trabalho docente, ou seja, ela renormaliza, faz reelaborações, readaptações das teorias e vai adequando-as ao seu cotidiano da sala de aula, às necessidades dos alunos, embora sempre primando pela perspectiva interacional.

Professora: Setenta e nove, **muito bem!**

Turma: Ô pro!

Novamente, na interação acima, percebe-se o incentivo por parte da professora e o entusiasmo, o envolvimento por parte da turma, momentos raros – aparecem no meio de um turbilhão de palavras do grupo e a professora. Mais uma vez, prevalece o aspecto interacional e a afetividade com que ela trata os alunos.

No excerto abaixo, são recorrentes a afetividade, a autoridade professoral, sem autoritarismo e o instigamento constante, o convite ao diálogo até que os alunos consigam apreender o conhecimento novo. Conforme foi visto em Enricone (2002), a atividade docente, a aprendizagem, os relacionamentos interpessoais resultam do interjogo de afetividade, valores, diferenças, o que exige também muito de sensibilidade e intuição do professor para fazer a leitura precisa do que está ocorrendo no momento exato.

Professora: Dá cento e oito. Muito bem!

Professora: Uma centena mais uma centena?

(Várias vozes-turma): Dois!

Professora: Duas centenas, então quanto é que é o triplo de sessenta e nove? Que número é aquele?

Turma: duzentos e sete.

Professora: Duzen-tos e se-te.

Professora: Perfeito!

Professora: Vamos lá! Terminando de corrigir, vamos lá!

Conforme Vygotsky (2000, p.110), a aprendizagem começa muito antes de as crianças frequentarem a escola, pois, já no período de suas primeiras perguntas, quando assimila os nomes de objetos em seu ambiente, a criança está aprendendo. Logo, acrescenta o psicólogo russo, ao chegar à escola, a criança, em qualquer situação de aprendizado com que se defronte, tem sempre uma história prévia, ou seja, alguma experiência relacionada com o assunto científico. Assim, a aprendizagem é entendida, independentemente da idade, como social e contextualmente situada, como um processo de reconstrução interna de atividades externas, em que a relação social tem o papel primário em determinar o fundamento intrapessoal. Segundo Vygotsky (2000), essa abordagem de aprendizagem pressupõe dois níveis de desenvolvimento: o real e o potencial, sendo a distância entre esses dois níveis denominada zona de desenvolvimento proximal (ZDP).

O nível de desenvolvimento proximal ou potencial é bem mais indicativo do desenvolvimento mental da criança. O nível de desenvolvimento real refere-se às funções ou capacidades que a criança já aprendeu e domina. A criança consegue utilizá-la sozinha, sem ajuda de alguém mais experiente da cultura (pai, mãe, professor, criança mais velha ou outros). Este nível indica os processos mentais da criança que já se estabeleceram, ciclos de desenvolvimento que já se completaram (VYGOTSKY, 2000, p.113). Dessa forma, quando nos referimos às atividades que as crianças já podem fazer sozinhas, como, por exemplo, recortar com a tesoura, resolver determinado problema matemático, ler e responder questões de um determinado texto, estamos tratando de um nível de desenvolvimento já estabelecido, ou seja, olhando-o retrospectivamente. No entanto, o nível de desenvolvimento potencial diz respeito ao que a criança pode fazer com a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (idem, p. 112). Nesse caso, segundo Rego (1998, p. 73), “a criança realiza problemas através do diálogo, da colaboração, da imitação, da experiência compartilhada e das pistas que lhe são fornecidas”. Por exemplo, uma criança pode não saber jogar vôlei ou declamar uma poesia, mas, com a ajuda de um colega que já tenha aprendido, de uma pessoa que esteja numa série posterior ou do professor/a, poderá realizá-los. A ZDP é criada, conforme Rego (1998), pelo aprendizado, na medida em que,

em interação com outras pessoas, a criança pode colocar em movimento uma série de processos de desenvolvimento que, sem a ajuda dos outros, seriam impossíveis de ocorrer. É por isso que Vygotsky afirma que a ZDP é “aquilo que é a zona de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã”. (VYGOTSKY, 1998, p. 113).

A professora Ivoni procura não humilhar nem punir seus alunos quando não sabem algo, pelo contrário os instiga a tentarem aprender. Ela sempre continua instigando os alunos, convidando-os ao diálogo para que cheguem ao conhecimento novo, saiam da zona de conhecimento potencial e cheguem ao conhecimento a ser apreendido. Como se observa no excerto abaixo:

Professora: Deixa ele prestar a atenção. Viu Igor, olha aqui ó, quando tu tens dúvida do número, tu não sabe o que vem depois do noventa e nove, tu soma mais um, ó, soma mais um, (inaudível).

Turma: Unidade.

Turma: Unidade

Professora: Unidade, coluna (inaudível). Se tu colocar na casa das dezenas vai dar errado (inaudível). Vais colocar uma unidade, na casa da unidade, uma embaixo, ó nove mais um? Dez, né?! Nove mais um?

Turma: Dez!

Turma: Cem!

Professora: Cem, deu o número certinho ó, visse?! Então (inaudível) uma dica para vocês saberem fazer caso tiverem dúvida, isso é só no começo depois vocês deslancham e nem precisam mais fazer conta.⁶

Nesse excerto, encontra-se a tentativa de a professora instalar um certo prazer na aprendizagem. Como foi visto em Fanta (2005), o trabalho, conforme a ergonomia da atividade, como é o caso do trabalho docente, consiste na operacionalização das prescrições, mas também na apropriação delas, na reconstrução e na sua transformação, segundo experiências vivenciadas. Nesse sentido, a professora reelabora sua atividade de forma a criar uma ecologia prazerosa em sala de aula.

Também no próximo excerto retirado da entrevista com a professora, observa-se a preocupação com um ensino prazeroso que leve os alunos ao sucesso pelo constante convite ao aprendizado.

Ivoni: Oh, mas é assim ó! Há muitas questões embricadas aí. Tem muitas questões, poderia ser a questão do professor que é bem, bem freireano. Que é a questão de conhecer o aluno, conhecer a realidade do aluno que a partir do momento que tu conhece teu aluno, tu vai realmente fazer aulas para eles, não aulas espetaculares, mas aulas que dêem condições de eles poderem estarem lá dentro e entender o que tu tá querendo passar pra eles e de uma

⁶ As transcrições tentaram ficar “perto” das palavras/da linguagem da informalidade, da maneira como a entrevista foi conduzida.

forma mais agradável pra eles. De uma forma mais prazerosa, né? E uma série de outras coisas assim. E que a partir dali tenho uma forma de construção de conhecimento. Isso é um ponto, aí é o professor.

A professora deixa perceber que se filia a uma espécie de escola, ou seja, a construção do conhecimento, a partir do convite ao diálogo, à interação com os alunos. Esse aspecto também fica nítido nos excertos abaixo, retirados da entrevista.

Assim, quando questionada sobre como ela enxergava seu trabalho docente, a professora demonstra a necessidade de se posicionar dentro de uma metodologia, um paradigma de ensino e aprendizagem, e não simplesmente “apresentadora” de regras gramaticais ou de memorização, quando ensina Matemática.

Sim, a forma para eles entenderem como é a escrita, porque no português muita coisa tem regra, muita coisa não tem. Assim, a bendita decoreba numa 2ª série é pedir demais sem que elas realmente entendam. E eu não acredito em ensinar sem que eles entendam o porquê. Então, muitas das vezes aconteceu de eu colocar tá faltando o quê? Um ponto final, uma vírgula, o que quer dizer? Porque quando eu ensinei pontuação lá atrás, exclamação, interrogação, nhã, nhã, nhã... não queria dizer que vocês só soubessem o ponto, eu queria que vocês empregassem o ponto, porque na verdade nós aprendemos a escrever quando estamos fazendo estas aulas.

Dentro da cordialidade pode-se também trazer a iniciativa da professora.

Abaixo, encontra-se o paradigma do ensinar contando histórias que é, de certo modo, uma teoria da aprendizagem. Ivoni diz:

a questão de situar. Lembra que eu fiz aqueles cartazes enormes do Gotão? Que eu contei tudo através de histórias, marionetes, bonecos de mão, e tinha o personagem Gotão
[...]

Tem a questão assim sem o piso, sem o alicerce, a gente não faz uma casa. Então, eu comecei lá situando a criança nos mapas. Falando de água nos mapas. Então, falando que nós estamos lá, que nós moramos lá na Vila Tal, dentro de Pelotas, que tá dentro do Rio Grande do Sul, do Brasil, do planeta. Sem falar que o planeta tem sete partes de água e três de, de, terra. E no corpo humano, sete partes de água e três de massa. Então, na verdade é uma grande história. Na verdade eu sou uma contadora de histórias.

Aqui, observa-se que a professora se filia a uma teoria de ensino e aprendizagem, ou seja, ser professor é ser um contador de histórias. Conforme a literatura estudada, a atividade docente constitui-se de um conjunto de relacionamentos que levam o indivíduo a fazer uma espécie de acordo consigo mesmo, isto é, um sujeito dividido entre “o que se exige dele e o que isso exige dele” (Amigues, 2004, p.41). Ele está sempre dividido em suas dimensões fisiológicas,

psicológicas e sociais, construindo sua identidade, porém regulando essa relação, que o liga ao real (à atividade) e aos outros (à tarefa), ao prescrito.

Eu procuro fazer eles compreenderem este tipo de coisa. Acabo tratando eles até de uma forma um pouco mais séria e tal. Assim, um estilo só eu não uso, eu uso a necessidade, a forma que eu acho mais viável de eles aprenderem naquele momento aquele tipo de conteúdo.

Neste excerto da entrevista, observa-se a mediação-preocupação da professora com a “teoria proximal” de Vygotsky. Segundo a literatura revisada, a aprendizagem é fundamental ao desenvolvimento dos processos internos na interação com outras pessoas. Ao observar a zona proximal, o educador pode orientar o aprendiz no sentido de adiantar o desenvolvimento potencial de uma criança, tornando-o real. Nesse ínterim, o ensino deve passar do grupo para o indivíduo. Em outras palavras, a interação do indivíduo com o ambiente e os objetos (através do simbólico) produz internalização (apreensão) de novos conhecimentos.

Eu não vou te dizer que é Construtivismo ou outro nome qualquer. Eu utilizo da forma que eu acho necessário, da forma que a criança vá entendendo, da forma que eles aprendem eu procuro mostrar uma forma melhor de eles entenderem. Por exemplo, na aula de Português ensinar uma forma melhor de dicção.

Minha aula é muito barulhenta, tanto que quem não tá por dentro do que eu pretendo, diz que é uma esculhambação. Eu acho importante sim, porque como sempre te disse, eu sou vygotskyana sim, eu acredito muito nos conceitos que o Vygotsky passou pra nós, e acho que aquela questão do copiar...

Pesquisadora: O importante é a interação?

Ivoni: A interação é... e ele fala no copiar, que a gente tem de ter uma matriz e essa questão não é um copiar de cópia. Não é fazer, imprimir igual. Não é um carimbar, é a partir daquele conhecimento do outro, tu vais fazer o teu. Um conceito bem amplo, não é restrito que diz pega um carimbo e faz todo mundo igual, aa, bb, não! É que teu b pode ser mais redondo, quadrado, triangular, não sei que forma de b tu vai achar. Pode ser a triangular, quadrado, retangular, mas que todos compreendam este a.

Conforme a literatura estudada, a zona de conhecimento proximal de Vygotsky define a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através de resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro. Isto é, é a série de informações que a pessoa tem a potencialidade de aprender (de conhecer) mas

ainda não completou o processo, conhecimentos fora de seu alcance atual, mas potencialmente atingíveis. Verifica-se que a professora se considera vygotskyana e, na verdade, ela utiliza a interação em sala de aula, faz a mediação entre o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial de seus alunos.

Assim, acima, observa-se que ela parte de uma zona de conhecimento conhecida da criança para, a partir daí, desenvolver novos conhecimentos de acordo com cada sujeito, no caso, pode ser “a” triangular, quadrado, retangular, mas que todos compreendam este “a.” Vê-se, ainda, o respeito à individualidade, a presença da heterogeneidade.

Conforme já explicitado nesta investigação, o professor, apesar de ser o “detentor de poder”, exerce a função mediadora (VYGOTSKY, 1998) da atividade proposta, estando ciente de que sua presença também poderia influenciar as interações e negociações dos alunos.

A professora se autodefine, se considera utópica, meio “maluca”, mas, em seu discurso, percebe-se a preocupação com o entorno sócio-histórico dos alunos, ela quer que eles tenham senso crítico. Isso parece coincidir com o conceito de dialogia, pois está levando em conta a situação de produção dos enunciados, a presença das outras vozes, está “abrindo o leque”, para ir mais além da gramática, do aparato técnico da língua, por exemplo.

Conforme Bakhtin (2005), uma palavra isolada não tem significado, é na relação dialógica que ela adquire seu acento de valor. Assim, ela afirma “tento fazer eles compreenderem o que existe entre linhas, não é a palavra gelada...”.

No nicho a seguir, apresenta-se, outro convite, o convite da persuasão que, muitas vezes, aproxima-se do comando ou mesmo da ameaça por parte da professora que necessita, em alguns momentos, utilizar essa voz de autoridade.

5.1.1.2 Persuasivo

Uma outra maneira de convidar à aprendizagem é pela persuasão, ou seja, a professora procura argumentar a favor de uma determinada posição. No excerto abaixo, ela conta uma história que se passou em uma reunião de professores, tentando persuadir os alunos a aprenderem o que ela pretende ensinar, porque é importante para suas vidas futuras.

Professora: Vocês nem sabem, ontem na reunião que a professora foi, eu me lembrei de vocês, na reunião que a professora foi, tinha, uma lei, uma

leitura para cada professor (inaudível) a gente leu, um trechinho sobre a África.

Professora: sabe?! E, aí uma professora foi ler, vocês acreditam que ela não sabia os números romanos, ela fez assim ó, pediu apoio para a professora de trás e a professora disse, sabe que número ela não sabia ler?!

Turma: *Aham.*

Professora: Este aqui.

Turma: Dez! Ahhh.

Professora: Dez.

Turma: É burra!

Turma: *Risos*

Professora: Prestem a atenção aqui! Não é fácil (inaudível)

Depois da história a professora procura persuadir os alunos de que a dificuldade necessita de atenção para ser superada.

No seguinte trecho a professora diz:

“tá olha aqui ó, todo mundo que está com os seus ursinhos aí.”

Nota-se que ela apresenta a noção de grupo, a expressão adotada “todo mundo”, referindo-se à turma da 2ª série e, também, procura persuadir os alunos a iniciarem o trabalho. O “olha aqui” já soa quase como uma “ordem” – a persuasão está clara.

No excerto abaixo, tem-se outro convite persuasivo.

Professora: “Vamos ver, vou começar assim ó, vou pegar um, um por um, aí lendo um pedacinho para mim, tá?”

Nesse trecho observamos que a professora assume o papel de organizadora do grupo, convidando-os a participar.

Também abaixo, aparece o tom persuasivo da professora no convite aos alunos à aprendizagem.

Professora: Dezoito (inaudível). Estão prestando a atenção?! Dezoito, ela comprou quatro dezenas de laranjas, quanto é quatro?

Turma: Quarenta!

Professora: Dezenas de laranjas? Quarenta, só o Valdecir está entendendo?! E o que mais que ela comprou?

Turma: Laranja.

Turma: Cinco mangas.

Professora: Cinco mangas, muito bem!

Turma: Manga é ruim!

Professora: E aí o final da conta é o quê?

Turma: Mais!

Turma: Mais!

Professora: Né, gente?! Bom.

A professora também usa a persuasão através da afetividade.

Turma: Eu estou com dor de dente!

Professora: *Aí, aí, e eu estou com dor no nariz!*

Turma: *Risos.*

Abaixo, mais um exemplo de persuasão.

Professora: Pessoal! *Ah, ah, ah não, essa conversa está demais! Até agora eu não corriji nada!*

Observa-se a afetividade da professora, fazendo com que os alunos descontraiam e aceitem o convite ao diálogo em sala de aula. Tom professoral, todavia afetivo, tem-se uma espécie de gradação nas diferentes maneiras de convidar. A seguir, mais alguns excertos que exemplificam a professora utilizando-se da persuasão.

Professora: Ah não Valdecir, por favor!

Professora: Vamos lá Igor, o que que houve?

Professora: Gente, não deixem de copiar se não vocês vão se atrasar.

[...]

Professora: Ô Miguel ô, chega! Ô Wesley, prestou atenção no que eu disse? O que eu disse?

[...]

Professora: Igor!

Professora: Tu não respeita mais a professora?!

[...]

Professora: “Não, não, não, a professora está pedindo Valdecir. Tu está brincando e não está prestando a atenção na aula. Valdecir, faz favor!”

Abaixo, um excerto em que aparece um pedido persuasivo:

Professora: (inaudível) A data, Valdecir, por favor!

Observa-se a paciência, a persuasão, o convite reiterado. Uma paciência quase infinita que termina com um “por favor”. A professora utiliza o convite persuasivo que, em algumas vezes, produz efeitos de sentido de comando ou ameaça, mas nunca se revestindo de autoritarismo.

No próximo item, a análise sai do convite e se encaminha para a voz de comando utilizada pela professora.

5.1.2 Comando

Neste nicho, sai-se do convite para a obrigação, o comando que exige obediência do aluno. A professora exerce a voz de comando quando necessário, conforme pode ser observado abaixo:

Professora: Olha aqui pessoal! Não, se é para bagunça (inaudível)

Professora: Espera só um pouquinho.

Várias Vozes *murmurinhos*.

Aqui, a professora usa a sua autoridade institucional, social – a ordenação do grupo exige uma organização mais rigorosa.

Abaixo, a professora dá um comando.

Professora: “Todo mundo em silêncio, escutando.”

Professora: Ô Miguel!

Aqui ela não se inclui, dá uma ordem, pois neste instante a professora tenta ordenar o grupo aprendiz. A partir dessa observação, a pesquisadora questiona-se se há punição na sala de aula analisada e constata que não, evidencia-se somente a ameaça de puni-los. A aula pode “esquecer” as vozes silenciadas, mas também não é punitiva.

Nos excertos abaixo, a professora utiliza a ordem, através de um modalizador, ou seja, “direitinho”.

Professora: “Né? Prestando bem a atenção (inaudível), se depois tu pode pegar, te acalma, senta direitinho.

Professora: “Não faz assim, só porque a professora Mari está aqui, normalmente tu faz as coisas direito.

Abaixo, mais uma vez a professora exerce o comando, a ordem institucional.

Professora: “Agora vamos ver o Wesley, vira e pega e continua lendo.”

Professora: Juliana.

No momento em que a professora Ivoni diz que a conversa está demais, nota-se que ela sente necessidade de utilizar-se do tom professoral institucional.

Professora: Ellen, tu não veio na aula passada, então tu faz favor de prestar a atenção!

Novamente uma cobrança, mas em tom modalizado, utiliza-se da expressão “faz favor”. Através dessa abordagem, comprova-se novamente que ela é uma professora que se utiliza da sua autoridade, quando é necessário para o bom andamento da aula, porém não segue o modelo do autoritarismo.

Mais uma vez, surge a necessidade da voz do comando, da autoridade.

Professora: Lê para mim a pergunta do problema.

Professora: Na pergunta, e qual é a pergunta? Lê para mim Érica. Do que o resto do pessoal. Igor, senta aqui.

Uso da autoridade, tom professoral. Apesar de em alguns momentos necessitar usar sua autoridade, não é o mesmo autoritarismo de décadas anteriores, pois procura que seu grupo de alunos interaja com ela e entre si, de forma harmoniosa, prazerosa, sem amedrontá-los.

Professora: Querida, eu só quero que tu leia em voz alta a pergunta para mim. Eu não quero mais nada. (inaudível)

Observa-se o comando modalizado, “querida”, pois a professora está preocupada com o aprendizado dos alunos, sem causar-lhes constrangimento.

Quando a professora Ivoni pede ao aluno Valdecir que pare quieto, ela, neste caso específico, vê-se na iminência de ordenar em vez de pedir, como é de seu

costume. O aluno já foi chamado à atenção inúmeras vezes sem a professora ter conseguido obter sua cooperação para o bom andamento da aula. Ele estava a atrapalhar muito a explicação da professora, porque parecia que, naquele momento, a aula não despertava sua atenção. Aliás, pode-se perceber pelos trechos que mais alunos estavam em sintonia de diálogo entre si e não com a professora. Naquele momento específico, eles não estavam sendo uma comunidade de práticas de aprendizagem. Há um distanciamento entre professora e alunos.

A professora, então, precisou exercer a voz da instituição, da autoridade professoral para não cair na licenciosidade.

Observa-se, no excerto abaixo, que ocorre um comando, deslizando para a ameaça.

Professora: Guris, Miguel, chega!

Professora: Gente, não deixem de copiar se não vocês vão se atrasar.

Professora: Valdecir chega! Guris aqui dessa mesa, chega!

No excerto acima, o comando é quase uma ameaça. Terminou a paciência da professora – momento crucial para qualquer docente: como agir? Pela punição? Continuar persuadindo? Dar ordens adicionais?

Turma: Sora, hoje é vinte é nove?

Várias Vozes

Turma: Professora! Hoje é vinte e nove?

[...]

Professora: Se vocês quiserem espacinho aqui do lado para compor o número.

Professora: Ô Miguel ô, chega! Ô Wesley, prestou atenção no que eu disse? O que eu disse?

Turma: Mas o Miguel está falando!

Professora: Mas não é no Miguel que tu tinha que prestar a atenção!

Outra vez, aparece a voz de comando quando necessária:

Professora: Gente, aqui do lado se vocês quiserem, olhem para mim todo mundo.

Professora: Se vocês tiverem um espacinho na linha de vocês para compor um número, vocês deixem se não, deixem uma linha em branco, tá bom?!

Seguindo a aula, encontra-se mais voz de comando durante a interação.

Professora: Olha aqui ó, o Igor está com dor de cabeça, vocês parem de gritar do meu lado!

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:34)

Professora: *Psii! Psii!* Alexandre!

Várias Vozes *murmurinhos.*

Professora: Gente, pára de brincar!

Abaixo, encontra-se um convite acompanhado de comando, em que a professora exerce seu papel de autoridade em sala de aula.

Professora: “Miguel, pára de falar na hora que a colega está falando, quando uma pessoa está falando o que que a gente faz?”

Quando ela não consegue somente através de convite, usa sua autoridade. Fala sobre a norma social.

Nos momentos seguintes, a turma fica na escuta das explicações dadas pela professora Ivoni. Os alunos, durante este silêncio, este prestar atenção no dizer da professora, demonstram participar de um grupo de aprendizagem.

Mais uma vez, aparece o aspecto repreensivo de comando.

Professora: “Vocês estão escutando, todos, gente?”

Nota-se, no enunciado acima, que o grupo se desorganizou novamente e a professora tenta trazê-los de volta à aula. O grupo não é mais uma comunidade de aprendizagem nesse momento.

Abaixo, mais uma vez aparece o tom de comando da professora:

Professora: “Ah, pois é, não estava prestando a atenção. Né, gente?”

Professora: Não, eu quero, só, a pergunta, do problema, quem é que sabe aonde é que está a ...

Turma: Eu!

Professora: pergunta do problema? Lê para mim Wesley.

Turma: Esse aqui é para fazer as continhas.

Professora: É.

Professora: Não.

Professora: Não é número dois.

Turma: Risos

Turma: É quantos itens?

Professora: Quantos itens...

Turma: Ela, ela comprou?

Professora: Ela comprou, gente que dificuldade vocês não sabem o que que é pergunta? Ponto de interrogação, vocês também não lembram?!

Turma: Sora.

Turma: Não!

Há preocupação com a aprendizagem dos alunos. Repreensão por parte da professora, mas em tom preocupado, afetivo, não com intenção de expor os alunos ao ridículo ou diminuí-los por não lembrarem o que já foi ensinado.

Professora: No doze, hora exata, hora. Guris, Miguel! Por favor, Miguel, tu estás corrigindo?

Turma: Eu nem fiz esse.

Professora: Como tu não fez esse? (inaudível)

Professora: Miguel, segundo dia que tu não vai fazer nada nessa aula?

Um aluno provoca a professora, dizendo que não fez o exercício, procurando mostrar desinteresse pela aula. A professora não é autoritária, apenas demonstra espanto por ele não ter feito a tarefa. Há cobrança, mas não autoritária, ele é

questionado, já é o segundo dia em que se recusa a realizar tarefas propostas em aula. Ela deixa a criança quieta e segue a explicação da aula.

Professora: Cento e dois. E o triplo? Quem é que está conversando e não está prestando atenção?

A professora Ivoni exercita o tempo todo sua autoridade professoral, repreendendo quando necessário. É reiterável o aspecto da interação e da aula comunicativa.

Por outro lado, incentiva-os o tempo todo a aprenderem sem traumas. Novamente, seu convite à interação é recorrente, embora necessite usar a voz de comando.

Professora: E o número, ante... *xiiii!* Juliana e Michele!

Novamente, se faz necessária a repreensão indo para o comando:

Professora: Ninguém sabe tudo, ninguém! Ô, ô, Andreina! Andreina! Andreina, ninguém sabe tudo, só que eu me admirei que ela não sabia isso (inaudível).

Professora: Bom! Virados aqui para o quadro.

Professora: Quantas centenas? Gurias, Ellen e Andreina!

Professora: Não, Anderson, só um pouquinho!

Várias Vozes

Mais uma vez, pelo que se observa nos excertos acima, se faz necessário que a professora use a voz da escola, da instituição escola, exercendo sua autoridade professoral, para que os alunos participem do diálogo junto com a turma. Mas isso não é realizado de forma autoritária e, sim, de maneira afetiva.

Desse modo, na entrevista, a professora afirma ser necessário, às vezes, manter a forma tradicional, ou seja, é a voz da norma, da instituição escola tradicional que ecoa no seu discurso. Parece evidenciar-se que só a professora está encarregada de trazer o conhecimento para a sala de aula; não ecoam as vozes que o aluno traz de seu contexto sócio-histórico.

Depende o momento. A gente tem que sair sim do tradicional, se utilizar de outros conceitos, hã, diferenciados da forma tradicional, de todas as formas que tu achas. Se é necessário decorar o que é uma dúzia, vão decorar. Quando há uma dúvida, é claro que tu vai ter que decorar. Por exemplo, agora repitam, uma dúzia é doze! Eu fiz até uma questão no quadro. Trabalhei com material concreto com eles, mas não entrava, não entrava, porque tava longe, eu não tava conseguindo chegar ali. Na verdade não é que eles estivessem com a cabeça fechada, cabeça dura. Ou lá sei eu o quê?! Não tô colocando a culpa neles, é um conhecimento novo e ele tem de ser construído e eu coloquei concreto sim e joguinhos que eles faziam. Assim como sinônimos, substantivos e verbos, tudo junto para decorar a regra. Infelizmente porque a gente tem que decorar, por mais que tu queiras, tu tens que ter o teu entendimento, mas tem horas que tu tens que fazer a memória.

No excerto abaixo, a professora deixa claro que, muitas vezes, é necessário seguir as normas, as “sanções”. Nesse momento, ela parece ser incoerente com sua postura dialógica. Observe-se:

Regras, inclusive eu utilizei o termo sanções, na segunda série e tinham sanções construídas por eles.

Só que tinha hora que tinha que ter a questão do limite, sim. Embora a questão da conversa, tinha a questão do limite na minha sala, da minha forma, da minha visão de limite, mas tem. Não é esculhambação total e todo mundo pode tudo, não.

Colocamos cartazes. E quando é colocado para uma criança explicar primeiro, teve o dicionário de português, procuramos o que era sanções. Legal, né? Teve a questão lá do início do ano. Ordem alfabética e depois construção de regras e eu construí com o contexto da regra de pega-varetas as regras da sala de aula, né? Jogamos e aí fomos discutir o que que era regras. Tem que obedecer às regras, porque se não não ia se jogar. Pega-varetas, por que o preto valia tanto? Porque era o único que podia mexer. Então, todas aquelas questões de construções matemáticas em cima, né? Bem interdisciplinar, por quê? Porque era necessário pra eles entender realmente o que era uma regra, entender o que era sanções e aí eles foram em frente. No começo foi um caos, aí como eles imaginavam que não iam fazer aqueles delitos, eles fizeram cada sanção, tipo quase botar o aluno de joelho no milho. Este tipo de coisa, por eles, eles tiram assim. Ah, tu imagina, tu faz tal coisa, eles querem fazer tal coisa, tal coisa e tal coisa. Claro, eles não imaginam que eles estão ali dentro. Eles vão sofrer, eles podem fazer aquilo e também vão ser castigados por eles mesmos, eles mesmos tão inventando. Aí eu algumas coisas até eu tive que ir tirando. Algumas coisas até eu tive que dar uma cerceada, para eles não enforçar o coitado.

Pode-se observar que também os alunos, em seu comportamento relatado pela professora Ivoni, sentem a necessidade do limite. Acredita-se que, nesse ponto, ecoa a voz do pré-construído, da representação social tradicional que se tem de escola, ou seja, os alunos pedem sanções. Evidencia-se, também, a questão da representação social de professor e escola, conforme a professora já havia relatado em outros excertos.

A seguir, apresentam-se as formulações que produzem efeito de sentido de ameaça, conforme os excertos registrados.

5.1.3 Ameaça

Neste nicho estão agrupados os excertos em que as formulações da professora produzem efeitos de ameaça, às vezes, não é fácil distinguir “ameaça” de “comando”.

Professora: “Tá, espera aí pessoal. Vamos escutar aqui só um pouquinho. Ô Priscila, a próxima vez que tu saíres da sala sem me pedir licença, eu vou ter que pedir para ti ir conversar com a professora Mari lá na secretaria.”

A frase inicial demonstra que novamente a professora exerce sua função professoral, ordena a sala, assume seu papel de zelar pelo grupo. Ao final percebe-se que ela invoca o papel autoritário através da ameaça se a aluna não obedecer às regras escolares, principalmente se tratando de alunos de uma segunda série do Ensino Fundamental, que é a de sair da sala somente com o consentimento da professora.

Caso a menina infrinja novamente essa norma, será enviada para a secretaria. Secretaria aqui tem o sentido de direção, local em que algumas vezes os alunos comparecem para prestar contas dos seus pequenos delitos na escola. Irão falar com a professora Mari, que além de professora é coordenadora pedagógica, para eles quase a diretora. Essas funções sempre provocaram um certo receio no alunos; afinal, são professoras, porém não ministram aulas, portanto há um certo distanciamento e até um respeito, um receio em ter de enfrentar a diretora ou coordenadora para dar explicações.

Verifica-se que é visível a comunidade de aprendizagem coordenada pela professora.

Professora: Tá, e o que mais que ela comprou, guris se vocês continuarem conversando eu vou tirar pelo menos um do recreio!

Há necessidade de utilizar a autoridade professoral, reavaliação da sua crença na não punição; na ausência do castigo, somente diálogo. Em alguns momentos, ela sente que precisa exercer mais sua autoridade de professora. Autoritária, percebe-se que Ivoni não é, pois, através da leitura de todas as aulas transcritas, observa-se que a professora é bem próxima a seus alunos, diferente da professora autoritária e distante.

Professora: Não, agora vamos pará os três. Vamos escutar isso aqui ó, vamos escutar a Érica, vamos lá!

Professora: Não, não eu só quero a pergunta do problema.

Professora: É a pergunta do problema Érica, qual é a pergunta desse problema? Eu não quero o problema inteiro, eu só quero a pergunta, qual é a pergunta?

Professora: Lê para mim, Érica.

Professora: E agora? Olha bem aonde é a pergunta do problema Érica.

A professora sente a necessidade de exercer a ameaça, em alguns momentos, para que a interação prossiga.

Professora: Dupla que está complicada vou ter que separar essa dupla, a terceira vez que eu disser, vou separar a dupla, eu estou separando!

No enunciado acima, verifica-se que a professora possui a necessidade de ser autoritária, algo não comum na sua prática pedagógica, ter de verbalizar a ameaça, a punição e o castigo, para fazer com que trabalhem, embora tenha sido observado que não ocorrem a punição e o castigo na sua aula: a professora fica apenas na ameaça de executá-las. E, ainda assim, ela demonstra que o castigo é para o bem das alunas, que, ao conversarem, não realizam as tarefas e, além de atrapalharem os colegas, prejudicam a si próprias.

Aqui, é a voz das normas, da instituição escola no sentido tradicional que transparece na enunciação da professora.

Professora: A Ju lembrou “1seg” a Ju lembrou que nós havíamos falado que a partir daquele momento quem tivesse falando ia ficar aqui dentro, gente ou vocês vão acalmar ou eu não dou aula no meio dessa esculhambação, a gente conversa, a gente brinca, mas na hora de virar para o quadro e escrever, copiar nós vamos copiar, tá?!

No trecho acima, fica nítido que ela utiliza sua autoridade professoral quando se faz necessário, sem valer-se de autoritarismo, ainda que a distinção se torne cada vez mais tênue.

Abaixo, outro exemplo de ameaça quando necessária.

Professora: Gente, eu vou apagar o quadro aqui.

Neste instante, a professora está no seu limite e necessita utilizar-se da ameaça de apagar o quadro. A voz da instituição normativa se faz premente diante da negação ao diálogo por parte de alguns alunos.

Quase no final da aula, a professora precisa, de novo, usar a ameaça.

Professora: Miguel, Wesley, eu vou tirar vocês os dois daí!

Professora: Igor, chegô.

Verifica-se, nos excertos acima, que a professora não consegue desenvolver a aula quanto ao conteúdo, pois parece que os alunos estão dispersos. A professora necessita trazê-los de volta ao contexto da aula, importante para ela, porque para os alunos a dispersão está prevalecendo.

Nessa fala, ouve-se a voz da instituição escola, da autoridade que se faz necessária, uma vez que alguns alunos não estão aceitando o convite ao diálogo em aula.

A esse respeito, assim formulou a professora em sua entrevista:

Ivoni: Só que tinha hora que tinha que ter a questão do limite, sim. Embora a questão da conversa, tinha a questão do limite na minha sala, da minha forma, da minha visão de limite, mas tem. Não é esculhambação total e todo mundo pode tudo, não.

Ivoni: É aquela coisa que a gente quer que eles tenham, leitura de mundo, mas a gente tem que ter leitura de muita coisa. Uma é que esta sociedade está caótica, outra, que somos humanos, passíveis de erro. Eles também, erram, nós erramos e eles também erram.

A seguir, encontram-se formulações que focam o aspecto lúdico de como a professora ensina.

5.1.4 Atividade Lúdica

Neste nicho, agrupam-se os excertos que apresentam o procedimento metodológico lúdico, do qual a professora se utiliza para levar os alunos à aprendizagem.

Professora: “Acento agudo, a gente sente, olha aqui ó, vovô e vo-vó tem diferença no som?”

A professora no trecho acima exerce o papel de interrogar em vez de afirmar, regradar, dar normas. Em vez de ensinar, ela interroga e espera que o grupo social construa o conhecimento. A turma responde para ela: “Tem.”

Professora: “Tá, e a boca tem diferença?” A professora faz um convite para a aprendizagem.

Turma: “Vô.”

Professora: “Como é que faz?”

Turma: “Vovó, vovô.”

Turma: “Vovó, vovô.”

Professora: “Olha ali ó (inaudível)?”

Turma: “Vovó, vovô.”

Professora: “Como é que é?”

Turma: “Vovó, vovô.”

Turma: “Vovó, vovô.”

Na interação acima, nota-se quase um comportamento infantil, quando a criança começa a brincar com sons. Uma brincadeira fonológica. É uma maneira de aprender. Evidencia-se o agir da professora que, de certa forma, se filia a um paradigma de aprendizagem em que, pelo jogo, pelo aspecto lúdico, se aprende.

Professora: “*A gente abre a boca, vovó!*” Observa-se, novamente, que a professora se inclui nesta atividade lúdica. Abaixo, outro excerto com esse aspecto.

Professora: “Vocês viram?! Então aquilo que nós descobrimos na prática que a boca abre e fecha está registrado aqui ó. Ah, acento agudo é para dar um som aberto às vogais.”

Observa-se, também, no discurso da professora o aspecto metalinguístico.

Novamente, aparece o aspecto lúdico, em que a professora faz os alunos utilizarem o corpo, contrariamente ao modelo foucaultiano de escola.

Professora: “Aberto,

Professora: “José, vamos lá, então, primeira palavra, vamos lá todo mundo!”, cipó, picolé, pó, pé, sofá, Ceará, babá, maré, óculos, pêra, café, Pelé, página, xícara, árvore, armazém.”

Turma: “José, cipó, picolé, pó, pé, sofá, Ceará, babá, maré, óculos, pêra, café, Pelé, página, xícara, árvore, armazém.”

Professora: “Viram, sentiram?! Nós não abrimos bem a boca para falar essas palavras?!”

Turma: “Sim!”

Observa-se pelos excertos acima que a turma, por interferência da professora, novamente se organiza para aprender. Verifica-se que a professora sempre procura chamá-los à aprendizagem, à comunidade dialógica, ensinando através da brincadeira com o corpo. Na verdade, esta é uma exceção, um dos poucos momentos em que “o corpo” participa da aula de maneira diferente – em geral só copiar, repetir, responder em coro, etc.

Por outro lado, observa-se que, embora na sala de aula a professora geralmente domine a interação, iniciando a maioria das tomadas de turno, os alunos mantêm-se subordinados, tendo suas contribuições controladas ou inibidas pela parte dominante (LINNELL E LUCKMANMN, 1991).

O exercício do corpo e o aspecto lúdico da educação também estão presentes no excerto seguinte:

Professora: “OB-serva, OB-serva!”

Turma: “OB-serva!”

Professora: “Entenderam? OB-serva, tá? Agora eu acho que vocês não erram, “OB.”

Turma: “OB.”

Professora: “Serva.”

Turma: “Observa.”

A professora faz uma avaliação positiva, uma abordagem como membro desta turma, deste grupo. Quanto à parte fonética, é parte de um jogo, de uma interação entre alunos e sua professora, levando-os à aprendizagem através da interação.

No excerto abaixo, de sua entrevista, observa-se que a professora está preocupada com o aspecto lúdico da sala de aula. Mas enfrentou problemas por utilizar uma dinâmica diferente do comum no espaço físico, na caracterização do espaço da sala. Também, pode-se observar a filiação da professora a uma teoria da aprendizagem, ou seja, se aprende brincando.

Ivoni: Não só o espaço físico, mas as classes eram enfileiradas umas atrás das outras. Só que tem uma coisa, os meus alunos ano passado, eu tive uma mudança, porque como eu te disse, eu sou a Ivoni e tenho muitos estilos. Este ano eu não joguei tanto quanto eu joguei ano passado. Acredito no jogo.

No jogo pedagógico, mas o jogo por uma série de coisas. Um jogo pedagógico, mas um jogo, porque a criança o que que ela gosta de fazer? Gosta de brincar, né? Então, a forma mais fácil de ela aprender é copiar aquilo que ela tem paixão que é brincar. E as classes eram enfileiradas e eu fazia o quê? Distribuí os alunos de três em três, de dois em dois, de não sei o que, não sei o que mais. Só que eu fui bastante criticada. Tinha que arrumar todas as classes antes de sair. E eu nunca fui de largar as crianças antes do horário. Então, perdia o ônibus, mas a gente dava um jeito. E aí assim, porque eu acho que a atenção para a pessoa é muito importante, e o aluno é uma pessoa.

O lúdico também está presente, conforme se pode observar abaixo:

Então, eu fiz joguinhos pra memorizar estas questões. Eu fiz também joguinhos com dúzia, dezena, para eles decorarem. Ih, tu não gostas, preferes memorizar, memorizarem.

Ainda, na entrevista, a professora se apresenta como uma contadora de histórias, ou seja, se ensina, contando histórias, o que não deixa de ser uma forma lúdica de ensinar.

Ivoni: para contar sobre a água. Antes de contar sobre a água é o estilo de aula que eu dou. Eu não parto para um conteúdo sem contextualizar este conteúdo. Não consigo, isso aí, realmente não vou mudar. Independente da forma que eu vou colocar a aula. Tem a questão assim, sem o piso, sem o alicerce, a gente não faz uma casa. Então, eu comecei lá situando a criança nos mapas. Falando de água nos mapas. Então, falando que nós estamos lá, que nós moramos lá na Vila Tal, dentro de Pelotas, que tá dentro do Rio Grande do Sul, do Brasil, do planeta. Sem falar que o planeta tem sete partes de água e três de, de, terra. E no corpo humano, sete partes de água e três de massa. Então, na verdade é uma grande história. Na verdade eu sou uma contadora de histórias.

Mais adiante, a professora evidencia sua subversão às normas e insiste na importância das renormalizações, isto é, a maneira como age em seu trabalho real, de acordo com cada clientela.

[...] cada turma, cada clientela tem uma forma, cada conteúdo tem uma forma de desenvolver. De repente, matemática, eu adoro jogos, né? Mas estudos sociais eu gosto de mostrar coisas também. Hoje de posse de tecnologia maior do que eu tinha antes, eu levaria assim, notebook para a aula.

Não, isso aí, não é pronto. Isso aí cada dia, cada turma, cada nova turma, novos alunos vão ter outras dificuldades, não vão ser essas aulas, vão ser outras coisas. Eu vou aprender mais, eu vou procurar passar de forma diferente e melhorar cada vez mais meu trabalho...

[...] pode ser na gramática, igual à questão da boca, o formato da boca, a forma que fala, para eles sentirem que as coisas têm mais vida, do que parece, do que está estampado no papel

Retomando a literatura estudada, observa-se que a atividade do professor é direcionada não apenas aos alunos, mas às instâncias de hierarquia da escola, do

Estado e dos pais, dos outros professores e, ainda, à instância histórica do ofício de professor.

Nesse conjunto, as “prescrições” desempenham um papel decisivo na análise da atividade, pois, além de desencadear as ações que reorganizarão, tanto o meio de trabalho do professor, quanto o dos alunos, elas são constitutivas de sua atividade. Diante de prescrições, o professor precisa redesenhar o mapa de tarefas que lhe foram prescritas e, por sua vez, definir as tarefas que irá prescrever aos alunos.

Na atividade do professor, há regras do ofício (Amigues, 2004, p.43), “aquilo que liga os profissionais entre si... uma memória comum e uma caixa de ferramentas...”. Desse modo, a professora Ivoni usa instrumentos para sua atividade real, que não são definidos por ela mesma. As “ferramentas” são os manuais, os livros didáticos, os exercícios idealizados por ele ou por outros colegas, recursos que fazem parte da tradição do ofício e que servem como técnicas de ensino.

Nesse contexto, entra o ensino através do uso, em algumas vezes, da ameaça, pois é necessário que as prescrições, conforme foi dito acima, sejam também respeitadas.

Abaixo, apresenta-se o nicho “coral”, em que as formulações produzem efeitos de sentido de um maestro que está a reger um coral, conforme será verificado.

5.1.5 Coral de vozes uníssonas

Neste nicho, encontram-se alguns excertos em que a professora ensina aos alunos como se estivesse regendo um coral, ou seja, a interação se dá através da participação de todas as crianças, todas juntas respondem às indagações da professora. Traz-se este nicho para a discussão, a fim de verificar se esta interação da professora com o grupo (que responde em voz uníssono) pode ser visto como uma dialogia.

No excerto abaixo, a turma age como um coral, repetindo em grupo as palavras que a professora sugere. Um dos alunos continua lendo a lista de palavras com acento agudo, mas está inaudível, pois a criança está lendo muito baixo e tem outros murmurinhos junto.

Turma: armazém

Professora: Vocês viram?! Agora vamos repetir todos nós (inaudível) essas palavras para vocês

Turma: não, não, não

Professora: notarem que o som é, o que que é o som?

Turma: agudo

Turma: agudo

Turma: agudo

Professora: o acento agudo dá um som?

Turma: agudo

Turma: (inaudível)

Turma: Aberto!

Turma: Aberto

Professora: aberto, vamos lá, então, primeira palavra, vamos lá todo mundo

Professora e Turma: José, cipó, picolé, pó, pé, sofá, Ceará, babá, maré, óculos, perá, café, Pelé, página, xícara, árvore, armazém

Professora: Viram, sentiram?! Nós não abrimos bem a boca para falar essas palavras?!

Turma: Sim

No trecho em que os alunos se manifestam, pronunciando as palavras solicitadas pela professora, existe uma participação grupal, uma maneira de a professora fazer com que os alunos participem da aula.

Turma: “As palavras, a, André, chapéu, a vovó.”

Professora: “Tá, obrigada! Anderson, continua.”

Mais adiante, a professora utiliza novamente o aspecto do coral para ensinar os alunos. Ela é solicitada pela turma: “*Sora!*” Ela ignora a solicitação e segue sua explicação. Nota-se que a turma está com ela, pois responde e a professora aceita a contribuição.

Professora: “Bom, gente. Olha ali ó, mostra que o ponto.... Que ponto mesmo, que acento mesmo nós temos ali?”

Turma: “Agudo!”

No trecho referente à fala da professora, pode-se perceber que ela organiza a sala de aula novamente. Abaixo, mais um trecho em que a turma aprende como se fosse uma atividade do grupo, da classe toda.

Professora: “Chama-se acento.”

Turma: “Agudo.”

Turma: “Agudo.”

Observa-se abaixo, mais uma interação em formato de coral.

Professora: Uma dúzia quanto é?

(Várias vozes-turma): Doze

Turma: doze

Professora: doze

Professora: Bom, gente uma dúzia quanto é?

Turma: Doze.

Professora: Doze e meia dúzia gente, quanto é?

Turma: Seis!

Turma: Seis!

Professora: Seis.

Professora: Que conta eu tenho que fazer?

Turma: Mais!

Turma: De mais!

Professora: Que conta eu tenho que fazer?

Turma: Mais!

Professora: Mais.

Em outro momento, aparece o tom de coral utilizado pela interação da professora com a turma.

Professora: Está bem! Quantos itens? Então que conta eu tenho que fazer no total?

Turma: Mais!

Turma: Mais!

Professora: Mais, o que eu quero na verdade saber o to...

(Várias vozes-turma): Total!

Professora: O total, de itens que ela comprou, ela comprou uma dúzia e meia de ovos, né?! Quanto era uma dúzia e meia?

Turma: Doze!

Turma: Doze!

Professora: Uma dúzia e meia?

Turma: Dezoito!

Turma: Dezoito!

Turma: Dezoito!

A professora Ivoni sai da disciplinação, conforme seus objetivos, pois ela não se filia à escola que Foucault apresenta como a instituição tradicional, com corpos dóceis e adestrados, dentro de um espaço delimitado da sala de aula.

Quando questionada se ela não estaria como um maestro regendo um coro, observa-se a resposta abaixo:

É verdade, é para instigar, porque eles na verdade estão habituados com aulas caladas, quietas, com professoras mais sérias, mais secas, sisudas, seja lá como for. Então, na medida que entra uma professora um tanto quanto maluca, que quer que eles sejam críticos, tenham sua opinião, que eles saibam interpretar muito além que aquilo copiado do papel, aquela resposta. Tentar realmente fazer com que eles entendam o que existe entre linhas, que não é a palavra gelada, que aquilo ali tem sentimento e tudo o mais e todas as disciplinas pode ser na gramática, igual à questão da boca, o formato da boca, a forma que fala, para eles sentirem que as coisas têm mais vida, do que parece, do que está estampado no papel. A questão quando eu falo lá, uma coisa nada a vê. Uma coisa que eu gosto de fazer por exemplo, português, matemática, geografia, história, pra mim tá tudo muito ligado. Eu gosto muito de ensinar português e Estudos Sociais, não há problema nenhum. Quando vem lá aquelas datas importantes, a colonização do Brasil, o descobrimento. Eu procuro fazer com que eles abram um leque bem maior. É uma coisa muito louca para uma segunda série. Mas eu acredito no potencial da criança e acredito numa coisa mais importante ainda que é a questão política, do cidadão, formar o cidadão. Eu torno as minhas aulas extremamente políticas, não partidárias. Ninguém sabe o partido que eu tenho em mente, mas uma coisa que eu acho importante é que as crianças com este tipo de formação com o tempo, que eles consigam fazer uma vida melhor, ser um líder, escolher seu líder, de saber opinar. [...] Eles não entendiam muito bem o que era Brasil, mas eu procurei tentar mostrar o grande lugar que a gente vivia e com as mãozinhas deles, nós formamos um monte de coisas. Instigava, perguntava, brincava, mas também junto com eles a gente falava um monte de coisas sérias...

Desse modo, lendo-se o excerto acima, entende-se que a professora utiliza o coral como uma forma de tirar os alunos da aula tradicional, quieta, imobilizada, levando-os à interação. O que poderia ser analisado como uma rotina repetitiva torna-se “um vozerio” de participação – as vozes uníssonas fazendo uma expressão de aprendizagem.

No tópico a seguir, evidencia-se a interação pessoal, isto é, de que forma, no espaço da sala de aula, se produz um ambiente de aprendizagem.

Optou-se por dividir este item em dois nichos que representam as formas como se dá a interação dentro de sala de aula, se é a partir da professora interagindo com os alunos ou dos alunos convidando a professora para a interação.

5.1.6 Interação com os alunos

Neste nicho, são apresentadas as formulações dos alunos e da professora que evidenciam a iniciativa da professora para iniciar a interação com os alunos e a resposta destes a esse convite. Assim, observa-se que a professora quer muito que eles aprendam. Ela os instiga, os provoca, os questiona, faz com que participem. Ela usa o tom irônico (aham), mas sem constrangê-los.

Professora: Tá pessoal, e aí? O que começa? Que conta eu faço agora para saber o total?

Turma: De mais!

Turma: De mais!

Professora: *Aham!* De menos?

(Várias vozes-turma): De mais!

Turma: Mais!

Professora: Aonde nós temos que ir para ver que conta nós temos que fazer?

(Várias vozes-turma): Na pergunta?

Professora: “Viram gente? Tema final.”

Na interação acima, a professora certifica a noção de trabalho com o grupo através da interação com os alunos.

Também abaixo, surge o aspecto de interação da professora com os alunos.

Professora: “Ah, obrigada, então nós aprendemos quais? Como é o nome desse acento aqui?”

Turma: “Agudo.”

Professora: “Agudo? E este aqui?”

Professora: Uma dúzia quanto é?

(Várias vozes-turma): Doze

Turma: doze

Na interação acima, observa-se que, apesar da regência do coral, a soma das vozes parece construir a aprendizagem. Isso pode ser interpretado como uma outra “maneira” vygotskyana de ensinar/aprender. Talvez por tratar-se de uma segunda

série, ela os coordena todo o tempo. O mesmo pode-se verificar do longo excerto abaixo.

Professora: doze
Professora: Bom, gente uma dúzia quanto é?
Turma: Doze.
Professora: Doze e meia dúzia gente, quanto é?
Turma: Seis!
Turma: Seis!
Professora: Seis.
Professora: Que conta eu tenho que fazer?
Turma: Mais!
Turma: De mais!
Professora: Que conta eu tenho que fazer?
Turma: Mais!
Professora: Mais.
Turma: Dezoito sora, dá dezoito!
Professora: Dois mais seis?
Turma: Oito!
Professora: Oito!
Turma: Dezoito!
Professora: Dezoito então, uma dúzia, uma dúzia e meia é dezoito, quantas dezenas ela comprou, de, de laranjas?
Turma: Quatro!
Professora: Quatro dezenas, quanto é cada dezena?
Turma: Dez!
Turma: Dez!
Professora: Dez, então quatro, como é que eu faço a conta?
Turma: Dez... (inaudível)
Professora: Dez.
Turma: Mais dez!
Professora: Mais dez.
Turma: Mais dez e mais dez!
Professora: E mais dez e quanto é que dá isso?
Professora: Dez!
Turma: Quarenta!
Turma: Quarenta!

Ao efetuar a transcrição das aulas e visualizá-las, leva-se um susto inicial, por deparar-se com a fala dos alunos transcrita em uma linha e a maioria do tempo reproduzida em coro, sem a individualidade discente. Em alguns momentos a professora até consegue ensiná-los de forma individual, mas o que se observa pelos dados é a predominância da regência do coral de alunos. Um uníssono de vozes.

Os dados das aulas mostram como a dialogia se torna “utópica” entre professor/aluno, professor/escola, aluno/aluno, aluno/escola, porém, estas mesmas aulas também visualizam a tentativa incansável da professora, a todo momento, de trazer os alunos para ela, para o aprender. Ao efetuar-se a leitura da entrevista, percebe-se a empolgação da professora com a sua profissão, a preocupação em fazer seus alunos aprenderem. Ela acredita na formação integral do educando, quer

torná-lo um cidadão atuante, que pense, discorde das ideias alheias ou com elas concorde, mas com argumentação.

O título dado a este trabalho – *A Utopia da Sala de Aula Dialógica: As normalizações e renormalizações de uma Professora* – mostra a complexidade envolvida no estudo. A professora é persistente, mas, no cotidiano desta sala de aula estudada, se defronta com um embate entre o que acredita ser o ensino e o que põe em prática nesta segunda série. Apesar de todas as tentativas e suas concepções de ensino, o que predomina na sala é o coral uníssono dos alunos, regidos por ela. Contudo, não se pode esquecer que as turmas variam de um ano para o outro. Um método que funciona muito bem para uma, pode não funcionar para outra. O modelo apresentado nesta sala não é obrigatoriamente o retrato fiel das aulas que a professora já ministrou ou ministrará no futuro.

Retomado a literatura estudada, observa-se que a atividade realizada corresponde ao observável no desenvolvimento do trabalho, e o real da atividade é aquilo que não foi realizado (o que poderia ser feito, o que gostaria de fazer e não conseguiu etc.), mas é importante para o trabalhador e interfere no seu trabalho (CLOT et al., 2001). Assim, a professora renormaliza a teoria, a prescrição de acordo com as necessidades de sua turma de alunos.

A palavra professora seguidamente é utilizada pela turma em sua forma abreviada, “sora”, o que denota afetividade na fala das crianças; eles acolhem esta professora, que se torna “sora” ou por vezes também “prof”.

Turma: Sora, não tem lixo aí?

Professora: Não tem, porque a lixeira está lá do outro lado da porta.

Observa-se a interação na aula da professora e sua intenção clara de conduzir o trabalho de forma que os alunos interajam, aceitem seu convite ao diálogo e consigam apreender o conteúdo novo.

Observa-se também que a professora consegue realizar uma aula comunicativa e interacional, e, também, percebem-se outras vozes, como a da escola autoridade, quando chama os alunos à atenção e ameaça com punição.

Ainda com relação à dialogia, observam-se outras vozes na sala de aula da professora. Por exemplo, no excerto abaixo, ela menciona que teve dificuldade em mudar a dinâmica de aula porque existe uma representação social, ou seja, um pré-construído em relação à figura da professora. É a voz do senso comum que está

presente no imaginário dos alunos, da professora estereotipada, conforme abaixo ela menciona:

Ivoni: Até o que eu quero te dizer, esta representação social que eu falo é a representação social da sala de aula, do professor de óculos na ponta do nariz, com aquela roupa reta, é complicado. É uma coisa que ta instaurada. Quando tu lembras o professor, qual é o que te vem a mente? Aquela mulher de saia justa, casaquinho, uma coisinha na mão, cabelo preso. Então, é uma representação social que nós temos do mundo. Então, por mais que tu faças, que tu dê liberdade, porque eu dou, eu jamais vou ignorar alguém. Eu vou realmente, nem que naquele momento eu não possa, eu peço um tempo, deixa eu terminar porque eu posso me perder, mas aí depois eu pergunto: “fulano, o que tu queres”? Eu vou retomar com ele. Eu acho assim, hã, eu penso que é muito importante escutar o aluno, dar a voz e a vez para ele. Eu procuro fazer isso, mas se o aluno se cala é porque é uma coisa instaurada. Eu sinto no começo, porque eles não estão habituados. Eles vêm de uma primeira série que por mais que seja lúdico a primeira série, ela faz com que os alunos... qual era... vamos começar com as classes na escola. Quando eu entrei, eu senti dificuldade em todos os sentidos.

Pode-se, ainda, perceber que a professora faz renormalizações, ou seja, ela subverte a norma da sala com classes enfileiradas e utiliza uma outra caracterização para sua aula. Dessa forma, está fazendo o que Schwartz (2003) chama de “dramática do uso de si”, ou seja, está renormalizando aquilo que foi prescrito para sua atividade laboral.

E aquela mãe que chegou na hora que eu já era para tar saindo lá no portão, eu vou escutar ela. Alguma coisa ela tem a me dizer, alguma questão ela tem em relação aquele aluno.

Quando questionada pela pesquisadora sobre sua satisfação ou não com as duas aulas, objeto desta pesquisa, a professora, respondeu:

[...] eu acho que a gente nunca pode ficar contente com ela. Dá alegria em ver a coisa mexida, a coisa realmente... tentar, argumentar com eles. Fazer com que eles falem, prestem atenção. Questões de boca, de caras e bocas, de muitas tentativas, de fazer com que eles realmente aprendam; mas tem um detalhe, se eu sentar e disser eu estou contente com o meu trabalho e deu. Não, isso aí, não é pronto. Isso aí cada dia, cada turma, cada nova turma, novos alunos vão ter outras dificuldades, não vão ser essas aulas, vão ser outras coisas. Eu vou aprender mais, eu vou procurar passar de forma diferente e melhorar cada vez mais meu trabalho. Não tô contente, não. Nunca vou tar contente.

No excerto acima, é possível verificar que a professora apresenta uma noção exata de inacabamento, de inconclusão em sua esfera laboral. Para ela, nunca estará satisfeita, porque isso significaria a estagnação das perspectivas, o acabamento de seu trabalho.

Nesse sentido, encontra-se aqui a noção bakhtiniana de inacabamento, da incompletude. Pode-se afirmar que a professora Ivoni mantém um diálogo constante

com seu trabalho. Ainda, de acordo com a perspectiva da ergologia da atividade, ela está num embate constante entre a norma e a renormalização, ou seja, existe uma dramática do uso de si, pois a professora está, constantemente, reelaborando o prescrito pelas normas para apresentar novas formas, novos modos de fazer o seu trabalho pedagógico, ainda que o texto da sala de aula (as transcrições), às vezes, pareçam indicar para outros caminhos, da massificação, da perda da “individualização”.

A seguir, apresenta-se o outro nicho, em que os alunos evidenciam seu oferecimento para interagir com a professora.

5.1.7 Participação dos alunos

Neste nicho, a sala de aula da professora demonstra o processo afetivo do grupo, há interação, comunidade dialógica, onde os alunos se oferecem para interagir.

Turma: “Posso ler depois professora?”

Formou-se uma comunidade de atores (estudantes). É o resultado de uma ecologia propícia para a interação.

Nos excertos abaixo, aparecem os alunos se oferecendo para a interação.

Turma: “Eu posso pegar (inaudível).”

Professora: Mais.

Turma: Dezoito sora, dá dezoito!

Turma: Eu leio!

Evidencia-se, também na entrevista, que a professora não está contente com o sujeito calado. Ela se insurge contra o silêncio dos alunos. Sente necessidade de que os alunos falem, subverte a representação social⁷ da professora que eles trazem, em sua maioria, já pré-construída. Pode-se ver, tal posição também no excerto abaixo da entrevista com a professora:

Eu acredito que eu quero que eles me perguntem. E o aluno, eles têm, esta questão, eles têm medo de perguntar, por causa do erro. Tipo de medo que nós adultos temos. Nós vamos a uma palestra, vamos à faculdade e a gente fica calada. No final eu já sinto que eles já tem mais opinião própria, já vem falar. Também pode ser empate, algum caso de insegurança. Porque é difícil com esta visão de professor colocada como aquele que sabe tudo. De repente eles têm de argumentar e eles não sabem argumentar, estão aprendendo. Lá no começo do ano ele ta aprendendo a fazer prova. Na primeira série algumas provas no final do ano. Eles não têm muita ideia.

⁷ Para a professora, representação social é uma noção pré-construída que os alunos trazem de casa, da sociedade que os circunda, um ser estereotipado, inclusive com relação à vestimenta que usa em sala de aula.

No próximo item, serão abordados os temas que a professora ensina, divididos em dois nichos, o dos conteúdos e o da cidadania, que a professora se preocupa em desenvolver nos seus alunos.

5.2 A professora ensina

Neste item, apresenta-se como a professora se apresenta como mediadora (Vygotsky) do processo de aprendizagem. Observe-se que a ordem de apresentação dos resultados da pesquisa não é arbitrária, pois optou-se por apresentar, primeiramente, as falas relativas ao conteúdo e, posteriormente, serão apresentadas interações em que a professora também demonstra preocupação com a cidadania de seus alunos. Assim, seguimos a ordem da representação social de escola que, na literatura, parece priorizar a aprendizagem, conforme a literatura utilizada para discutir “escola” e “professor”: a escola como lugar de aprendizagem; professor como “aquele que ensina”.

Observe-se que esta pesquisadora optou por tal ordem, uma vez que a escola prioriza a apresentação de conteúdos, deixando a cidadania para um plano inferior.

5.2.1 Conteúdos

A professora utiliza bastante a técnica da explosão de ideias e a velha tática pergunta-resposta. A todo instante ela pergunta, quer fazê-los lembrar conteúdos já trabalhados. Aparece muito no seu fazer pedagógico a utilização da metalinguagem, além de parecer que só ela deve trazer o conhecimento para a sala.

Pode-se observar, assim, que a professora, embora ensine a cidadania, também está bastante preocupada em ensinar conteúdo aos alunos, como se vê no excerto abaixo:

Professora: “Ó o acento.”

Turma: “Agudo!”

Professora: “Não!”

Professora: “Vamos lá!”

Risos.

Professora: “O acento.

Professora: “xiiiiii”.: (inaudível)

Professora: “Espera aí só um pouquinho, diz para mim como é o nome do acento. O acento.”

Turma: “Circunflexo!”

A professora está preocupada com o conteúdo a ser ensinado para a turma e, através da interação, vai passando os conteúdos aos alunos.

Professora: Mais. Oito mais cinco quanto é gente?

Turma: Treze!

Turma: Treze!

Professora: Treze, vai...
Professora: Uma dezena, né?! Uma dezena mais uma dezena?
Turma: Dois!
Professora: Duas dezenas mais quatro?
Turma: Seis!
Professora: Seis dezenas. Então, como é que é mesmo a pergunta? Lê a pergunta Juliana, só a pergunta, do problema.
Turma: Quantos itens ela comprou?
Professora: Como é que eu vou responder gente?
Turma: Ela comprou.
Turma: Ela...
Professora: Ela, com letra o quê?
Turma: Maiúscula!
Turma: Maiúscula!
Professora: Ela...
Professora: Comprou?
Turma: Comprou.
Turma: Setenta e três!
Turma: Laranjas!
Professora: Setenta e três o quê?
Turma: Itens!
Turma: Laranjas!
Professora: Itens, era laranja que eu perguntava?
Turma: Não!
Professora:
Turma: Quarenta! Ai se fosse laranjas, quantas laranjas ela comprou?
Turma: Quarenta!
Professora: Quarenta ó, quatro dezenas!
Turma: Quatro dezenas!
Professora: Itens.

Observa-se que a professora, até certo ponto, se torna prisioneira do plano de conteúdos apresentado pela escola, ou seja, do Projeto Político-Pedagógico. Pode-se notar que ela se torna tradicional, ao ensinar o elemento linguístico, ou seja, polariza na gramática, não partindo do eixo da linguagem usada na vida dos alunos.

Pode-se inferir que, embora seja uma mediadora no processo de aprendizagem, ela não consegue, muitas vezes, realizar renormalizações, conforme a literatura estudada sugere.

No próximo nicho, serão abordados os excertos que evidenciam a preocupação da professora com a cidadania dos alunos, passando-lhes valores a que, muitas vezes, eles não têm acesso em suas casas.

5.2.2 Cidadania

Neste nicho, serão apresentados os excertos que denotam o passar de temas que agreguem valores à cidadania dos alunos.

Nota-se que Ivoni é uma professora que difere do modelo foucaultiano de educação (corpos dóceis). Sobre muitos valores ensinados por ela quanto a respeito, por exemplo, em suas casas muitos estudantes não ouviram falar; ela

propicia esse exercício de cidadania a seus alunos, como se observa no excerto abaixo.

Professora: Não é que seja burra, mas ela não sabia, ela não deve ter aprendido isso.

Professora: Ô pessoal, eu só contei isso para vocês ficarem sabendo que vocês estão sabendo legal, que isso aí é importante, que é legal, (inaudível). Ô, se não fosse importante, por exemplo, agora ontem, quando ela foi ler, é, ela deveria saber aquilo ali, né?! Poderia saber aquilo ali, e vocês já estão vamos dizer nisso aí, vocês já sabem mais do que ela, ela deve saber outras coisas, mas essa parte ela desaprendeu (inaudível).

Turma: Estamos melhor do que ela.

A professora envolve os alunos novamente. A turma responde à sua pergunta referente ao que se está debatendo. E observa-se que a professora ensina cidadania, além de conteúdos. Ela procura fazer com que os alunos reflitam sobre seus comportamentos em sala de aula.

Professora: “Pelo seguinte, nós somos muito amigos, eu acho que todos nós somos muito amigos, agora qual é a questão importante daqui da aula que a gente está sempre debatendo?”

Turma: “Respeito.”

Professora: “Respeitar! Assim como eu tenho que respeitar vocês, vocês também tem que me respeitar, e essa questão de sair assim ó, entra sai de qualquer jeito, e faz o favor (inaudível), põe os coelhinhos ali!”

Turma: “Nessa?!”

Professora: “Não, não, não, a professora está pedindo Valdecir. Tu está brincando e não está prestando a atenção na aula. Valdecir, faz favor!”

Professora: “(inaudível). Não, depois que tu acalmar um pouquinho e tu refletir sobre o que tu está fazendo, eu deixo tu pegar de novo. Coloca lá para mim, faz favor. Valdecir, faz favor!”

Turma: Murmurinhos.

Professora: “Vê se alguém está brincando com os bichinhos na classe?!”

Professora: “Não, não!”

Professora: “Abraçado, eu disse que podia ficar segurando, mas que não podiam brincar.”

Professora: “Depois tu pega eles de novo, mas pensa bem o que tu está fazendo, se é legal.”

A professora Ivoni também trabalha a noção da responsabilidade na realização das tarefas.

Professora: Ah, vocês tiveram um dia de folga e se esqueceram de fazer!

Professora: Muito legal né, gente?!

Professora: Eu fiquei contente que vocês ontem estavam na cama com aquele tempo horroroso, e vocês, simplesmente não tiveram responsabilidade para fazer o tema!

Observa-se a preocupação da professora em sair da sala de aula para o entorno sócio-histórico, ou seja, levar o aluno a identificar a importância dos conteúdos adquiridos em sala de aula para o futuro exercício de sua cidadania, em sua esfera de atividade laboral. É comum observar na sala de aula o seguinte comportamento:

- A turma fala entre si; (prevalece)
- A professora conversa com um aluno;
- A professora chama a atenção de um aluno sobre chamar alguém de gordo ou de magro.

Ela trabalha com os alunos o combate à discriminação, no caso, a discriminação por alguém ser gordo ou magro. Novamente, vê-se a preocupação com a cidadania dos alunos

Mais adiante, nesta mesma aula, a professora trabalha outra vez a cidadania, como se observa na interação abaixo, mostrando quem tem o mérito em participar do sentimento de justiça.

Professora: Todo mundo entendeu por que que ele está na casa da unidade?

Turma: Sim!

Professora: Hem?!

Professora: Não, a única que gritava muito era a Andreina, a primeira a gritar que era unidade, unidade, foi a Andreina.

Turma: Eu gritava ... (inaudível).

Professora: Depois tu começou a gritar, mas primeiro foi a Andreina.

Observa-se, nos excertos acima, que a professora Ivoni valoriza o aluno individualmente, quando este possui mérito. A professora ensina à turma a reconhecer o mérito alheio.

Na interação abaixo, a professora ensina a cidadania aos alunos, mostrando-lhes o valor da escola e do que se aprende no cotidiano da sala de aula, para usar depois na vida prática.

Professora: Todo mundo escutando aqui, não importa que eu coloque vinte unidade aqui, ali, isso é pega ratão, a gente chama, sabe?! Nas provas que a gente vai fazer concurso tem muitas dessas questões, assim ó, que é para complicar mesmo, vocês tem que usar é a cabeça, para que a gente, nós estamos na escola?

Turma: Para aprender!

Professora: Para aprender, mas para...?

Turma: Para brincar!

Turma: usar a cabeça.

Professora: E usando a cabeça a gente está fazendo o quê?

Turma: Estudando?! Não!

Turma: Risos

Professora: Ah, tá muito engraçado!

Várias Vozes

Professora: Muito engraçado, eu acho que aqui estão usando boné. Tem muita gente que não está usando a cabeça aqui, por quê?! Porque estão brincando e conversando!

Também, a professora evidencia em sua entrevista que a função da escola não é só aprender, é também formar a cidadania. Observa-se, assim, no excerto abaixo, essa preocupação com o sujeito cidadão, com o aspecto político do fazer pedagógico.

Eu sentir que as crianças estão realmente aproveitando. Estão adquirido conhecimento, não só conhecimento, mas que elas saibam argumentar. Saibam desinibir, tirar o eu de dentro de cada um. É uma coisa maior sim, é uma coisa de cidadão, é uma questão política. Mas política no mais amplo sentido, a coisa mais pura, política de cidadão, de construção de gente, que tem sentimento, que erra sim, todo mundo erra, acerta também, claro, e que sabe se posicionar na vida. E que saiba neste mundão lá, temos de catar lixo, temos de pedir, pedir agasalho. Não sabemos que temos de cuidar o material, porque não damos o devido valor, a escola não se dá valor. Porque a sociedade não está valorizando a escola, não está valorizando a nós, profissionais da educação. Não só financeiro, com plano de carreira, etc.

[...] isso tudo está realmente em torno da questão política, de ser gente, de ser cidadão, de sair daquele fundão sim. E saber ir dizendo, como eu disse para o Diogo (aluno): “Eu quero te ver vereador”. A vila precisa de uma pessoa que luta pelas necessidades da vila. E eu continuo te dizendo, eu te dizia quando tu eras pequenininho. Tu és líder, então seja líder do bem, pra coisas boas. Não pra coisas erradas. E ele só ri pra mim. Acho que fica meio encabulado.

Desse modo, embora a professora esteja preocupada com o aspecto tradicional de escola que repassa conteúdos, também evidencia preocupação com a cidadania de seus alunos, preocupa-se em passar para eles essas noções e valores que, em sua maioria, as pessoas não têm em sua comunidade. Conforme também se registra na entrevista abaixo.

Ivoni: Sim, cidadãos, conscientes e críticos, para nós estruturarmos melhor este planetinha. Uma sociedade mais equilibrada.

Por outro lado, aparece a heterogeneidade de modo bem forte nos excertos abaixo, além do aspecto político, quando a professora reclama que é difícil trabalhar na escola. Ainda, evidenciando que o aluno é uma pessoa, ela está preocupada, novamente, com a cidadania de seus alunos.

[...] Não que isso seja fácil, se fosse nós não estaríamos dentro do caos que estamos hoje, mas o dar continuidade mesmo e isso representar um bem muito, muito valioso e essa pessoa pode ser realmente um cidadão que quando vá lá escolher quem vai votar, vote certo, que quando tiver que ser ele a votar nele, a se colocar como um político e procurando políticas públicas diferenciadas para o nosso povo. Hã, questão se perguntarem sobre isso, se eles têm ideia do que é isso, falarem sobre aquilo. É uma mudança muito grande que é muito difícil, mas a semente foi colocada com esse CONAE aí. [...] quando tiverem que se colocarem como pessoas, vão manter a sociedade da forma que está porque elas não vão saber fazer mudanças. Agora se nós tivermos pessoas, muitas pessoas como eu, pensando que a educação é a saída. A questão de educação tem a chance ainda de mudar, fazer alguma coisa, arregaçar as mangas. Vão ser sementinhas sendo plantadas. Talvez a gente consiga fazer uma educação diferente, não digo diferente, mas uma boa educação a todos e que todos saibam ser gente, gente, gente, cidadão, cidadão, cidadão, cumpridores dos seus deveres, hã, cobradores dos seus direitos, pessoas com opiniões, com humanidade também, com humanidade.

[...] é a realidade. Isto aí nos maltrata física e emocionalmente. Porque um sim lá com pedra, não foi tantas vezes fazer xixi quanto precisava. Uma pessoa tomando antidepressivo, quer dizer que a situação não tá tão boa quanto precisava. E assim por diante, e as estatísticas estão aí para provar, mil novecentos e sessenta e poucos. Nós somos isto aí, vida na sala de aula, com esta responsabilidade.

[...] que pra mim não existe sociedade sem educação. Seria aquele alicerce da casa que eu te falei, que seria a base que antes era a família e hoje como está complicada a situação da família, cheia de transtornos... Eles não entendiam muito bem o que era Brasil, mas eu procurei tentar mostrar o grande lugar que a gente vivia e com as mãozinhas deles, nós formamos um monte de coisas. Instigava, perguntava, brincava, mas também junto com eles a gente falava um monte de coisas sérias. Para que eles se acostumem com este tipo de coisa e pra que um dia mais adiante vão realmente construindo opiniões bem centradas, estruturadas,

A professora utiliza a voz da escola, da autoridade quando os alunos não aceitam o convite ao diálogo em sala de aula, mas respeita a autonomia do educando.

Por outro lado, fica evidenciado nas falas da professora que ela respeita e instiga os alunos, fazendo-os crer que podem aprender, que são inteligentes, capazes, que farão algum concurso no futuro e precisarão das noções que estão aprendendo agora.

Salienta-se dessa transcrição que a professora tenta organizar uma sala de aula comunicativa, onde prevalece a interação entre professor e alunos, valorizando o contexto sócio-histórico dos mesmos, ou seja, a professora procura aproximar o conteúdo estudado da realidade dos alunos. Isso pode ser evidenciado na entrevista

Pesquisadora: Tu gostas de que eles conversem nas tuas aulas?

Ivoni: Minha aula é muito barulhenta, tanto que quem não tá por dentro do que eu pretendo, diz que é uma esculhambação. Eu acho importante sim, porque como sempre te disse, eu sou vygotskyana sim, eu acredito muito nos conceitos que o Vygotsky passou pra nós ...

No entanto, a voz dos alunos, de suas famílias, de seu entorno social não parece sobressair na aula. Parece, na maioria do tempo de aula, que a professora, embora interaja muito com os alunos, está regendo um coro. Isso ocorre, talvez, porque a professora ainda utiliza o velho modelo do exemplo, pergunta e resposta.

Segundo o modelo teórico bakhtiniano referido neste estudo, a dialogia é algo complexo, um composto de muitas vozes que se sobressaem no diálogo presente, com ecos de vozes passadas e futuras. Entretanto, isso não fica muito claro na aula da professora. Pode-se dizer que é uma aula comunicativa e interacional, mas a

dialogia, as vozes se “contaminando” no processo comunicativo, isto parece que não chega a acontecer.

No entanto, quando questionada sobre isso na entrevista, a professora admite que pode estar abafando a voz dos alunos:

Ivoni: Não, a forma que eles falam realmente é restrita, né? O metrô, o metrô! Se bem que eu tava pedindo isso. Eles falam, se bem que de acordo com o conteúdo e da forma que eles tão realmente interessados, embora eu tente envolvê-los em tempo integral, de repente o conteúdo da acentuação não foi o melhor conteúdo. De repente uma aula lá, uma aula de artes, uma outra aula qualquer, uma aula de ciências, principalmente ciências, levá-los lá na cozinha, levá-los para fazer todas as coisas do estado físico da água, das passagens. Aí eles sabiam falar mais. Mas também tem momento da observação, sim, que eles têm que prestar atenção e tem o momento sim de prestar atenção na minha fala. Eu corro o risco sim de tar falando demais. De repente é um caso que eu tenho de pensar. Será que eu não falo muito e deixo os alunos sem fala, né? Ou de repente eu até eu to procurando fazer uma reflexão em cima de meu trabalho. Realmente, eu não tinha parado para pensar. De repente podia, pode ser sim que eu... abafasse a voz deles.

De outro modo, algumas vozes ecoam no enunciado da professora: quando ela chama os alunos à ordem, soa a voz da norma, da disciplina, do já-dito tão característico nas cenas de sala de aula. Também, quando ela valoriza os alunos e diz que são capazes e inteligentes, pode-se, talvez, atribuir à voz dos pais, seus ou dos alunos, como donos dessa voz. Porém, com relação à voz dos alunos, não fica evidenciada no texto, portanto, não é fácil perceber a ponte, conforme Bakhtin, isto é, não é fácil ver o elo entre a palavra do aluno e a do sujeito professora, neste estudo.

5.3 Normalizações e renormalizações da professora

Lousada (2004) diz que os conceitos de trabalho prescrito e trabalho realizado são utilizados já há algum tempo no campo da psicologia do trabalho, da ergonomia francesa e da ergologia, e têm sido de grande valia para as análises das situações de trabalho, como forma de compreender a ação do trabalhador, no nosso caso, o trabalho do professor. Lousada (op. cit) discute essa questão e traz a contribuição de Souza-e-Silva⁸. Segundo o autor, o trabalho prescrito pode ser considerado como a tarefa dada, prescrita pela instituição, ao passo que o trabalho realizado pode ser considerado como a atividade que é efetivamente realizada. Pode-se considerar a

⁸ A obra de Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva referida por Eliane Lousada (2004) é O ensino como trabalho: o professor como trabalhador. In: Cadernos de estudos linguísticos, n° 43, junho de 2003. Campinas, Unicamp/IEL.

atividade realizada como uma resposta às prescrições. A atividade é, portanto, capaz de transformar a prescrição, o que instaura um processo dialético de renormalização constante, no qual se parte do trabalho prescrito ao realizado e se renormaliza o trabalho prescrito. Para essa discussão, Lousada (2004) recorre a Schwartz (2003). Depois dessa discussão inicial, podemos agora iniciar a discussão sobre as (re)normalizações da professora. No excerto abaixo, a professora comenta que traz a proposta para a aula que irá ministrar, porém esta proposta, no decorrer da aula, devido ao interesse dos alunos, ou em alguns casos o desinteresse e falta de motivação, foi reformulada, ocorreu a renormalização (trabalho vivo).

Ivoni: Por isso, eu instigo, eu trago a proposta, mas uma vez me vi dando aula, de um texto, não me lembro qual, faz muitos anos, foi em Santa Catarina, e terminamos em Napoleão Bonaparte, que não tinha nada a ver com o contexto. Quer dizer, no final teve...

Amigues (2004, p. 41) colabora para essa discussão dizendo que “a atividade do professor se dirige não apenas aos alunos, mas também à instituição que o emprega, aos pais, a outros profissionais”. Ela também busca seus meios de agir nas técnicas profissionais que se constituíram no decorrer da história da escola e do ofício de professor. Em outros termos, a atividade não é a de um indivíduo destituído de ferramentas, socialmente isolado e dissociado da história; pelo contrário, ela é socialmente situada e constantemente mediada por objetos que constituem um sistema. Para agir, o professor deve estabelecer e coordenar relações, na forma de compromisso, entre vários objetos constitutivos de sua atividade. Acrescenta-se ainda que o trabalho do professor inscreve-se em uma organização com prescrições vagas, que levam os professores a redefinir para si mesmos as tarefas que lhes são prescritas, e também selecionar as tarefas que vão, por sua vez, prescrever aos alunos. No excerto a seguir, a presença da instituição está fortemente marcada; ela exige classes enfileiradas e a professora sente-se incomodada com essa exigência, o que a leva a subverter o espaço físico tradicional, e renormalizá-lo. Ocorreu a renormalização do prescrito pela instituição.

Ivoni: ... e as classes eram enfileiradas e eu fazia o quê? Distribuí os alunos de três em três, de dois em dois, de não sei o que, não sei o que mais. Só que eu fui bastante criticada. Tinha que arrumar todas as classes antes de sair. E eu nunca fui de largar as crianças antes do horário. Então, perdia o ônibus, mas a gente dava um jeito...

Ivoni: ...vamos começar com as classes na escola. Quando eu entrei, eu senti dificuldade em todos os sentidos. Não só o espaço físico, mas as classes eram enfileiradas umas atrás das outras. Só que tem uma coisa, os

meus alunos ano passado, eu tive uma mudança, porque como eu te disse, eu sou a Ivoni e tenho muitos estilos. Este ano eu não joguei tanto quanto eu joguei ano passado. Acredito no jogo.

Souza-e-Silva (2004, p.90) salienta que, “como nas demais profissões, o trabalho do professor consiste em utilizar procedimentos concebidos por outros, advindos de uma cascata hierárquica, desde o nível nacional, como a Lei de Diretrizes e Bases passando pelos PCNs, os quais são retomados/repensados no âmbito de cada estabelecimento escolar e dos coletivos de trabalho”. As atividades do professor se realizam, portanto, em um espaço já organizado a constituição das salas de aula, as atividades a serem aí desenvolvidas, o tempo a elas dedicado, a adoção ou não de determinados livros didáticos, etc. não definido por ele próprio, mas imposto por uma organização que pode ser oficial, e advir, por exemplo, do projeto do estabelecimento, ou oficiosa, mas igualmente efetiva, como os conselhos de classe. Tais prescrições, às vezes muito coercitivas, outras extremamente vagas, por vezes contraditórias, não podem ser ignoradas, quando se procura compreender o que é possível fazer, o que é autorizado, tolerado ou proibido. Para a análise do trabalho, as prescrições e a aprendizagem dos alunos, assim como a organização escolar, não podem ser separadas das atividades do professor, pois entre as prescrições e os alunos existe um trabalho de reorganização das tarefas e dos meios pelos coletivos de trabalho.

Amigues (2004, p. 40) reitera a reflexão de Clot que afirma que, no domínio do ensino, “o não realizado é mais importante do que o que foi efetuado; o fato de que tudo corre bem não gera necessariamente uma satisfação no professor, que não pode ir até onde queria; as escolhas feitas e as decisões tomadas, mesmo que sejam julgadas eficazes por ele, não estão isentas de dúvidas e de incertezas no tocante à sua validade”. Dentro dessa perspectiva, na atividade, o realizado e o não realizado têm a mesma importância, além disso, se inscrevem numa dinâmica em que são colocados em perspectiva: como fazer o que não foi feito?; como retomar o que não funcionou?, etc. Mas é também isso o que ocorre com o professor, que muda uma série de exercícios ou de textos quando as aulas estão batidas, para não se entediar ou pelo prazer de fazer de outro jeito. O enunciado da professora Ivoni exemplifica essa afirmação.

Ivoni: ... isso aí cada dia, cada turma, cada nova turma, novos alunos vão ter outras dificuldades, não vão ser essas aulas, vão ser outras coisas. Eu vou aprender mais, eu vou procurar passar de forma diferente e melhorar cada vez mais meu trabalho. Não tô contente, não. Nunca vou tar contente.

Amigues, ainda em seu estudo de 2004, expressa que o professor utiliza mais ferramentas concebidas por outros do que por ele mesmo: recorre a manuais, fichas pedagógicas, exercícios já construídos por ele mesmo, inscritos em uma tradição pedagógica e na história do ofício como o quadro negro, por exemplo. Cada professor possui sua maneira peculiar, ou seja, sua renormalização, como irá utilizar as ferramentas em seu trabalho. O autor afirma que, no seu conjunto, a atividade pode ser considerada o ponto de encontro de várias histórias (da instituição, do ofício, do indivíduo, do estabelecimento...), ponto a partir do qual o professor vai estabelecer relações com as prescrições, com as ferramentas, com a tarefa a ser realizada, com os outros (seus colegas, a administração, os alunos...), com os valores e consigo mesmo. Pode-se perceber, no enunciado em análise, que a professora costuma refletir sobre seu trabalho e efetuar suas renormalizações de acordo com a necessidade das diferentes turmas de alunos para as quais ela ministrou, ministra ou ministrará suas aulas.

Ivoni: É, depende o momento. Às vezes quando eu chego em casa, é aquela coisa, a gente programa uma aula e acha que vai abafar e chega lá não é, porque o rumo dentro da sala de aula é outro totalmente diferente daquilo que a gente pensa. Claro que a gente conhece os alunos e coisas que raramente acontecem, porque à medida que tu conheces o aluno, tu consegues mais ou menos entender o que eles pensam. E tu vais planejar para ele, tu não vai planejar para ti e também tu vai planejar coisas que tenham interesse para eles. Tendo a ideia de quais são os interesses deles. Então, tu vais fazer daquela forma. De outra vez, eu vou fazer um outro texto e tirar o acento agudo e o circunflexo de outra forma.

Érnica (2004) contribui para essa discussão enfatizando que uma das especificidades do trabalho do professor é que seu objeto são outras pessoas, cujas estruturas psíquicas se quer transformar. Assim, esse trabalho se realiza em um ambiente coletivo e na interação com a atividade discente. Por essa razão, há também uma atividade do aluno prescrita e uma atividade real, que é distinta e que contempla tanto a atividade efetivamente realizada como o que não se pôde realizar e o que foi possível e não se realizou. Essa especificidade do trabalho do professor por seu objeto serem outras pessoas que ele almeja modificar, traz à tona a complexidade do trabalho docente que, a todo momento, leva o profissional (professor) a renormalizar.

Ivoni: Não, a forma que eles falam realmente é restrita, né? O metrô, o me-trô! Se bem que eu tava pedindo isso. Eles falam, se bem que de acordo com o conteúdo e da forma que eles tão realmente interessados,

embora eu tente envolvê-los em tempo integral, de repente o conteúdo da acentuação não foi o melhor conteúdo. De repente uma aula lá, uma aula de artes, uma outra aula qualquer, uma aula de ciências, principalmente ciências, levá-los lá na cozinha, levá-los para fazer todas as coisas do estado físico da água, das passagens. Aí eles sabiam falar mais. Mas também tem momento da observação, sim, que eles têm que prestar atenção e tem o momento sim de prestar atenção na minha fala. Eu corro o risco sim de tar falando demais. De repente é um caso que eu tenho de pensar. Será que eu não falo muito e deixo os alunos sem fala, né? Ou de repente eu até eu to procurando fazer uma reflexão em cima de meu trabalho. Realmente, eu não tinha parado para pensar. De repente podia, pode ser sim que eu... abafasse a voz deles.

Percebe-se, no excerto acima, que a professora Ivoni ao refletir sobre sua prática pedagógica no trecho em que faz um questionamento se não está a falar muito em aula deixando os alunos sem voz, percebe-se que a docente realiza uma renormalização, pois a atividade de trabalho é sempre um debate com as normas. Ernica (2004) ainda enfatiza que o trabalho do professor se faz mobilizando possibilidades e necessidades não realizadas e implica a alteração da condição existencial e social dos alunos. Ou seja, essa atividade realiza suas finalidades com a condição de que se olhe e reconheça o que *não se é, não se tem, não se pode*; ela envolve lidar com as representações sobre o que se é, se gostaria de ser, o que deveria ser e o que se pode ser. O enunciado abaixo exemplifica esta afirmação.

Ivoni: Até o que eu quero te dizer, esta representação social que eu falo é a representação social da sala de aula, do professor de óculos na ponta do nariz, com aquela roupa reta, é complicado. É uma coisa que ta instaurada. Quando tu lembras o professor, qual é o que te vem a mente? Aquela mulher de saia justa, casaquinho, uma coisinha na mão, cabelo preso. Então, é uma representação social que nós temos do mundo. Então, por mais que tu faças, que tu dê liberdade, porque eu dou, eu jamais vou ignorar alguém. Eu vou realmente, nem que naquele momento eu não possa, eu peço um tempo, deixa eu terminar porque eu posso me perder, mas aí depois eu pergunto: “fulano, o que tu queres”? Eu vou retomar com ele. Eu acho assim, hã, eu penso que é muito importante escutar o aluno, dar a voz e a vez para ele. Eu procuro fazer isso, mas se o aluno se cala é porque é uma coisa instaurada. Eu sinto no começo, porque eles não estão habituados. Eles vêm de uma primeira série que por mais que seja lúdico a primeira série, ela faz com que os alunos... qual era... vamos começar com as classes na escola. Quando eu entrei, eu senti dificuldade em todos os sentidos.

Também percebe-se, no enunciado acima, a renormalização que a professora faz em torno da representação social que permeia o universo escolar quanto ao “modelo pronto” que caracteriza uma professora (óculos, cabelo preso).

Como trabalho prescrito, podem-se considerar os aspectos institucionais e normativos, tanto formais como informais, que determinam o trabalho do professor. De acordo com Souza-e-Silva (2004) a noção de trabalho real permite melhor entender a própria atividade realizada e pode ser extremamente valiosa para a

análise do trabalho do professor, constantemente habitado por outras intenções que não se realizaram. Essas intenções são, muitas vezes, provenientes das prescrições, e acabam sendo renormalizadas durante a realização da atividade, em função dos próprios alunos, de imperativos ligados ao tempo, de reflexões durante a própria ação do professor, entre inúmeras outras possibilidades. Constata-se que não se pode deixar de considerar todo o trabalho de renormalização, que, entre uma aula e outra, configura e caracteriza o trabalho do professor. Exemplifica-se com o seguinte excerto:

Ivoni: Erramos! Erramos! Não deu certo hoje. Vamos tentar de novo amanhã.

Termina-se a análise deste estudo, que mostrou uma professora disposta a sempre tentar novamente o diálogo com seus alunos, a interação, mas que, o que mais se salienta aparece nas suas (re)normalizações, na verdade regendo um coral.

A seguir, serão apresentadas as considerações finais, uma sumarização e perspectivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA SUMARIZAÇÃO E PERSPECTIVAS

Este estudo procurou discutir a interação entre professor e aluno em sala de aula durante o trabalho realizado pelo docente. Dessa forma, procurou-se abordar um entre muitos problemas que estão relacionados com a prática e o arcabouço teórico, na relação entre professor e aluno. A prática docente é algo muito complexo, envolvendo problemas de conteúdo, políticos, educacionais, como a formação identitária, e a educação para a cidadania.

Procurou-se mostrar como a tarefa do professor se realiza numa sociedade e escola conturbadas, na pós-modernidade, eivada de novidades tecnológicas, inserida na globalização, tendo como contraponto escolas públicas carentes, desde a qualidade dos materiais, passando por recursos humanos desmotivados, desprestigiados pela sociedade e, muitas vezes, desrespeitados em sua integridade pelos alunos. Os profissionais sentem a falta de políticas públicas para com a educação, com os próprios docentes e os alunos, isto por parte tanto das autoridades governamentais como da própria sociedade.

Para o estudo da interação entre professor e aluno, foram analisadas duas aulas e uma entrevista com uma professora de uma escola pública do município de Pelotas-RS, no ano de 2008. A pesquisa permitiu buscar na bibliografia os pilares fundantes do trabalho docente e da relação entre aluno, professor e escola, dentro de uma configuração como hoje se apresenta.

Assim, conforme a noção bakhtiana da dialogia, e a concepção de linguagem subjacente ao Círculo de Bakhtin, procurou-se, nos enunciados da professora e de seus alunos, não a simples comunicação face a face entre pessoas, mas, principalmente, a forma de inter-relação com outros discursos (passados, presentes e futuros), porque todo enunciado, ao mesmo tempo, reflete a esfera de atividade social do indivíduo enunciante e refrata, ou seja, distribui esse significado para outros indivíduos.

Logo, toda enunciação constitui apenas uma fração da corrente da comunicação verbal ininterrupta (da vida cotidiana, da literatura, do conhecimento, da política, etc.), apenas um momento na evolução contínua, que se propaga em diferentes direções sociais. Conforme Bakhtin/Volochinov (2004, p.124), a língua vive e evolui historicamente na comunicação social concreta. Desse modo, a língua

é por natureza dialógica, devendo ser estudada, portanto, numa perspectiva relacionada ao cotidiano do ser humano e dentro um processo e evolutivo contínuo.

Pôde-se também trazer a contribuição de Vygotsky: numa perspectiva interacionista, a linguagem é o signo mediador por excelência na constituição do homem, pois ela carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento, assim como na evolução da consciência. Nesse sentido, a professora revelou-se uma mediadora do processo da aprendizagem, pela linguagem, na interação com seus alunos.

Desse modo, os dados analisados permitiram reconhecer pontos fundantes da relação professor-aluno, numa perspectiva interacional, como o modo que a professora ensina, isto é, através de convite cordial ou persuasivo, pelo comando, pela ameaça, pela atividade lúdica, ou pela interação pessoal. Também foi possível observar o que a professora ensina, ressaltando-se que, além dos conteúdos tradicionais, ela está preocupada em passar temas relativos à formação da cidadania de seus alunos.

Concluiu-se que os sujeitos desta sala de aula, nas interações que se estabeleceram, correspondem, na maioria das vezes, ao convite da professora. Também, ressaltou-se que as noções de convite, de instigação e de persuasão são fundamentais para que a professora possa conversar com os alunos sobre os saberes a serem apreendidos. Isto, apesar de todas as dificuldades que a professora experimenta em seu fazer pedagógico.

Mas, por outro lado, a transcrição dos dados da sala de aula mostra uma aula conduzida na “batuta” do coral – com muito pouca interação da professora com os alunos individuais ou estes entre si. Isto é há poucas oportunidades para os discursos dos alunos, para que a complexidade de vozes individuais integrantes do coral, se façam presentes.

No entanto, os dados da entrevista mostram uma professora teoricamente bem fundamentada nos princípios da aprendizagem vygotskyanos. Percebe-se um esforço genuíno da professora para trazer os alunos à aprendizagem. Claro, o esforço da professora parece inteiramente utópico, ou seja, parece impossível estabelecer uma relação de diálogo com os alunos individualmente. O máximo que ela consegue é a regência de seu coral – a professora interrogando a “comunidade” de alunos e estes respondendo em uníssono e a professora, continuamente,

avaliando esse coral de vozes em que as individualidades se mesclam com o vozerio da comunidade presente na sala.

Por outro lado, observa-se, na entrevista, que a professora apresenta muito profissionalismo, pois está lá para “perder o ônibus”, conversando com mães de alunos, por exemplo, ou arrumando o espaço de sala de aula que ela usou de forma não convencional.

Fundamental foi o papel da linguagem que está sempre presente, com os valores, crenças, conflitos e características do entorno sócio-histórico dos sujeitos envolvidos nas interações. Nesse sentido, a noção bakhtiniana de dialogismo, apesar das dificuldades, procura um espaço no processo de ensino-aprendizagem estudado aqui.

O discurso da professora mantém, durante as interações, o convite à interação, ao diálogo e ao envolvimento dos sujeitos entre si. Pode-se afirmar que há um esforço quase sobrehumano da professora para trazer as crianças à aprendizagem.

A professora utiliza a voz da escola, da autoridade quando os alunos não aceitam o convite ao diálogo em sala de aula, mas respeita a autonomia do educando. Esses convites, conforme foi registrado na análise, caracterizam-se pela cordialidade da professora, ou pela persuasão, que ela utiliza para instigar os alunos.

Nas formulações presentes nos dados analisados está o sentido de que a professora respeita os alunos, fazendo-os crer que podem, que são inteligentes, capazes. Ela repassa os conteúdos tradicionais, mas está, durante todas as interações, encorajando os alunos a obterem sucesso também em sua vida futura. Salientou-se, nas análises, que a aula estudada procura ser comunicativa; apesar da ausência das vozes individuais, prevalece a interação entre professor e alunos. Especialmente nas entrevistas, aparece claramente a valorização do contexto sócio-histórico dos alunos, a professora procurando aproximar o conteúdo estudado da realidade dos alunos.

Entretanto, por vezes, a voz dos alunos, de suas famílias, de seu entorno social não parece ter espaço na aula. Conforme já foi salientado acima, a professora, embora interaja muito com os alunos, está regendo um coro. Isso ocorre, talvez, porque a professora não consegue, apesar das renormalizações, organizar

uma sala de aula em que estas vozes possam começar a ecoar como individualidades.

Segundo o modelo teórico bakhtiniano referido neste estudo, a dialogia é algo complexo, um composto de muitas vozes que se sobressaem no diálogo presente, com ecos de vozes passadas e presentes. Entretanto, isso não fica muito claro na aula da professora. Há vozes que se manifestam na homogeneidade de timbres previamente ensaiados em conteúdos também homogeneizados. O resultado é a regência de seu coral. No entanto, quando questionada sobre isso na entrevista, a professora admite que pode estar abafando a voz dos alunos.

Por outro lado, algumas vozes ecoam no enunciado da professora: quando ela chama os alunos à ordem, soa a voz da norma, da disciplina, do já-dito tão característico nas cenas de sala de aula, fica claramente marcado na linguagem/no discurso. Também, quando ela valoriza os alunos e diz que são capazes e inteligentes, está aí uma voz educadora, voz que tem confiança na aprendizagem e capacidade dos alunos. Porém, com relação à voz dos alunos, não fica evidenciada no texto, portanto, fora raras exceções; não houve a ponte, conforme Bakhtin, isto é, não houve o elo entre a palavra do aluno e a da professora deste estudo.

Por outro lado, esse aspecto se legitima quando a professora admite que é preciso, muitas vezes, utilizar a norma, o limite da escola tradicional, pois é através dos indícios da autoridade docente que se torna possível construir o conhecimento e reafirmar a relevância da dialogia e da voz do aluno.

Assim, a professora parece seguir, realmente, a escola vygotskyana, pois se apresenta como uma mediadora ao fazer perguntas, reconhecer a voz dos alunos e convidá-los a aprender, apesar da utopia que este comportamento parece, muitas vezes, levar consigo.

A questão inicial desta pesquisa era a utopia da sala de aula dialógica, as normalizações e as renormalizações de uma professora. Nesse sentido, pode-se, parcialmente, concluir que a dialogia é algo muito complexo e que a sala de aula estudada se aproxima mais de um modelo interacional, comunicativo, em que a docente constroi o conhecimento através da mediação, mas certamente não será fácil, para os alunos, aprender os conhecimentos travestidos neste unísono de vozes. Pode-se, então, mais facilmente compreender os problemas de aprendizagem que esses alunos enfrentam.

Por outro lado, nessa mediação, a professora precisa realizar renormalizações, ou seja, reelaborações da representação social tradicional de uma sala de aula, inclusive no seu aspecto físico, para conseguir levar os alunos à construção do conhecimento. Por isso o título deste trabalho, a utopia da sala de aula dialógica: as normalizações e renormalizações de uma professora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Maria Helena. O professor e o ciclo de vida profissional. In ENRICONE, Délcia. **Ser professor**. O professor e as inovações. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUC RS, 2002, p20-1.
- AMIGUES, R. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, A.R. (org.). **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: EDUEL, 2004, p.36-53.
- ANTUNES, Celso. **Professores e professauros**: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes,2008.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**: Imagens e auto-imagens. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4.ed., Trad. Paulo Bezerra.São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.261-270.
- BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11.ed., Trad. Michel Laud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. 3.ed., Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BOHN, Hilário I. **Pesquisa em sala de aula**. Anotações no caderno de sala de aula. UCPEL: Pelotas, 2007.
- _____. **Anotações obtidas nas orientações**. UCPEL: Pelotas, 2009.
- BOGDAN, R.& BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, Ltda, 1994.
- BOURDIEU, P. PASSERON, J.C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin** Conceitos-chave, 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2005, p.61-78.
- BRAIT, B. PCNs, Gêneros e Ensino de Língua.: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues. (org.) **A prática de linguagem em sala de aula**: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2006, p.13-23.
- CHRISTENSEN, HORN E JOHNSON. **Pintura e inovação na sala de aula**. Pátio, Porto Alegre, Artmed, ano XII, n.47, agosto/outubro 2008. p. 9-11.
- CLAXTON, Guy. **As virtudes da incerteza**. Pátio, Porto Alegre, ano XII, n. 45, fevereiro/abril 2008, p. 9-11.

CLOT, Y., FAÏTA, D.; FERNANDEZ; SCHELLER, L. Entretiens en autoconfrontation croisée: une méthode en clinique de l'activité. **Education Permanente**, n.146, Paris, 2001.

CLOT, Y. Uma psicologia histórico-cultural para a compreensão das práticas educativas. Ciclo de palestras ministradas na PUC/SP, 2004.

ENRICONE, Délcia. **Ser professor**. O professor e as inovações. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUC RS, 2002.

ERICKSON, F. **Prefácio**. In COX, Maria Inês P. & ASSIS-PETERSON, Ana Antônia (Org.). Cenas de sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

ÉRNICA, Maurício. O trabalho desterrado. In: MACHADO, A. R (Org.), **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: EDUEL, 2004, p.105-130.

FAITA, Daniel. Análise das práticas languageiras e situações de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Peres de. & FAITA, Daniel. (orgs.). **Linguagem e Trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. Trad. Ines Polegatto, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002, p. 45.

_____. **Análise dialógica da atividade profissional**. Rio de Janeiro: Imprinta Express Editora, 2005.

FARACO, C.A. **Linguagem & diálogo**: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FARIA, Elaine Turk. O professor e as novas tecnologias. In ENRICONE, Délcia. **Ser professor**. O professor e as inovações. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUC RS, 2002, p.58.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987.

FRANÇA, M. B. No princípio dialógico da linguagem, o reencontro do *Homo loquens* com o ser humano industrial. In: FIGUEIREDO *et al.* (org.) **Labirintos do trabalho**: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP & A, 2004, p. 115-131.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico – elaboração e formatação**. 14ed. Porto Alegre: Brasul, 2006.

GRILLO, Marlene. O Professor e a docência: o encontro com o aluno. In: Délcia Enricone (org). **Ser Professor**. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 73-89.

HERNANDEZ, Fernando. **A importância de saber como os docentes aprendem**. Pátio Revista Pedagógica. Porto Alegre: Artes Médicas Sul., fev/abr 1998.

HINZ, Josiane Redmer. **Atividade de estágio de língua portuguesa: o trabalho docente em perspectiva dialógica**. Pelotas: UCPEL, 2009. Dissertação de Mestrado.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br>. Acesso em 19 de abril de 2007.

HOUOT, Bernard. *Coeur de Professeur*. Paris: Calmann. Lévy, 1991.

LINNEL; LUCKMANN. **Asymmetries in dialogue: some conceptual preliminaries**. In: MARKOVA, Ivana; FOPPA, Klaus (eds.). *Asymmetries in dialogue*. U.S.A: Harvester Wheatsheaf Barnes & Noble Books, 1991, p. 70-80.

LOUSADA, Eliane. Os pequenos grandes impedimentos da ação do professor: entre tentativas e decepções. In: MACHADO, A. R (Org.), **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina: EDUEL, 2004, p.271-295.

NÓVOA, António. Dize-me como ensinas e dir-te-ei quem és e vice-versa. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 2. ed. Campinas, Papirus, 1997, p.31.

PAJARES, M. F. **Teachers' beliefs and educational research: cleaning up a messy construct**. *Review of Education Research*, v. 62, n. 3, p. 16-30,1992.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SAUJAT, Frédéric. O trabalho do professor nas pesquisas em educação: um panorama. In: MACHADO, Anna Rachel (Org). **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina: EDUEL, 2004, p. 5-33.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

SHOR, I. & FREIRE, P. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e saber. **Revista do Nete**, UFMG, v.12, n.1, p.21-34, jan/jun 2003.

_____.; DURRIVE, Y. (org.). **Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Trad. Milton Athayde e Jussara Brito *et al.* Niterói: UFF, 2007.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Peres de. O ensino como trabalho. In: Machado, Anna Rachel (Org). **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina: EDUEL, 2004, p. 81-104.

_____. Atividades linguageiras e atividades de trabalho. **Alfa, Revista de Linguística**, São Paulo, v.49, n.2, 2005, p. 7-17.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Trad. Francisco Pereira. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

TARDIF, Maurice & LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Traduzido por João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Traduzido por Jefferson Luiz Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A formação social da mente**. Trad. José Cippolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento para a Escola**Termo de Consentimento**

Eu, Mari Adami Franz, aluna do curso de Mestrado da Universidade Católica de Pelotas, estou realizando uma pesquisa que faz parte de meu projeto de mestrado, que tem por objetivo estudar a linguagem e aprendizagem na sala de aula.

Para tanto, necessito de sua colaboração no sentido de autorizar a realização deste trabalho no interior da escola que está sob sua direção. A preocupação ética implícita em meus procedimentos de pesquisa requer a livre participação das crianças, através do consentimento de seus responsáveis e de sua disponibilidade pessoal. Todos os esforços serão empenhados no sentido de adequar os pressupostos centrais deste estabelecimento educacional aos objetivos da pesquisa procurando interferir o menos possível na rotina escolar e fazendo da pesquisa um exercício de respeito à criança e aos seus direitos enquanto princípio fundamental.

Nas atividades previstas encontram-se filmagens, gravações, discussão em pequenos grupos a partir dos vídeos das aulas.

O vídeo das aulas estará disponível aos familiares e comunidade escolar.

Durante todo o trabalho, eu estarei à inteira disposição para qualquer esclarecimento sobre quaisquer fatos ou dúvidas relacionadas à pesquisa, meu telefone para contato é 91186357.

Muito obrigada e despeço-me reafirmando a importância da sua colaboração.

pesquisadora

Diretora da Escola

ANEXO B – Termo de Consentimento para Pais ou Responsáveis

Termo de Consentimento

Eu, Mari Adami Franz, aluna do curso de Mestrado da Universidade Católica de Pelotas, estou realizando uma pesquisa que faz parte de meu projeto de mestrado, que tem por objetivo estudar a linguagem e aprendizagem na sala de aula.

Para tanto, necessito de sua colaboração no sentido de autorizar a participação da criança que está sob a sua responsabilidade em algumas atividades que serão desenvolvidas na Escola e de forma que não prejudique as atividades programadas em curso.

Nas atividades previstas encontram-se filmagens, gravações, discussão em pequenos grupos a partir dos vídeos das aulas.

O vídeo das aulas estará disponível aos familiares e comunidade escolar.

Durante todo o trabalho, eu estarei à inteira disposição para qualquer esclarecimento sobre quaisquer fatos ou dúvidas relacionadas à pesquisa, meu telefone para contato é 32858906 ou através da diretora da escola.

Contando com sua colaboração gostaria que autorizasse assinando abaixo no espaço destinado para isso.

Muito obrigada pela atenção e despeço-me assegurando o enorme valor que será ter o seu consentimento aceito.

Mari Adami

Eu fui informado dos objetivos da pesquisa que será realizada e autorizo.....
(nome da criança) a participar das atividades de pesquisa.

Assinatura do Responsável

Em ____ / ____ / ____

ANEXO C – Transcrição da Aula da Ivoni (27/05/2008)

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 2:35)

Professora: Vamos lá pessoal vamos começar!

Turma: (inaudível)

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 0:08)

Professora: Tá olha aqui ó, todo mundo que está com os seus ursinhos ai

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 0:06)

Professora: Olha aqui ó, todo mundo que está com os seus ursinhos (inaudível)

Turma: (inaudível)

Professora: Não, todo mundo que está com os ursinhos deixa eu ver quem é que (inaudível)

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 0:45)

Professora: Tá, **ouvindo mais gente!** Vamos ver a folhinha em primeiro lugar *psiu*

Várias Vozes

Professora: Ei pessoal!

Várias Vozes

Professora: Tá!

Várias Vozes

Professora: Vamos ver, vou começar assim ó, vou pegar um, um por um ai lendo um pedacinho para mim, tá, começa para mim

Turma: (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:09)

Professora: Miguel pára de falar na hora que a colega está falando, quando uma pessoa está falando o que que a gente faz?

Turma: escuta

Turma: (inaudível)

Professora: É, então tá! Vamos ver de novo tá?!

Turma: André ganhou

Professora: Não, lê de novo o título para nós!

Turma: “2seg” Vovô ou vovó “4seg”

Turma: (inaudível)

Professora: *aham*

Turma: Andrei ganhou

Professora: André

Turma: André ganhou um, chapéu da vovó, obseva as palavras

Professora: Observa

Turma: as palavras, a, André chapéu a vovó

Professora: Tá obrigada! Anderson continua

Turma: Posso ler depois professora?

Professora: Pode!

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 1:12)

– *Fala normal, mas inaudível pois as crianças e a professora falam muito baixo;*

– *Trecho com várias vozes, inaudível.*

Professora: Todo mundo em silêncio escutando

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:04)

Professora: Viram gente, **tema final**

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:04)

Professora: Os sinais utilizados em chapéu, vovó, e André, são chamados de que? Como é o nome deles?

Turma: Acento Agudo

Turma: Acento Agudo

Professora: Acento Agudo, a gente senti, olha aqui ó, vovô e vo-vó tem diferença no som?

(Várias vozes-turma): Tem

Turma: Tem

Professora: O que vocês acham do som da vovó para o som do vovô? Como é que fica a nossa boca?

Várias Vozes

Turma: Num fica vô e no outro fica vó

Professora: Tá, e a boca tem diferença?

Várias Vozes

Turma: Tem, tem

Professora: O que tem de, de diferença?

Turma: Sora! Tem!

Professora: Ó, vamos lá, vovó e

Turma: Vó

Professora: Vovô **Turma:** Vovô

Turma: Vô

Professora: Como é que faz (inaudível)?

Turma: vovó vovô

Várias Vozes

Turma: vovó vovô

Turma: vovó vovô

Professora: Olha ali ó (inaudível)?

Turma: vovó vovô

Professora: Como é que é?

Turma: Vovó vovô

Turma: Vovó vovô

Turma: Vovó vovô

Professora: Miguel escuta! “2seg” Viram, olha aqui o que a colega colocou, para nós, que para falar vovó, a gente abre a boca, “1seg e meio” VOVÓ

Turma: vo-vó

Professora: e o vovô

Turma: Também

Professora: a gente

Várias Vozes

Professora: a gente abre mas não abre tanto

Várias Vozes

Professora: Falem os dois

(Várias vozes-turma): vovó vovô

Professora: Vovó e vovô **(Várias vozes-turma):** vovó vovô

(Várias vozes-turma): vovó vovô

Professora: Ou seja, o acento agudo, pessoal aqui ó, o acento agudo faz com que?

Várias Vozes

Professora: O acento agudo, é?

Várias Vozes

Professora: O acento agudo faz com que a nossa boca fique como? Mais, o que?

Turma: Mais aberta

Turma: Mais aberta

Professora: Então a gente pode dizer que ele é um som mais aberto, André, ó André, chapéu “1seg e meio” agora vovô “1seg e meio” né, a gente fecha mais, então quando a gente sente, eu estava explicando, *aham* ontem, até quando foi a prova foi ontem né,

Turma: Sora

Professora: e eu falando da pontuação que, *ei* pessoal, a pontuação, né a gente utiliza, nos textos porque, porque quando a gente está falando a gente faz a pergunta (inaudível) eu pensei que agora ia vir uma fábrica de, as entonações essenciais, por exemplo se eu dizer, que hora são?

Turma: duas horas

Professora: ou que hora são?

Turma: duas horas

Professora: como é que a gente vai saber, se é uma pergunta ou se é o que uma exclamação ou um ponto, através da pontuação né? Para falar, para falar é uma pergunta, para falar a gente faz as entonações necessárias, mas a forma gráfica de escrever mandar uma carta ou mandar um texto e descobrir o que que o autor daquele texto ou daquela carta faz, é através do que gente?

Turma: dos pontos

Professora: dos pontos, né! Então, a gente está procurando saber o porque das coisas.

Turma: Sora (inaudível) **dois pontos**

Professora: *aham*

Turma: mamãe disse (inaudível)

Professora: mamãe disse, dois pontos, nova linha

Turma: travessão

Professora: *Ah* bom!

Professora Visitante: Olha que maravilha! Vou ter que filmar um dia!

Risos

Professora Visitante: Que graçinha!

Risos

Professora: é a professora mal acha

Turma: (inaudível)

Professora: que a nós não vamos cobrar cachê nós vamos cobrar cachê

Professora Visitante: Ai gente!

Várias Vozes

Professora Visitante: Interesseiros!

Risos

Professora: Bom gente olha ali ó, mostra que o ponto, que ponto mesmo, que acento mesmo nós temos ali?

Turma: Agudo

Professora: O Agudo! Como é que ele é desenhado, o agudo, o acento é,

Turma: (inaudível) o circunflexo

Professora: Não

Turma: (inaudível)

Professora: Tá o circunflexo (inaudível)

Turma: (inaudível)

Professora: (inaudível)

Turma: (inaudível)

Professora: então este aqui é o acento agudo gente, bom, *aham* continua então (inaudível)

Turma: (inaudível)

Professora: o acento, depois do final

Turma: o acento agudo “1seg” o acento agudo é usado para dar um, som, aberto as vogais

Professora: vocês viram?! Então aquilo que nós descobrimos na prática que a boca abre e fecha está está registrado aqui ó, a acento agudo é para dar um som aberto as vogais

Turma: (inaudível)

Professora: Né, ou seja

Turma: (inaudível)

Professora: a hora de nós expressar as palavras cada palavra a gente vai abrir mais a boca, vai fazer um som aberto, **então**

Turma: som aberto!

Professora: aqui em baixo tem uma lista de *aham* palavras *aham* pode continuar obrigada **Natã**

Turma: lê aqui em baixo aqui?

Professora: É palavras com acento agudo

Turma: José (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Vocês estão escutando todos gente?

Turma: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Nós estamos aqui em baixo ó

Turma: (inaudível)

Turma: (inaudível), Ceará,

Professora: (inaudível)

Turma: babá

Turma: babá

Turma: (inaudível)

Professora Visitante: para ela se acalmar

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 0:27)

– Um dos alunos continua lendo a lista de palavras com acento agudo, mas está inaudível pois a criança está lendo muito baixo e tem outros murmurinhos junto.

Turma: armazém

Professora: Vocês viram?! Agora vamos repetir todos nós (inaudível) essas palavras para vocês

Turma: não, não, não

Professora: notarem que o som é, o que que é o som?

Turma: agudo

Turma: agudo

Turma: agudo

Professora: o acento agudo dá um som?

Turma: agudo

Turma: (inaudível)

Turma: Aberto!

Turma: Aberto

Professora: aberto, vamos lá, então, primeira palavra, vamos lá todo mundo

Professora: José, cipó, picolé, pó, pé, sofá, Ceará, babá, maré, óculos, perá, café, Pelé, página, xícara, árvore, armazém **Turma:** José, cipó, picolé, pó, pé, sofá, Ceará, babá, maré, óculos, perá, café, Pelé, página, xícara, árvore, armazém

Professora: Viram, sentiram?! Nós não abrimos bem a boca para falar essas palavras?!

Turma: Sim

Turma: (inaudível)

Professora: armazém,

Turma: Sim

Professora: ó, zém, né

Turma: (inaudível)

Professora: Não, ler de novo não tem necessidade gostaram mas vamos deixar por ai, bom, agora

Turma: (inaudível)

Professora: me lê, Michele começa lá em cima para mim, no vovô

Turma: Ô Sora, sora ela não leu (inaudível)

Professora: eu estou sorteando

Silêncio: “2seg”

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: começa ler para mim de novo

Turma: vovô deu uma roupa de “2seg”, de “2seg” co

Turma: co (inaudível)

Professora: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: ao bebê, vocês viram, o som como é?

Turma: bebê

Turma: beija a boca

Várias Vozes

Professora: continuando amor

Turma: (inaudível)

Professora: ob, gente, olha aqui essa palavra aqui ó, todo mundo olha para mim

Turma: (inaudível)

Professora: ob-ser-va

Turma: (inaudível)

Professora: a gente chama

Turma: (inaudível)

Professora: tudo, isso aqui é vogal ou consoante?

(Várias vozes-turma): Consoante

Professora: Consoante! Esta letra aqui ó

Turma: É

Professora: geralmente a letra B vem com uma das vogais, quais são as vogais?

Turma: a, e

Turma: a, e, i, o, u

Turma: i, o, u **Turma:** i, o, u

Professora: Tá,

Turma: ão

Professora: geralmente ela é ligada

Turma: ão

Professora: a uma vogal para dar o quê?

Turma: ba, be, bi, bo, bu

Professora: para formar um...?

Turma: um par

Várias Vozes

Turma: Sora faltou o ão

Professora: a faltou o ão, faltou o ão, só que o ão eu não sei consideração de ão como vogal **eu fico enlouquecida**

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 0:13) 15:07 15:20

Professora: Bom pessoal olha aqui

Várias Vozes

Professora: tá tá tá

Várias Vozes

Professora: gente, aqui é uma é uma o que que é mesmo aqui?

Turma: (inaudível)

Professora: consoante **Turma:** consoante

Professora: isso é, e essa outra letra aqui, é o quê?

Turma: consoante

Turma: consoante

Professora: normalmente uma consoante com exceção dos dois é, (inaudível) né dos dois é aqui do NH, do LH, do CH

Turma: (inaudível) com H

Professora: SN também tem

Várias Vozes

Professora: É

Turma: (inaudível)

Professora: Bom e aqui vocês, normalmente elas tem que ter uma vogal mas essa aqui olha aqui ó se chama B, espera um pouquinho Valdecir

Turma: (inaudível)

Turma: (inaudível) B (inaudível)

Professora: B mudo

Turma: B mudo

Professora: então a gente lê assim ó OB OB

Turma: OB

Professora: (inaudível) OB-serva OB-serva

Turma: OB-serva

Professora: Entenderam?! OB-serva, tá?! Agora eu acho que vocês não erram mais essa palavra, né?! Aprenderam bem?!

Turma: Observa,

Professora: OB

Turma: OB

Professora: serva

Turma: observa

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 0:52)

Professora: bom pessoal retornem aqui ó, vamos lá, de novo, então continua Milene Michele para mim não é Milene *risos*

Turma: Observa as palavras (inaudível) (trecho longo, a criança lê muito baixo)

Professora: chama-se acento

Turma: agudo

Turma: agudo (mesma voz da criança que lê)

Professora: *i*

Turma: (inaudível) (trecho longo, a criança lê muito baixo)

Professora: Ah obrigada, então nós aprendemos quais, como é o nome desse acento aqui?

Turma: Agudo

Turma: (inaudível)

Turma: Agudo

Professora: Agudo, e este aqui?

Várias Vozes

Professora: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Tá espera aí pessoal vamos escutar aqui só um pouquinho, ô Priscila a próxima vez que tu saíres da sala sem me pedir licença, eu vou ter que pedir para ti ir conversar com a professora Mari lá na secretaria

Turma: (inaudível)

Professora Visitante: (inaudível) na secretaria

Professora: Pelo seguinte, nós somos muito amigos, eu acho que todos nós somos muitos amigos, agora qual é a questão importante daqui da aula que a gente está sempre debatendo?

Turma: respeita

Professora: Respeitar! Assim como eu tenho que respeitar vocês vocês também tem que me respeitar, e essa questão de sair assim ó, entra sai de qualquer jeito, e faz o favor (inaudível) põe os coelhinhos ali

Turma: nessa?!

Professora: Não, não, não a professora está pedindo Valdecir, tu está brincando e não está prestando a atenção na aula, Valdecir faz favor

Turma: (inaudível)

Professora: (inaudível), não depois que tu acalmar um pouquinho e tu refletir sobre o que tu está fazendo eu deixo tu pegar de novo, coloca lá para mim faz favor

Turma: *murmurinhos*

Professora: vê se alguém está brincando com os bichinhos na classe?!

Turma: (inaudível)

Professora: não, não

Turma: (inaudível)

Professora: abraçado, eu disse que podia ficar segurando mas que não podiam brincar

Professora Visitante: para não atrapalhar a aula né?!

Professora: depois tu pega eles de novo, mas pensa bem o que tu está fazendo, se é legal.

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:11)

Professora: Tá pessoal olha aqui ó, prestando bem a atenção

Turma: (inaudível)

Professora: né, prestando bem a atenção (inaudível) se depois tu pode pegar, te acalma, senta direitinho

Várias Vozes (trecho curto, as criança estão calmas, falam baixo)

Professora: não faz assim só porque a professora Mari está aqui, normalmente tu faz as coisas direito

Professora Visitante: É, eu estava tão contente com ele (inaudível)

Professora: Não! Ele anda maravilhoso as provas estão sendo excelentes provas, ele está fazendo as lições ele está estudando

Professora Visitante: E a Fernanda andava notando a horas notas tão boas que eu achei que todos eles estavam bem

Professora: Mas muito legal, muito legal (inaudível)

Várias Vozes (trecho curto, as criança estão calmas, falam baixo)

Professora: Vamos lá?! Bom, continuando gente

Várias Vozes (trecho curto, as criança estão calmas, falam baixo)

Professora: agora “1seg e meio” vamos ver, o Wesley, vira e pega e continua lendo

Professora Visitante: (inaudível)

Turma: eu não sei aonde está!

Professora: Ah pois é, não estava prestando a atenção né gente

Turma: eu posso pegar (inaudível)

Professora: ó o acento

Turma: agudo

Professora: não (inaudível)

Várias Vozes

Professora: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: vamos lá,

Risos

Professora: o acento

Turma: (inaudível)

Professora: xixixixi

Turma: (inaudível) (trecho longo, a criança lê muito baixo)

Professora: Espera ai só um pouquinho, diz para mim como é o nome do acento. O acento

Turma: cicunfle-xo

Professora: cir-

Turma: cunflexo

Várias Vozes

Professora Visitante: Fernandinha espera um pouquinho, tá?!

Várias Vozes

(inaudível): Para?!

Professora Visitante: Espera um pouquinho

Várias Vozes

Professora Visitante: é, se não é não rende

Professora: Vai

Turma: cir-cun

Professora: cun

Turma: cunflexo

Professora: cir-cunfle-xo, circunflexo, repete comigo

Professora: cir-cun-fle-xo **Turma:** cir-cun-fle-XO

Professora: Tá?! Continua

Turma: (inaudível) (trecho curto, a criança lê muito baixo) **fechado as vogais**

Professora: Tá, obrigada **Lu**

Professora Visitante: Fernanda espera na sala, tu não vai ficar me esperando aqui, eu não posso agora, vai para sala

Professora: Tá, vamos escutar gente, olha aqui

Turma: (inaudível) (trecho longo, a criança lê muito baixo)

Professora: continua

Turma: (inaudível) (trecho longo, a criança lê muito baixo)

Professora: Bem alto Érica!

Turma: (inaudível) (trecho longo, a criança lê muito baixo)

Professora: Não estou escutando Érica, vamos lá

Turma: Mais alto! Eu não estou escutando.

Turma: (inaudível) (trecho curto, a criança lê muito baixo)

Professora: Não, aonde é que tu estava, palavras

Turma: ela está aqui ela está lendo lá em cima

Turma: ela está lá em cima no texto

Turma: está louca

Professora: não paixão é as palavras

Várias Vozes

Professora: palavras com acento circunflexo

Várias Vozes

Professora: não precisa escutar a Érica, ela lê a metade a Tauana lê a outra a outra metade

Turma: (inaudível)

Várias Vozes *murmurinhos*

Turma: é para ler assim ou assim?!

Professora: lê na linha na linha em cima da linha ó

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 0:30)

– *Uma das crianças continua lendo a folhinha, mas o que é dito está inaudível, pois ela lê muito baixo;*

– *Alguns murmurinhos de outras crianças;*

– *A professora ajuda a criança na leitura de uma palavra;*

– *Nada de bagunça, a turma parece tranquila.*

Professora: nenê

Turma: bebê

Professora: bebê

Turma: vovô, vovó

Professora: vovô não, vovó é acento o que?

Turma: agudo

Professora: acento agudo, porque o som aberto ó, vovó

Várias Vozes

Turma: maio

Professora: é maio ou maiô?

(Várias vozes-turma): Maiô

Professora: Mai-Ô, olha o som mai-Ô

Turma: mai-Ô

Professora: Tá, obrigada Érica, pode continuar Tauane

Turma: (inaudível) (trecho curto, a criança lê muito baixo)

Professora: bem alto meu amor

Turma: (inaudível) (trecho curto, a criança lê muito baixo)

Professora: me

Turma: me-trô

Professora: metrô, porque tem, o metro, olha aqui, Miguel (inaudível) tu não estas escutando o que eu estou falando

Turma: eu estou ouvindo

Professora: o que que a professora falou para ti

Turma: *hum Miguel*

Risos da turma

Professora: Gente olha aqui ó o quanto é importante

Turma: o metrô

Turma: me-trô

Turma: metro

Turma: metrô

Várias Vozes

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 0:15)

– *A professora conversa alguns segundos com a professora visitante;*

– *Nada de bagunça, a turma parece tranquila, apenas eles chamam pela professora.*

Turma: Professora, a gente já acentuou!

Professora: tá mas se eu não colocasse circunflexo aqui

Turma: me-trô

Turma: me-trô

Professora: não, como é que fica?

Turma: me-trô

Turma: me-trô

Professora: Não

Turma: metrô

Turma: metrô

Professora: (inaudível)

Turma: me-trô

Professora: me

Turma: trô

Professora: trô, seu eu não colocar o circunflexo fica me-tro e se eu colocar o circunflexo

Turma: metro

Professora: como é que fica **o outro**?

Turma: metrô

Professora: metrô, o que que é metrô quem é que sabe?

Várias Vozes

Professora: não, o que que os dois estão em pé?

Várias Vozes

Turma: (inaudível)

Professora: ai eu não acredito, gente, **não deixa eu falar uma coisa, folhinha tem que ser colocada** (inaudível) aqui ó

Várias Vozes

Professora: não não, tu está brincando também, (inaudível)

Várias Vozes

Professora: não, Yuri, faz favor. Yuri junta ai e coloca no lugar.

Turma: (inaudível)

Professora: Yuri porque **tu é assim**

Turma: (inaudível)

Professora: cortando pelinho por pelinho tu vai estragar

Turma: **sora eu estou cortando a** folhinha

Professora: a folhinha não é (inaudível)

Turma: (inaudível)

Professora: então tu pega aquele coelho abraça ele e olha fica olhando para mim e para a folhinha e fica escutando direito?!

Várias Vozes

Professora: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: gente, amanhã eu não vou aceitar vocês pegarem ninguém, porque está dando muita confusão por causa desse bichinho

Turma: eu não peguei nenhum

Várias Vozes

Professora Visitante: os coelhinhos querem estudar também!

Professora: É! É preciso prestar a atenção.

Várias Vozes

Professora: Ó, então ó, só pode abraçar e prestar a atenção, escutou Miguel?! Olha para mim Miguel. Yuri pega ali então, não?! Então só presta a atenção.

Turma: O coelho é meu

Várias Vozes

Turma: (inaudível) Sora?

Professora: (inaudível) já está dando muita confusão, já passou rapidinho de uma mão para outra e daqui a pouco passa para outra, o ursinho até tu pode pegar mas aquele coelho tu deixa lá

Várias Vozes

Professora: Tá, gente, olha vocês viram quanto (inaudível)

Turma: metro a metrô

Professora: não, me

Turma: tro

Professora: trô

Turma: metrô

Turma: metro

Turma: me

Turma: trô **Professora:** trô

Professora: eu perguntei para vocês o que é metrô, vocês não me disseram

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: o que vocês imaginem que seja metrô?

Turma: um helicóptero (inaudível)

Professora: **Pô de fato um trem** muito legal! Alguém já foi em Porto Alegre e andou, no metrô?

Turma: Eu

Turma: Eu

Professora: Já?!

Turma: Eu já

Professora: Legal!

Várias Vozes

Professora: Mas quando ele começa ele *xiiiiii* ele vai rapidinho

Várias Vozes

Professora: (inaudível)

Várias Vozes

Turma: professora, (inaudível)

Professora: em quais coisas?

Turma: (inaudível)

Professora: no metrô?

Turma: É

Professora: no metrô? Vocês notaram que,

Várias Vozes

Professora: subterrâneo ó outra palavra, olha aqui ó, outra palavra que nem observa ó

Turma: (inaudível)

Professora: quem é? Alguns locais não é todos, a maioria tem (inaudível)

Turma: São Paulo

Professora ou turma?: sub

Turma: onde o meu pai trabalha (inaudível)

Professora: râneo

Turma: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: ó, que acento é esse aqui?

Turma: agudo

Turma: agudo

Turma: não

Turma: agudo

Turma: circunflexo

Professora: como é o nome desse acento?

Turma: agudo

Turma: Não

Professora: agudo?!

(Várias vozes-turma): circunflexo

Turma: flexo

Turma: circunflexo

Professora: ó

Turma: (inaudível)

Professora: o que é subterrâneo? Quando a gente fala em subterrâneo o que vocês imaginam que seja?

Turma: é uma coisa bem em baixo da terra

Professora: em baixo da terra, então o casco dele ele passa em baixo da terra, logo em que a gente entra, a gente entra aonde?

Turma: No trêm

Professora: Nas estações algumas por exemplo aqui no mercado ali por exemplo era em baixo

Turma: (inaudível)

Professora: a gente tem que descer lá para baixo e a gente exerga a rua lá em cima

Turma: (inaudível)

Professora: eles ainda taparam para ter espaço para colocar um trêm dentro da cidade de Porto Alegre

Turma: ô professora, professora

Turma: professora

Turma: o meu pai (inaudível)

Professora: espera só um pouquinho, a Juliana levantou o dedo, fala Jú.

Turma: *aham hum* o que que tu disse é um trêm?

Professora: É um trêm, e é aonde em alguns locais ele passa, em baixo, quer dizer alguns locais eu acho que é ali mesmo né?!

Professora Visitante: eu acho que é

Professora: eu acho que é só ali na parte do, do mercado que ele é subterrâneo, é que eu me lembrei da palavra sub

Várias Vozes

Professora: *aham?!*

Turma: (inaudível)

Professora: tem o trilho, ali eles não são, não passam por momento nenhum em baixo da terra eles são

Turma: professora

Turma: sora

Turma: (inaudível)

Turma: Professora

Turma: (inaudível)

Professora: espera ai só um pouquinho, depois da Jú o Natã, e depois *aham* a Milena

Turma: Professora, onde o meu pai trabalha passa três trilhos

Professora: Três trilhos?!

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 0:24)

– *Trecho inaudível, várias pessoas falando ao mesmo tempo, mas nada de bagunça, apenas conversa entre as professoras e as crianças sobre o subterrâneos, os trilhos, e os trens;*

Professora: Tá, vamos escutar a a a Milena que ped levantou o dedo a um tempo atrás, fala Milena

Turma: aquele dia eu fui lá eu fui lá na colônia e eu vi um trêm apitando era lá naquele trenzinho pequeno (inaudível)

Turma: ai esses dias

Professora: com os vagões pequenos

Turma: É

Professora: baixinhos tu diz?!

Turma: É

Professora: baixinhos

Turma: (inaudível) lá tinha doce, bolo lá dentro.

Professora: dentro do trêm?

Risos

Professora: Que legal! Eu queria estar nesse trêm (inaudível).

Várias Vozes

Professora: Tá, vamos, podemos continu

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 1:07)

– *Trecho inaudível, várias pessoas falando ao mesmo tempo, mas nada de bagunça, apenas conversa entre as professoras e as crianças falando aonde viram trilhos, trens e outras coisas;*

Professora: Bom, gente, vamos continuar, deu agora acabou *aham* “1seg e meio” Lara, continua para mim as palavras

Turma: *aonde é que está sora?*

Professora Visitante: *risos*

Professora: Ah pois é, aonde é que nós andavamos, né?! Em que palavra nós paramos?

Várias Vozes

Turma: vovô

Professora: não olha aqui

Várias Vozes

Turma: (inaudível)

Professora: Me

Turma: Metrô

Professora: Metrô, vamos lá depois do metrô

Turma: (inaudível) (trecho curto, a criança lê muito baixo e tem outras vozes no fundo)

Professora: obrigada, obrigada

Turma: (inaudível)

Professora: continua Yuri, pra pró

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 0:29)

Turma: pêssego

Professora: pêssego

Turma: ônibus

Professora: isso

Turma: Lá

Professora: Lã, olha o som fechado

Professora: Lã **Turma:** Lã

Turma: (inaudível)

Professora: lâmina, pode ser (inaudível)

Turma: (inaudível)

Professora: pode ser, a lâmina (inaudível)

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 0:07)

Professora: vamos ler todas juntas agora

Várias Vozes

Professora: Tá Jú

Várias Vozes

Professora: pessoal, vamos escutar a Jú

Turma: (inaudível)

Professora: *aham*

Turma: (inaudível)

Professora: Pode! Em que caderno?

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 0:13)

Professora: pessoal olha aqui

Turma: (inaudível)

Professora: lendo todo mundo junto as palavras, vamos lá, bem rapidinho

Professora: você, vovô **Turma:** você, vovô

Professora: Espera aí, não acho certo, não (inaudível)

Várias Vozes

Turma: nenê

Turma: nenê

Turma: bebê

Professora: (inaudível) (inaudível) (inaudível) metrô **Turma:** (inaudível) (inaudível) (inaudível) metro

Professora: não é metro, é metrô

Turma: (inaudível)

Professora: português, (inaudível), trêm, pêssego, ônibus, lâmina **Turma:** português, (inaudível), trêm, pêssego, ônibus, lâmina

Professora: *bueno*, agora

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 2:40)

– *Turma fala entre si; (prevalece)*

– *Professora e professora visitante conversam;*

– *Professora fala com a turma;*

– *Professora visitante fala com a turma;*

– Professora pede para fazer alguns exercícios e brinca com alguns alunos mas chamando a atenção.

Professora: Gente! É imprestável

Turma: (inaudível)

Professora: olha aqui (inaudível) do pré e vocês tem que, me devolver esses lápis porque eles usam

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:17)

Professora: Eu vou ler a folha para vocês gente, número um, coloca o acento agudo nas palavras, a baixo, né

Turma: o que que é acento agudo?

Professora: o que que é acento agudo gente?

Turma: não sei!

Professora: como é que é o acento agudo?

Turma: é assim ó

Várias Vozes murmurinhos

Professora: ó, Miguel, é assim ó

Turma: (inaudível)

Professora: Esse aqui é o acento agudo gente?

Turma: É

Turma: Não!

Turma: É

Professora: Esse exercício é mais, para vocês prestarem a atenção aonde é que a sílaba

Turma: (inaudível)

Professora: o som é aberto ou fechado?

Turma: aberto

Professora: aberto

Turma: Sora! (inaudível) palavras para botar

Professora: *aham?!*

Turma: onde é as palavras para botar?

Professora: em todas essas palavras

Turma: aqui

Professora: É, nessas aqui ó, em todas essas palavras que eu não vou ler para vocês, só um pouquinho, tá?! Elas tem, elas elas possuem o acento, nós temos que acentuar elas em algum lugar, Lara, Lara, vamos prestar a atenção!

Turma: o que que tem para fazer neste?

Professora: Nesse ai é só colar, esse ai é só (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:08)

Professora: Todas as palavras gente são acentuadas.

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:06)

Professora: É para tu veres aonde é que tem necessidade do acento agudo, aonde vocês sentir que o som é aberto ou fechado?

Turma: Aberto

Professora: aberto, aonde vocês sentirem o som aberto, vocês vão colocar que acento mesmo?

Turma: agudo

Professora: o agudo, isso!

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:04)

Professora: Todas elas tem acento, tu tem que ver aonde é, eu estava dizendo

Turma: *Nã, nã, nã* não tu vai sentar só um pouquinho, senta lá na tua classe

Várias Vozes**Professora:** (inaudível)**Turma:** Professora!**Professora:** *aham***Turma:** É para fazer o exercício um?**Professora:** É para fazer o exercício um e depois fazer o dois**Várias vozes (turma e professora) –** (trecho de 0:05)**Professora:** Não, no número dois é para escolher três palavras do exercício um e formar um frase**Turma:** (inaudível)**Professora:** (inaudível) aqui Hercúles**Turma:** (inaudível)**Professora:** Olha aqui ó as palavras aqui que eu não vou falar para vocês**Várias vozes (turma e professora) –** (trecho de 0:58)**Professora:** Olha gente, dependendo da onde vocês colocarem o acento**Turma:** (inaudível)**Professora:** dependendo da onde vocês colocarem o acento a palavra fica de uma forma que nem metro e metrô**Turma:** (inaudível)**Professora:** fica de um jeito ou outro**Turma:** (inaudível)**Professora:** é, ai em baixo é para fazer as frases (inaudível) dois né amor, tu tem que escolher três palavras e fazer três frases, uma para cada palavra fazer uma frase**Várias vozes (turma e professoras) –** (trecho de 1:06)**Professora:** a data pequena, como é que fica a data pequena gente?**Várias Vozes****Professora:** primeiro o dia**Várias Vozes****Professora:** depois zero o quê?**(Várias vozes-turma):** cinco**Professora:** zero cinco**Turma:** depois**Turma:** zero oito**Professora:** zero oito porque zero oito?**Turma:** porque é dois mil e oito**Professora:** claro (inaudível)**Turma:** Sora!**Professora:** *aham***Várias vozes (turma e professoras) –** (trecho de 3:20)– *Turma fala entre si; (prevalece)*– *Professora explica questões da folhinha para a turma;*– *Turma parece estar envolvida para resolver as questões da folhinha;*– *Professora chama a atenção de alguns alunos.***Professora:** Não paixão, as três palavras é do exercício um, tu vai tirar três e fazer uma frase com cada uma, por exemplo olha ali, açúcar, picolé, pipoca**Várias vozes (turma e professoras) –** (trecho de 1:47)– *Turma fala entre si; (prevalece)*– *A professora explica a matéria para um aluno que chegou atrasado;*– *Professora chama a atenção de alguns alunos.*

Professora: a gente acentua, consoante gente?

Turma: Não!

Professora: Aonde é que a gente põe o acento?

Turma: Nas vogais!

Professora: Nas vogais é mais do que uma né nas vogais, ó então a gente não acentua em R S F em X

Turma: (inaudível)

Professora: *aham?*

Turma: (inaudível)

Professora: Pode

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 2:36)

Professora: *Ei* pessoal olha aqui ó

Várias Vozes

Professora: Só um poquinho, escuta aqui o que que nós combinamos quando eu estou corrigindo os cadernos de cada colega aqui vocês ficam fazendo os exercícios

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:06)

Turma: Ô Sora, já fiz quatro linhas!

Professora: **mas quer dizer que uma frase é** muito comprida

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:08)

Professora: Olha aqui pessoal, olha aqui ó não quer dizer que eu vou fazer uma uma, *ei* vocês não estão me escutando, o que está acontecendo?

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 1:14)

– *Turma fala entre si; (prevalece)*

– *Professora chama a atenção de alguns alunos;*

– *A professora corrige o exercício com um aluno.*

Turma: Sora, qual é a merenda?

Turma: o que que é a merenda?

Professora: Gurias vocês estão que umas tagarelas mesmo, que não escutaram que é arroz com atum

Turma: **eca**

Professora: atum é um peixinho é que nem sardinha

Turma: (inaudível)

Professora: *Risos*

Turma: (inaudível)

Professora: Tá bom!

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 8:19)

– *Turma fala entre si; (prevalece)*

– *A professora corrige os exercícios com um aluno e faz explicações;*

– *A professora chama a atenção de alguns alunos;*

– *A professora fala com alguns alunos;*

– *Um aluno se interessa em fazer mais uma frase, a professora estimula;*

– *A professora sai da sala para ir na merenda com alguns alunos;*

– *A professora volta da merenda e chama a atenção de alguns alunos;*

– *A professora fala muito baixo, mas briga com algum aluno por causa da merenda.*

Professora: Tá, olha aqui pessoal, quem não terminou continua e eu vou continuar, vou explicar algumas coisas para vocês porque alguns não estão entendendo, tá?!

Turma: (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 1:11)

Professora: Olha aqui pessoal só um pouquinho, vamos escutar aqui, o que que nós estudamos hoje? O que que nós estamos estudando?

Turma: (inaudível)

Professora: Como é o nome disso que nós estamos estudando?

Turma: Circunflexo

Professora: O que que é isso circunflexo, agudo, o que que é o nome disso?

Turma: é ponto

Professora: é ponto?!

Turma: (inaudível)

Professora: O que que é? Olhem na folha para que que eu dei a folha para vocês gente?!

Turma: (inaudível)

Turma: (inaudível)

Professora: A

Turma: Acento agudo

Turma: Acento Agudo

Professora: Acento, nós estamos estudando, quais são todos os acentos? O agudo e o...

Turma: (inaudível)

Professora: como é o nome do outro?

Turma: circunflexo

Professora: circunflexo, muito bem, espera ai **Anderson** eu quero fazer uma coisa. Pessoal! Lara, por favor (inaudível) não entregasse o teu (inaudível) porque?

Turma: (inaudível)

Professora: (inaudível)

Turma: (inaudível)

Professora: Olha aqui (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:20)

Professora: Ai, vocês podem trocar ideia Miguel, isso é importante para vocês aprenderem

Várias Vozes

Professora: Só uma coisa, olha aqui pessoal! Gente!

Várias Vozes

Professora: Valdecir eu não vou te dizer outra vez (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:55)

Professora: Toma aqui a número dois, toma a folhinha número dois

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:26)

Turma: O professora

Professora: *aham*?!

Turma: (inaudível) a folhinha o Alexandre começou

Turma: e o Yuri também

Turma: é

Professora: qual folhinha meu amor?

Turma: uma folhinha

Turma: a folhinha essa folhinha grandona de lê

Professora: e porque a folhinha grandona de lê não está colada no caderno? Que eu pedi para todo mundo colocar

Várias Vozes

Turma: (inaudível)

Turma: a minha está colada

Turma: (inaudível) lê de novo

Professora: essa folha não é tua?

Turma: não

Várias Vozes

Professora: de quem é essa folhinha que está rolando no chão gente?

Turma: O sora (inaudível)

Professora: porque a pessoa não colocou e não colocou o nome Anderson

Turma: o sora eu ia escrever

Professora: do lado do Anderson quem é que está sentado? O Staloni né?!

Várias Vozes

Professora: Staloni

Turma: que

Professora: aquela folhinha que anda lá passeando

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:13)

Turma: a ponta do meu lápis quebrou e a ponta quebrou

Professora: alcança o nosso apontador no armário e faz a ponta

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:06)

Professora: quando tu vai tomar café, eu to-mo tu não botou o mo, eu tomo café na xí-cara, não xicára

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:42)

Professora: o óculos é legal, o é tem acento quem é que fez isso?

Turma: eu

Turma: Patrícia

Professora: Patrícia, como é que tu põe o é, sem acento?

Várias Vozes

Professora: o lápis é, ó olha o som aberto

Turma: é é

Professora: é acento agudo, bonito

Várias Vozes

Professora: a árvore

Turma: é

Professora: ó é bonita, tá, o picolé

Professora: é **Turma:** é

Professora: bom

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:15)

Professora: Gente! Eu não vou olhar mais, não aqui tu não sabe fazer

Turma: sora educação física sora, vamos ir para o pátio tem educação física

Várias Vozes

Turma: sora

Professora: (inaudível)

Risos

Várias Vozes

Turma: (inaudível) educação física

Turma: (inaudível)

Professora: vocês tem educação física daqui a pouco mais

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:27)

Professora: Olha aqui ó a professora quer todo mundo sentado guardem o caderno de artes que não é hora de artes

Várias vozes

Professora: Tá

Várias vozes**Professora:** Vamos lá, gurias**Várias vozes (turma e professora)** – (trecho de 0:17)**Professora:** Valdecir, (inaudível)**Turma:** (inaudível)**Professora:** *ah* ele mandou e se ele mandasse tu te jogar na frente de um caminhão tu faria?**Turma:** não (inaudível)**Turma:** ou de uma ponte**Várias vozes****Professora:** ó, pensa bem o que tu está dizendo**Várias Vozes****Professora:** tá *ei ei ei* eu estava acabando de corrigir até aqui ó, a Milena eu já corriji, várias vezes**Várias Vozes****Professora:** Não agora não, agora vai (inaudível)**Várias Vozes****Professora:** Só vou corrigir até o Wesley e tu**Várias vozes (turma e professora)** – (trecho de 2:11) ver situações– *Turma fala entre si; (prevalece)*– *A professora corrige os exercícios com uma aluna e faz explicações;*– *A professora chama a atenção da turma;***Professora:** Tá pessoal, olha aqui, todo mundo sentado Natã pára de (inaudível) que já tem uma, Natã já tem uma folhinha nova na tua classe vai sentar para fazer**Várias vozes (turma e professora)** – (trecho de 0:37)**Turma:** o Natã **tascou uma folha** na cabeça da gente**Turma:** é**Professora:** Natã, eu não vou te falar outra vez eu já te chamei a atenção acho que uma duas ou três vezes, tu senta faz favor e fica quieto fazendo as tuas coisas**Várias Vozes****Professora:** na medida que tu terminar a segunda folha tu pode me entregar para corrigir**Várias vozes (turma e professora)** – (trecho de 0:50)**Professora:** Olha aqui ó pessoal!**Várias Vozes****Professora:** Chega. Eu vou poder mais poder corrigir porque (inaudível)**Várias vozes (turma e professora)** – (trecho de 4:13)– *Turma fala entre si; (prevalece)*– *A professora chama a atenção da turma.***Professora:** Ai pessoal pára um pouquinho olha aqui ó “2seg” o que que a **Tiane** chegou meia hora a mais ou mais atrasada está fazendo lá no fundo da aula “1seg” que não é o lugar dela “1seg” a Milena, não Milena por hoje eu já disse que eu li várias vezes o teu (inaudível)**Turma:** não é a outra**Professora:** a outra ainda eu não estou corrigindo, vou corrigir no quadro agora as que eu já corriji “1seg” tá?!**Turma:** (inaudível)**Professora:** ó lê para a pro aqui**Várias vozes (turma e professora)** – (trecho de 1:48)**Professora:** tá olha aqui pessoal

Várias Vozes

Professora: o, o Wesley eu não vi a tua folha

Várias Vozes

Professora: então presta bem a atenção que depois tu vai me trazer ela de volta, para mim olhar

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 1:37)

Professora: Pessoal olha aqui

Várias Vozes

Professora: Wesley, e Lara, sentem por favor

Turma: sora

Turma: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: tá, todo mundo prestando atenção aqui, Valdecir vai lá sentar

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 1:02)

– *Turma fala entre si; (prevalece)*

– *A professora tenta chamar a atenção da turma mas os alunos continuam conversando e bagunçando.*

Professora: Bom! Ousam.

Várias Vozes

Professora: Tá, gente eu já percebi que vocês tem bastante

Várias Vozes

Professora: Olha aqui, Juliana, presta a atenção, Miguel senta, eu vou falar dez vezes vai aparecer dez vezes naquele gravador o nome de vocês (inaudível) sabe, vocês não param

Várias Vozes

Professora: e tudo que eu estou falando aqui ó está gravando ali

Turma: (inaudível)

Turma: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: não não Miguel Miguel chega agora

Turma: (inaudível)

Professora: Lara e Andreina “1seg” presta a atenção aqui “1seg” eu já percebi que todos vocês de um modo geral tem um problema com isso aqui ó “2seg” on on, olha para a pro, on an un en, un

Turma: ão

Professora: não, un

Várias Vozes

Professora: não é ão, ão é A O til

Turma: anta anta anta

Professora: por exemplo a palavra AN-ta, ó,

Turma: Angélica

Professora: AN

Turma: Ângela

Professora: -ta

Turma: Angélica

Turma: Angélica

Professora: AN-gé-li

Professora: -ca **Turma:** -ca

Várias Vozes

Professora: ó Angélica tem acento que acento é esse?

Turma: agudo

Turma: agudo

Professora: agu

Turma: do **Professora:** do

Várias Vozes

Professora: am-pla ai ó não é mais o N é o M ó

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:16)

Professora: não vamos primeiro no an tá ai não fica complicado, eu dou todas as respostas para vocês e vocês não tentam, o que que vai acontecer com a cabeça de vocês se vocês continuarem não pensando?

Turma: (inaudível)

Professora: não

Turma: (inaudível)

Professora: a gente tem que pensar em tudo que a gente for escrever

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:14)

Professora: tá gente, olha aqui, entenderam?!

Várias Vozes

Professora: **todos esses sons aqui** é nasalizado, nasal (inaudível) do nariz AN AN

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:11)

Professora: Olha aqui pessoal, novamente, vamos tentar

Várias Vozes

Professora: Yuri não está dando!

Turma: (inaudível)

Professora: não está dando

Várias Vozes

Professora: tu não está prestando a atenção nem um pouquinho no que a prof está falando

Várias Vozes

Turma: sora

Professora: como é que é Yuri?

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 1:15)

Professora: eu não vou liberar vocês para a educação física vocês não estão (inaudível)

Turma: (inaudível)

Professora: pois é e eu não vou liberar, sabe porque, (inaudível) **vocês já estão** fazendo educação física brincando jogando fazendo de tudo, eu estou tentando explicar isso aqui para vocês e vocês não estão nem ai para mim

Várias Vozes

Turma: (inaudível)

Professora: quem sabe tu senta ali Miguel

Turma: (inaudível)

Professora: ah tu não gosta de ler

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:15)

Professora: pessoal última vez

Várias Vozes

Professora: gente olha aqui, última, ó as meninas mesmo não saem hoje, não saem, porque eu estou toda hora chamando ou é a **Tiane** ou a Andreina ou a Lara, a Tauana é a que eu menos chamo, mas eu chamei a atenção também

Murmurinhos

Professora: Tá?! Bom gente, olha todo mundo para cá, porque que será que uns é com N outros é com M

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:17)

Professora: ah antes de P e B, vem ...?

Turma: M

Professora: M, de modo contrário é...?

(Várias vozes-turma): N

Professora: N

Várias Vozes

Professora: então toda vez que vocês escutarem esse som eu disse que faz essa **pelizinha** em baixo do nariz, que a gente chama que é nasalizado nasal, ó, “all”

Turma: “all all”

Professora: (inaudível) na parte de baixo do nariz, tá

Turma: “all all”

Professora: então como é que a gente coloca? Por exemplo

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:09)

Professora: Tá chega gente!

Várias Vozes

Professora: Escutaram?! Chega!

Várias Vozes

Professora: Entenderam isso aqui então?!

Murmurinhos

Professora: Tá, bom agora quando fala assim “ro ro ro”

Várias Vozes

Professora: (inaudível)

Turma: **põe a língua**

Professora: “ro ro ro”

Várias Vozes

Professora: **põe a lingua** ai é sinal de que letra **que inicia?**

Turma: R R R

Professora: R, R porque pro começa com que letra?

Turma: P

Turma: P

Professora: então depois do P que vem?

Turma: R

Professora: R

Várias Vozes

Turma: E

Professora: E?!

Turma: o

Professora: o, pro, pro como é que é?

Várias Vozes

Professora: L?!

Várias vozes

Professora: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Pro, então

Várias Vozes

Professora: tá, agora vamos corrigir a folhinha grande

Murmurinhos

Professora: Isso aqui é porque toda hora vocês estão me perguntando isso

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:34)

Professora: Gente olha aqui ó, a-çú-car

Várias Vozes

Professora: Pessoal, chega de conversa.

Várias Vozes

Professora: Chega de conversa

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:05)

Professora: ó, se eu colocar aqui na palavra açúcar, guris presta a atenção aqui “2seg” se eu colocasse “2seg” se eu colocasse, aqui ó o acento como é que eu leria essa palavra?

Turma: aaçucar

Turma: aaçucar

Turma: a-çucar

Turma: açucar

Turma: açucar

Turma: açucar

Professora: Á-çucar, eu leria eu leria á-çucar porque eu estaria eu estaria dizendo que a sílaba mais forte, é o A “1segmeio” falem a palavra agora e percebam qual é a sílaba mais forte, eu vou falar para vocês e vocês escutem

Turma: açúcar

Professora: a-çú-car

Turma: açúcara

Turma: o U

Professora: não, não é cara, não existe esse A

Turma: é o U

Várias Vozes

Professora: ó a-çú-car, qual é a mais forte?

Turma: o U

Várias Vozes

Professora: é o A?

Várias Vozes

Turma: o U

Professora: então espera ai só um pouquinho (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:04)

Professora: a-çú-car **Turma:** cara

Professora: não é cara, é açú-CAR car car

Turma: açúCAR

Professora: car

Várias Vozes

Turma: car car car

Professora: aonde é a sílaba mais forte? Qual é a sílaba?

Turma: o U

Professora: a-çú-car

Turma: o U

Várias Vozes

Professora: entenderam?!

Turma: U

Professora: então aonde vai esse acento?

Turma: U

Professora: para afirmar a parte mais forte

Várias Vozes

Professora: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: porque se eu colocar ó acento aqui ó açucár ai vai ficar açucár e ai açucár (inaudível)

Várias Vozes

Professora: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: e aqui gente, pi-co-lé, qual é a sílaba mais forte?

(Várias vozes-Turma): lé

Turma: lé

Várias Vozes

Professora: e o E vira o som de?

Turma: É

Várias Vozes

Professora: o É, agora se eu trocasse

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:18)

Professora: e o Wesley está fazendo o que virado para trás?

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:16)

Professora: Olha aqui gente, pi-co-lé, se eu tirasse o acento do E

Turma: fica picole

Professora: e colocasse assim ó

Turma: picole

Professora: pícole, pícole, mas é pícole não

Turma: é picolé

Professora: picole ó picole não né

Turma: é picolé

Várias Vozes

Professora: é picolé

Turma: picole picole

Professora: e essa palavra aqui?

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:09)

Professora: e essa aqui?

Turma: no E

Turma: no E

Professora: ma-

Turma: ré

Turma: ré

Professora: ré, o que que é maré gente?

Turma: marreco

Professora: o que que é maré?

Várias Vozes

Professora: não, o marreco é uma coisa, maré é outra bem diferente, o que que é maré?

Turma: é uma água

Professora: É! É uma água, maré é

Turma: a maré

Murmurinhos

Professora: não maré, gente até para explicar para vocês para não ficar só no água, eu vou encontrar no dicionário

Várias Vozes

Professora: e vou explicar nós temos a

Turma: (inaudível)

Professora: ó a, o planeta possui grande parte de água, assim como o nosso corpo também, então (inaudível) de seis em seis horas vem uma maré, é a maré é a altura da água (inaudível)

Turma: é a onda é a onda

Professora: ou ela vir mais baixa, então quando a maré baixa, a água de todo planeta ela recua

Turma: (inaudível)

Professora: então a praia fica mais larga, espera só um pouquinho Miguel e quando a maré aumenta a água vem mais a cima, então por exemplo ao meio dia a seis da manhã a seis da tarde a meia noite, de seis em seis horas a maré altera, vamos ver o que que diz no dicionário aqui para nós, vamos ver, aonde é que eu tenho que procurar aqui no dicionário gente?

Turma: página vinte e sete

Professora: página vinte e sete, não não é aqui

Turma: no M

Professora: o dicionário gente também é, o procurado por ordem alfabética ó, eu tenho que procurar no M

Turma: (inaudível)

Professora: no M A, né e depois lá o R depois passo para o R ó depois do Q, então “2seg” ó **mania** mar ó estamos chegando perto

Turma: **mania** mamãe

Professora: mar

Turma: **maria**

Professora: maraba

Turma: maraba

Risos

Turma: (inaudível)

Professora: a é, olha aqui ó, fluxo e refluxo ou seja fluxo vai para lá refluxo ao contrário tá, refluxo do mar, escutaram?!

Várias Vozes

Professora: influenciado pela atração da lua “1seg” viram?! E tem influência da lua e de doze em doze horas, de doze, desculpa de seis em seis horas e ele vai, ou vai para frente ou vai para trás, por isso que é o fluxo e o refluxo, tá?!

Murmurinhos

Professora: Voltando aqui, qual é a próxima palavra?

Murmurinhos

Professora: próxima palavra gente?

Várias Vozes

Professora: não, qual é a próxima palavra?

Murmurinhos

Professora: Qual é a próxima palavra? Fala **Andreina**

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:39)

Professora: Tá agora aqui ó, essa palavra aqui interessa muito para vocês, gente, xícara, aonde é a sílaba mais forte?

Turma: no l no l

Várias Vozes**Turma:** no l no l no l**Professora:** no l, e se eu colocasse no C A como é que**Turma:** xicára**Turma:** xicára**Turma:** xicára**Turma:** xicára**Professora:** xicára, e se eu colocasse no R A**Turma:** xica-RÁ**Professora:** xica-rá, então ou seja vocês (inaudível)**Várias Vozes****Professora:** da onde é que ela vem? E essa palavra aqui como é que é**Várias Vozes****Professora:** (inaudível)**Várias Vozes****Professora:** tá, vamos ver, não vamos terminar a três e eu deixo vocês irem um pouquinho para o pátio**Várias Vozes****Professora:** coloca o acento circunflexo, quem é que fez essa aqui?**Turma:** Eu**Turma:** Eu**Turma:** Eu**Turma:** Eu**Turma:** Sora (inaudível)**Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:08)****Turma:** agudo**Professora:** agudo, e este aqui?**Várias Vozes****Professora:** então, guris, fizeram a folhinha três?**Turma:** Já!**Turma:** já**Turma:** já**Professora:** então vamos corrigir**Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:43)****Professora:** (inaudível) chego, eu quero saber de vocês, cadê o, o Wesley?*Murmurinhos***Professora:** não (inaudível)**Turma:** (inaudível)**Professora:** pessoal olhem aqui*Murmurinhos***Professora:** Olhem para cá, já está dizendo que nesse, guarda, que nesse exercício “2seg” todas as palavras são acentuadas, e com que acento mesmo ele está dizendo?**Turma:** agudo?!**Professora:** não**Turma:** circunflexo**Várias Vozes****Professora:** circunfle-xo, tá?! Bom gente, então aonde é que eu vou colocar o circunflexo no você?**Turma:** no E

Turma: no E

Professora: vo vo-cê, olha aqui ó cê

Turma: cê

Professora: cê

Várias Vozes

Professora: tá, quem acertou arruma

Várias Vozes

Professora: quem acertou coloca certo

Várias Vozes

Professora: quem acertou, que não acertou arruma

Várias Vozes

Professora: é isso quem acertou desiste de fazer, vamos lá, e no pêssego como é

Turma: no P

Várias Vozes

Professora: tá, se nós e se eu colocar no PÊ como disse o Natã?

Várias Vozes

Professora: me escutem como é que fica

Várias Vozes

Professora: pessêgo, é pessêgo?

Turma: é no GO

Professora: é no GO vamos tentar

Várias Vozes

Turma: pêssego

Professora: pessegô

Turma: não

Professora: é pessegô?

Turma: (inaudível)

Professora: *ahhh*, ainda bem que só tem três sílabas né se não vocês ainda iam continuar fazendo experiência

Turma: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: pêssego

Turma: (inaudível)

Professora: Pode

Várias Vozes

Professora: o ônibus, aonde é que vai o acento no ônibus?

Turma: no l

Turma: o

Turma: no O

Turma: o o

Professora: Ô-nibus

Várias Vozes

Professora: né, senta lá

Várias Vozes

Professora: eu quero olhar eu vou olhar um por um para ver se está certo se está errado para arrumar e assim vai

Turma: (inaudível)

Professora: gente aqui, metro como é que é?

Turma: (inaudível)

Professora: o diferente dessa palavra aqui é acentuado

Turma: me

Turma: metrô

Professora: metrô muito bem e aqui? “1seg” essa aqui?

Turma: (inaudível)

Professora: Miguel tu está corrigindo a folhinha?

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:46)

Professora: Pessoal olha aqui, no tênis aonde vai?

Turma: no E

Murmurinhos

Professora: é, TÊ olha aqui ó vou fechar o som ó, TÊ

Turma: (inaudível)

Professora: (inaudível)

Turma: ME

Turma: TE

Professora: NI

Turma: NI

Professora: NI, (inaudível) só tem uma vogal né?! **Good Bye**

Turma: no E

Professora: ME, e no português?

Várias Vozes

Turma: no A

Turma: no E

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:11)

Professora: Deu gente

Turma: Deu!

Professora: Vamos para o próximo (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:14)

Professora: Ó número quatro, exercício número quatro

Várias Vozes

Professora: Pontua corretamente as frases abaixo, que hora são? Que ponto é?

Turma: **interrogação**

Turma: pergunta

Silêncio: “1seg”

Professora: que tipo de frase é essa?

Turma: pergunta

Professora: como é que ela se chama? In

Turma: interrogação

Professora: in-ter-ro-ga

Turma: ção

Várias Vozes

Professora: uma frase interrogati-va

Várias Vozes

Professora: então

Várias Vozes

Professora: que ponto é gente?

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:24)

Professora: como é que se chama o I virado

Várias Vozes

Professora: não, ponto de exclama

Professora: ção **Turma:** ção

Professora: Uma coisa que diz assim ó, Eu estudo muito! Eu estou fazendo

Várias Vozes

Turma: Ponto final

Professora: ponto final eu estou fazendo uma afirmação, afirmação é uma frase afirmativa

Várias Vozes

Professora: depois comprei uma dúzia de limões

Turma: limões

Professora: o que que eu coloco depois dos limões?

Turma: vírgula

Professora: vírgula, né, e

Turma: quatro laranjas

Professora: quatro laranjas e dois ovos, difícil isso gente?

Turma: Não

Professora: mas ainda eu estou vendo muita gente com dificuldade

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 2:02)

ANEXO D – Transcrição da Aula da Ivoni (29/05/2008)

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 3:08)

Professora: Tá pessoal vamos lá, vamos escutar o Anderson. Gente!

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:34)

Professora: Isso mesmo gente. Quantos itens ela comprou? E ai como é que a gente vai fazer isso?

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 1:22)

Professora: Uma dúzia quanto é?

(Várias vozes-turma): Doze

Turma: doze

Professora: doze

Várias Vozes

Professora: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Juliana

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:19)

Professora: Pessoal! A a a não, essa conversa está demais até agora eu não corrigi nada

Várias Vozes

Professora: Éllen tu não veio na aula passada, então tu faz favor, de prestar a atenção

Turma: (inaudível)

Professora: Bom, gente uma dúzia quanto é?

Turma: Doze.

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:17)

Professora: Doze e meia dúzia gente quanto é?

Turma: seis

Turma: seis

Professora: seis

Várias Vozes murmurinhos

Professora: que conta eu tenho que fazer?

Turma: mais

Turma: de mais

Turma: (inaudível)

Professora: que conta eu tenho que fazer?

Turma: mais

Professora: mais

Turma: dezoito sora, dá dezoito.

Professora: dois mais seis?

Turma: oito

Professora: oito

Turma: dezoito

Professora: dezoito então uma dúzia uma dúzia e meia é dezoito, quantas dezenas ela comprou, de de laranjas?

Turma: quatro

Professora: quatro dezenas, quanto é cada dezena?

Turma: dez

Turma: dez

Professora: dez, então quatro, como é que eu faço a conta?

Turma: dez (inaudível)

Professora: dez

Turma: mais dez

Professora: mais dez

Turma: mais dez e mais dez

Professora: e mais dez e quanto é que dá isso?

Várias Vozes

Professora: dez

Turma: quarenta

Turma: quarenta

Professora: tá e o que mais que ela comprou, guris se vocês continuarem conversando eu vou tirar pelo menos um **do recreio**

Turma: (inaudível)

Professora: ah vocês tiveram um dia de folga e se esqueceram de fazer

Turma: (inaudível)

Professora: muito legal né gente?!

Várias Vozes

Professora: eu fiquei contente que vocês ontem estavam na cama com aquele tempo horróroso, e vocês, simplesmente não tiveram responsabilidade para fazer o tema

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:26)

Professora: Tá pessoal e ai o que começa que conta eu faço agora para saber o total?

Turma: de mais

Turma: de mais

Várias Vozes

Professora: aham? de menos?

(Várias vozes-turma): de mais

Turma: mais

Professora: Aonde nós temos que ir para ver que conta nós temos que fazer?

(Várias vozes-turma): na pergunta

Professora: na pergunta, e qual é a pergunta? Lê para mim Érica. **Do que o resto do pessoal**, Igor senta aqui

Várias Vozes

Turma: o prof (inaudível)

Professora: Lê para mim o a pergunta, do problema.

Várias Vozes

Professora: Igor chego.

Várias Vozes

Professora: Igor

Várias Vozes

Professora: tu não respeita mais a professora?!

Várias vozes (turma e professoras) – (trecho de 1:11)

Professora: Querida eu só quero que tu leia **em voz alta** a pergunta para mim eu não quero mais nada (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Não agora vamos para o três, vamos escutar isso aqui ó, vamos escutar a Érica vamos lá

Turma: (inaudível)

Professora: Não, não eu só quero a pergunta do problema

Várias Vozes

Professora: é a pergunta do problema Érica, qual é a pergunta desse problema? Eu não quero o problema inteiro eu só quero a pergunta, qual é a pergunta?

Turma: (inaudível)

Turma: eu leio

Turma: (inaudível)

Professora: lê para mim Érica

Turma: (inaudível)

Professora: e agora olha bem aonde é a pergunta do problema Érica

Turma: Érica foi

Professora: NÃO, eu quero, só, a pergunta, do problema, quem é que sabe aonde é que está a

Turma: Eu

Professora: pergunta do problema? Lê para mim Wesley

Turma: esse aqui é para fazer as continhas

Professora: É

Turma: quantos (inaudível) tem o

Professora: Não

Várias Vozes

Professora: não é número dois

Várias Vozes

Turma: Risos

Turma: é quantos itens

Professora: Quantos itens

Turma: ela ela comprou?

Professora: ela comprou, gente que dificuldade vocês não sabem o que que é pergunta? Ponto de interrogação vocês também não lembram?!

Turma: Sora

Turma: Não

Turma: Sora, não tem lixo aí?

Professora: Não tem porque a lixeira está lá do outro lado da porta

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:12)

Professora: Está bem! Quantos itens? Então que conta eu tenho que fazer no total?

Turma: Mais

Turma: Mais

Professora: Mais, o que eu quero na verdade saber o to

(Várias vozes-turma): Total

Professora: o total, de itens que ela comprou, ela comprou uma dúzia e meia de ovos né?! Quanto era uma dúzia e meia?

Turma: doze

Turma: doze

Professora: uma dúzia e meia

Turma: dezoito

Turma: dezoito

Turma: dezoito

Turma: dezoito

Professora: dezoito (inaudível) estão prestando a atenção?! Dezoito, ela comprou quatro dezenas de laranjas, quanto é quatro

Turma: quarenta

Professora: dezenas de laranjas? Quarenta, só o Valdecir está entendendo?! E o que mais que ela comprou?

Turma: laranja

Turma: cinco mangas

Professora: Cinco mangas, muito bem,

Turma: manga é ruim

Professora: e aí o final da conta é o que?

Turma: Mais

Turma: Mais

Professora: Mais, oito mais cinco quanto é gente?

Turma: treze

Turma: treze

Professora: treze, vai

Turma: (inaudível)

Professora: uma dezena né?! Uma dezena mais uma dezena

Turma: dois

Professora: duas dezenas mais quatro?

Turma: seis

Professora: seis dezenas então como é que é mesmo a pergunta? Lê a pergunta Juliana, só a pergunta, do problema.

Turma: Quantos itens ela comprou?

Professora: como é que eu vou responder gente?

Turma: Ela comprou

Turma: Ela

Professora: Ela, com letra o que?

Turma: maiúscula

Turma: maiúscula

Professora: ela

Professora: comprou **Turma:** comprou

Silêncio: "2seg"

Turma: setenta e três

Turma: laranjas

Professora: setenta e três o que?

Turma: itens

Turma: laranjas

Professora: Itens, era laranja que eu perguntava?

Turma: Não

Professora: Ai se fosse laranjas quantas laranjas ela comprou?

Turma: quarenta

Turma: quarenta

Professora: quarenta ó, quatro dezenas

Turma: quatro dezenas

Professora: Itens

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: Né gente?! Bom

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: Vamos lá! Que horas são?

Turma: duas horas

Professora: então, um relógio, dois relógios, três relógios

Turma: Ô Prof eu não consegui comprar o rádio relógio (inaudível) lá em baixo

Professora: Ai fica bem difícil mesmo, o primeiro é oito e trinta

Várias Vozes

Professora: Guris!

Várias Vozes

Professora: o segundo quatro e quarenta e cinco

Várias Vozes

Professora: E o terceiro sete horas

Turma: sete horas em ponto é fácil!

Professora: Muito fácil!

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:10)

Turma: Sora eu botei todos números.

Professora: Três, seis, nove, mas é para vocês colocarem todos números, a professora coloca só esses, que é para vocês *aham* fazerem o restante, tá?! E ai facilita para depois fazer no quadro. Bom gente, então “1seg”, ponteiro pequeno ponteiro grande

Várias Vozes

Professora: que marca as horas?

Várias Vozes

Professora: pequeno ou grande?

(Várias vozes-turma): pequeno

Turma: pequeno

Professora: pequeno, quantas horas diz ali?

Turma: oito e quinze

Turma: oito e quinze

Professora: Não, horas só horas não minutos.

Turma: Oito horas

Professora: oito horas aonde vai o ponteiro pequeno?

Turma: no oito

Turma: no oito

Turma: no oito

Professora: no oito

Turma: e no

Professora: e o grande?

Turma: no doze

Turma: no seis

Turma: no seis

Professora: No seis, no doze, quando o grande está no doze quer dizer hora...?

Turma: certa

Professora: hora o que?

Turma: exata

Professora: exata, hora certa, por exemplo sete horas “1seg”, hora exata hora certa, o ponteiro vai para onde? Vai aonde o ponteiro grande?

(Várias vozes-turma): No doze

Professora: No doze, hora exata hora, guris, Miguel! Por favor Miguel, tu estás corrigindo?

Turma: eu nem fiz esse.

Professora: Como tu não fez esse (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Miguel, segundo dia que tu não vai fazer nada nessa aula?

Turma: o sora (inaudível)

Várias Vozes

Professora: o que que tu acha?

Turma: eu acho (inaudível)

Silêncio: “2seg”

Professora: gente então o ponteiro olha aqui ó, se estivesse aqui ó, quantos minutos é aqui no um?

(Várias vozes-turma): cinco

Professora: no dois?

Turma: cinco

Professora: *aham?!*

(várias vozes-turma): dez

Professora: dez, cinco mais cinco

(várias vozes-turma): Dez

Turma: Quinze

Professora: Mais cinco?

Turma: quinze

Professora: mais cinco?

(várias vozes-turma): vinte

Turma: vinte

Professora: mais cinco?

Turma: vinte e cinco

Turma: vinte e cinco

Professora: vinte e cinco mais cinco?

(várias vozes-turma): trinta

Professora: Então ó, ponteiro pequeno, no oito

Silêncio: “2seg”

Turma: e o grandão no seis!

Professora: o **um ponteiro** no oito e o grandão no seis, tá e no caso, do quatro e quarenta e cinco aonde vai o ponteiro pequeno?

Turma: vai no quatro

Turma: no quatro

Turma: e o grande vai no nove

Professora: e o grande vai no nove, será que é verdade isso?

(Várias vozes-turma): É

Professora: Ó! Vamos lá!

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: Quantos minutos?

(Várias vozes-turma): cinco, dez, quinze, vinte, vinte e cinco

Professora: vinte e cinco

(Várias vozes-turma): trinta, trinta e cinco, quarenta, quarenta e cinco

Professora: Certo então, o ponteiro grande lá

Turma: (inaudível)

Professora: ó, quatro e quarenta e cinco. Gostaram do nosso relógio novo?

(Várias vozes-turma): Sim

Turma: Sete horas sete horas

Professora: Sete horas

Turma: ponteiro pequeno vai no sete

Várias Vozes

Turma: e ponteiro grande vai no doze

Várias Vozes

Professora: Hora exata é fácil né gente?!

Turma: É

Turma: É

Professora: ponteiro pequeno vai na hora, né, que é sete horas

Várias Vozes

Turma: e o grande vai no doze

Professora: e o grande vai no doze

Várias Vozes

Professora: Difícil isso?!

(Várias vozes-turma): Não!

Turma: Pode (inaudível)

Professora: Pode, deve. Vamos lá e aí faça o que se pede né, os números dobro e triplo, vamos lá

Turma: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: o dobro

Professora: do triplo e o triplo **Turma:** do triplo e o triplo

Turma: três vezes

Professora: Muito bem!

Turma: (inaudível)

Professora: vamos lá, e os números que números (inaudível)

Turma: sete

Turma: sete

Professora: sete

Turma: sete

Várias Vozes

Turma: cinquenta e cinco setenta e nove

Professora: setenta e nove muito bem!

Turma: Ô pro!

Professora: *aham*?! O dobro de sete gente?

Turma: quatorze

Turma: quatorze

Professora: o dobro de sete?

(Várias vozes-turma): quatorze

Professora: três vezes sete?

Turma: Vinte e, um

Várias Vozes

Professora: você tem sete namorados e não me caso com nenhum!

Turma: o sora

Professora: Aham?

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:12)

Turma: Quarenta e seis sora

Várias Vozes

Turma: quarenta e seis quarenta e seis

Turma: quarenta e seis sora

Professora: o dobro de vinte e três?

(Várias vozes-turma): Quarenta e seis

Professora: e o triplo?

Turma: doze

Turma: setenta e nove

Professora: setenta e nove

Várias Vozes

Professora: o dobro de cinquenta e um?

Turma: um zero e dois

Professora: Como é que é um zero dois?

(Várias vozes-turma): Cento e dois

Turma: Cento e dois

Professora: Cento, e dois. E o triplo? Quem é que está conversando e não está prestando a atenção?

Turma: e o seis o zero e o seis

Professora: Não mesmo, quem está conversando é complicado isso

Turma: Pro

Turma: (inaudível)

Professora: Tu não copiou nem aquelas que eu tinha corrigido aquele dia (inaudível)

Turma: a criança não falou nada, mas provavelmente fez algum sinal de que não.

Professora: Que horror!

Turma: (inaudível)

Turma: Pro

Professora: (inaudível)

Turma: Pro

Turma: é o três o zero e o seis

Turma: é cento e quinze

Professora: Não, olha aqui ó

Várias Vozes

Professora: cento e dois mais cinquenta e um que é três vezes aqui é duas mais uma três, olha aqui ó, dois mais um?

Turma: três

Turma: três

Professora: Três. Cinco mais zero?

Turma: cinco

Professora: Cinco. Um mais nada?

Turma: um

Turma: cento e cinquenta e três

Professora: cento, e

Professora: cinquenta e três **Turma:** cinquenta e três

Professora: Tá, e sessenta e nove o dobro de sessenta e nove?

(Várias vozes-turma): cento e dezoito

Professora: Ó sessenta e nove mais sessenta e nove (inaudível)

Turma: e quatorze sora é quatorze

Professora: Nove mais nove?

Turma: dá cento e dezoito

Professora: É dezoito vai

Turma: um

Professora: um seis e seis

Várias Vozes

Professora: seis e seis?

Turma: doze

Professora: doze. Mais um?

Turma: sete

Várias Vozes**Professora:** Treze**Várias Vozes****Professora:** treze**Turma:** cento e trinta e oito**Professora:** cento e trinta e oito, e, três vezes, o sessenta e nove? Cento e trinta e oito mais uma vez?! Sessenta e nove.**Várias Vozes murmurinhos****Professora:** nove e oito quanto é?**Turma:** Sora!**Várias Vozes****Turma:** dezoito**Professora:** dezessete, vai...?**Turma:** Um**Turma:** um**Professora:** Um. Um e três?**Turma:** Quatro**Turma:** Quatro**Professora:** Quatro, e seis?**Várias Vozes****Turma:** onze**Turma:** onze**Professora:** Não!**Turma:** Não?!**Professora:** Seis e quatro?**Turma:** Quatro**Turma:** Seis**Professora:** essa aqui olha aqui ó**Turma:** cinco seis**Professora:** Quatro né?! Cinco seis sete**Turma:** Dez!**Professora:** oito nove**(Várias vozes-turma):** Dez!**Turma:** Acertei!**Professora:** E aí?! Aonde é que eu coloco o zero?**Turma:** no quatro**Turma:** no quatro**Professora:** no quatro**Várias Vozes****Professora:** no um dá para ficar (inaudível)**Várias Vozes****Professora:** dá cento e oito. Muito bem!**Turma:** cento e quatorze**Professora:** Uma centena mais uma centena?**(Várias vozes-turma):** Dois!**Professora:** Duas centenas, então quanto é que é o triplo de sessenta e nove? Que número é aquele?**Turma:** duzentos e sete**Professora:** Duzen-tos e se-te**Várias Vozes**

Professora: Perfeito!

Várias Vozes

Professora: Vamos lá! Terminando de corrigir, vamos lá!

Várias Vozes

Professora: Vamos fazer os números romanos (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:07)

Turma: Eu fiz até vinte!

Várias Vozes

Turma: Eu já fiz até vinte pro!

Professora: *Aham?!*

Turma: Fiz até vinte!

Professora: Tá, não tem problema, de mais é ótimo, de menos é que não dá para fazer.

Turma: prof

Turma: (inaudível)

Turma: eu fiz (inaudível)

Professora: Não depois depois vou, *ah* tá pode ser assim, mas eu queria que vocês escrevessem mas tudo bem

Várias Vozes

Professora: olha só

Várias Vozes

Professora: **marca** o antecessor e o sucessor dos numerais

Várias Vozes

Turma: (inaudível)

Professora: não por enquanto não tem que fazer ainda tudo que a gente quer adivinhar não dá certo

Várias Vozes (turma e professora) – (trecho de 0:11)

Professora: Olha aqui pessoal “2seg” vamos ver

Várias Vozes

Professora: O que que quer dizer antecessor e o que que quer dizer sucessor?

Turma: Antes e depois

Turma: Antes e depois

Professora: Antes e depois. Bom, o que vem antes do número que número é esse aqui?

Turma: **Sessenta** dúvida entre sessenta e setenta e cinco

Professora: Alexandre (inaudível)

Turma: **sessenta** e cinco

Turma: **sessenta** e cinco

Turma: (inaudível)

Professora: tenho (inaudível)

Várias Vozes

Professora: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: e depois o **sessenta** e seis, muito bem!

Turma: Diga

Professora: Agora aqui gente, que número é esse aqui?

(Várias vozes-turma): Noventa

Turma: nove

Professora: Noventa e nove, muito bem!

Várias Vozes

Professora: e o que que vem antes do noventa nove?

(Várias vozes-turma): Noventa e oito

Professora: Noventa e oito

(Várias vozes-turma): Cem

(Várias vozes-turma): Cem

(Várias vozes-turma): Cem

(Várias vozes-turma): Cem

Professora: Cem, muito bem!

Várias Vozes

Professora: Como é que a professora ensinou quando a gente não tem certeza o que que a gente faz?

Várias Vozes

Professora: Uma continha de que?

Turma: De mais!

Professora: De mais com que número?

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: Mais, quanto?

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: Mais quanto?

Turma: mais

Professora: O que que vem depois? É mais?!

Várias Vozes *murmurinhos*

Turma: oito

Turma: um

Turma: um

Professora: Mais um, vê aqui ó, noventa e nove mais um?

Turma: (inaudível)

Professora: ó nove mais um quanto é que dá gente?

(Várias vozes-turma): Dez

Professora: Dez vai...?

Turma: um

Professora: Um (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:06)

Professora: Deixa ele prestar a atenção, viu Igor olha aqui ó, quando tu tens dúvida do número, tu não sabe o que que vem depois do noventa e nove, tu soma mais um, ó, soma mais um, (inaudível)

Turma: unidade

Turma: unidade

Professora: unidade, coluna (inaudível) se tu colocar na casa das dezenas **vai dar errado** (inaudível) **vais colocar um unidade na casa da unidade** uma embaixo ó nove mais um? Dez, né?! Nove mais um?

Turma: Dez

Turma: Cem

Professora: Cem, deu o número certinho ó, visse?! Então (inaudível) uma dica para vocês saberem fazer caso tiverem dúvida, isso é só no começo depois vocês deslancham e nem precisam mais fazer conta

Turma: Eu já sei fazer continha de vezes

Professora: Já sabe?! Que legal (inaudível) já sabe fazer?!

Turma: (inaudível)

Professora: de adição e subtração, semana que vem **a professora vai trazer dois trabalhos** (inaudível) para a gente fazer na aula, semana que vem nós começamos com a multiplicação (inaudível), tá?!

Várias Vozes

Professora: Bom!

Várias Vozes

Professora: Tá todo mundo prestando a atenção! O que é isso aqui que número é esse?

(Várias vozes-turma): Cento e vinte e nove

Professora: Cento e vinte e nove, o que vem antes do cento...

(Várias vozes-turma): Cento e vinte e oito

Professora: Perfeito! Cento e vinte e oito

Várias Vozes

Professora: e o que vem

Várias Vozes

Professora: Depois?

Turma: Cento e trinta

Turma: Cento e trinta

Professora: Cento e vinte e nove cento e trinta

Várias Vozes

Professora: Olha aqui ó, Anderson presta bem a atenção

Várias Vozes

Professora: *aham?!*

Turma: eu copiei

Professora: Tá mas não é copiar

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:09)

Professora: Antes do cento e vinte e nove tem o cento e vinte e oito o que que vem antes do nove?

Turma: É o oito

Professora: É o oito.

Turma: É

Várias Vozes

Professora: Bom, olha aqui, quando a gente tem dúvida é a mesma coisa que a gente faz com o noventa e nove, coloca o um, ó

Várias Vozes

Professora: na unidade, nove mais um mais um mais um

Várias vozes

Professora: é vai...?

Turma: Um

Professora: bota o zero embaixo

Várias Vozes

Professora: que casa que fica?

Turma: três dois

Professora: que casa fica aqui?

Turma: dezena

Turma: aonde?

Professora: casa da dezena, e que casa é essa

Turma: unidade

Professora: primeira?

Turma: unidade

Professora: unidade, e essa segunda?

Várias Vozes

Professora: E essa terceira?

Várias Vozes

Professora: Centena, bom, agora um mais dois?

Turma: Três

Professora: Três

Várias Vozes

Professora: Mais nada?

Turma: um

Professora: Um ó, número quatro, tem dúvida façam a continha, façam a continha o que importa é não errar, tá bom?! Agora

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:16)

Professora: Bom gente cento e setenta e nove, *i* disse o número para vocês não valia né?!

Várias Vozes

Professora: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: o que que vem o antecessor ao cento e sessenta e nove?

(Várias vozes-turma): Cento e sessenta e oito

Professora: cento e sessenta e oito

Várias Vozes

Turma: cento e setenta

Professora: cento e setenta. Muito bem!

Várias vozes (turma) – (trecho de 0:05)

Professora: Que número é esse aqui?

Turma: duzentos e trinta e quatro

Professora: Como é que é?

(Várias vozes-turma): duzentos e trinta e cinco

Turma: cinco

Turma: quatro

Turma: cinco

Várias Vozes

Turma: duzentos e trinta e quatro

(Várias vozes-turma): duzentos e trinta e cinco

Turma: cinco

Professora: duzentos e trinta e cinco **Turma:** duzentos e trinta e cinco

Turma: quatro

Professora: ó, então

Turma: duzentos e trinta e

(Várias vozes-turma): quatro

Professora: duzentos e trinta e quatro, e o que vem depois?

(Várias vozes-turma): duzentos e trinta e seis

Professora: Duzentos e trinta e seis, muito bem! Tá agora nós vamos para os romanos

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:05)

Professora: Como é que se faz, como é que se simboliza o número um em romano?

Turma: um tracinho

Turma: um tracinho

Turma: um pauzinho

Professora: Um pauzinho?! (inaudível) **como é que se faz** um tracinho?

Turma: dois pauzinhos

Professora: DOIS pauzinhos

Turma: três pauzinhos

Várias Vozes

Professora: Quantas vezes nos podemos (inaudível)

(Várias vozes-turma): três

Turma: três

Professora: três

Várias Vozes

Professora: Tá

Várias Vozes

Professora: e o número, ante *xixixi* Juliana e Michele!

Turma: (inaudível)

Professora: Dupla que está complicada, vou ter que separar essa dupla a terceira vez que eu disser vou separar a dupla eu estou separando

Turma: Sora

Professora: tá?!

Turma: sora

Professora: bom

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:19)

Professora: Tá eu quero saber gurias, Andreina **Kiane** Tauana, prestem a atenção aqui! Eu quero saber quando um um *xi* o número um vem antes do número o que que ele está fazendo?

Turma: ele está diminuindo

Professora: E quando ele vai depois do número?

Turma: vai somando

Turma: vai somando

Professora: Vai somando

Turma: (inaudível)

Professora: para cá é menos e para cá é...?

(Várias vozes-turma): mais

Professora: mais

Várias Vozes

Professora: Miguel tu não vai (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:38) a professora e o alunos falam bastante mas o som está muito abafado.

Professora: Gente! Voltando para cá! Olhem para mim aqui ó

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: *xi* olha para cá

Várias Vozes

Turma: o um e o V

Professora: o um e o V, quanto é o V? O valor do V?

(Vária vozes-turma): Cinco

Turma: cinco

Professora: tá é agora o número cinco?

Turma: V

Turma: o V

Professora: letra V e o seis?

Turma: Um

Turma: o V e o pauzinho

Turma: o V e o pauzinho

Professora: o V e o pauzinho ou seja cinco mais...?

Turma: (inaudível) o pauzinho

Professora: cinco mais...?

Turma: um

Turma: um

Turma: o pro

Professora: cinco mais um

Várias Vozes

Professora: isso, o **Piangers** cinco mais...?

(Vária vozes-turma): dois

Professora: dois

Várias Vozes

(Vária vozes-turma): três pauzinhos

Professora: três pauzinhos, dá para continuar repetindo os pauzinhos?

(Vária vozes-turma): Não

Várias Vozes

Turma: (inaudível) o pauzinho e o X

Professora: isso porque o pauzinho está diminuindo do X né?!

Turma: |

Turma: |

Turma: |

Turma: |

Turma: |

Professora: o onze?

Turma: o X

Turma: o X e o pauzinho

Professora: o X e o pauzinho

Turma: o X e dois pauzinhos

Professora: o X e dois pauzinhos o X e três pauzinhos **Turma:** o X e dois pauzinhos o X e três pauzinhos

Professora: dá para por X e quatro pauzinhos?

(Vária vozes-turma): Não

Professora: Por que?

Várias Vozes

Professora: Por que que não dá?

Várias Vozes

Professora: Só dá para repetir três vezes. Muito bem!

Várias Vozes

Turma: Um X um pauzinho e um V

Professora: Olha! Vocês estão muito bem!

Várias Vozes

Professora: E o quinze?

(Vária vozes-turma): X e o V

Turma: X e o V

Professora: X e o V

Turma: X um V e um pauzinho

Silêncio: "1seg"

Professora: Sabendo das regras que, faz, direita *aham*

Turma: esquerda, esquerda e direita

Professora: ah é

Turma: (inaudível)

Professora: esquerda quando eu estou de costas para vocês diminui e direita...?

Turma: aumenta

Turma: aumenta

Turma: aumenta

Professora: aumenta

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:26)

- *A turma fala entre si; (prevalece)*

- *A professora elogia a participação e o interesse dos alunos;*

- *Uma aluna fala que o dezesseis é o X o V e um pauzinho.*

Professora: Tá, agora vamos para de-com-po-si-ção.

Várias Vozes

Professora: (inaudível) decomposição, que a maioria achou que não sabe, como vocês não sabem isso aqui gente?!

Várias Vozes

Turma: Não é fácil!

Várias Vozes

Professora: não é fácil

Várias Vozes

Professora: os números, qual é o primeiro número?

Turma: (inaudível)

Professora: Que número é esse aqui?!

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:10)

Professora: Prestem a atenção aqui! Não é fácil (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:21)

Professora: Vocês nem sabe, ontem na reunião que a professora foi, eu me lembrei de vocês, na reunião que a professora foi, tinha, uma lei uma leitura para cada professor (inaudível) a gente leu, um trechinho sobre a África

Várias Vozes murmurinhos

Professora: sabe?! E, ai uma professora foi ler, vocês acreditam que ela não sabia os números romanos, ela fez assim ó pediu apoio para a professora de trás e a professora disse, sabe que número ela não sabia ler?!

Turma: aham

Professora: Este aqui

Turma: Dez AH

Professora: Dez

Turma: É burra!

Turma: risos

Professora: Não é que seja burra, mas ela não sabia, ele não deve ter aprendido isso.

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:13)

Professora: Professora não sabe tudo, a gente vai aprendendo, quando eu não sei o que que eu faço, ou eu vou no dicionário ou eu procuro e depois trago para vocês quantas vezes já aconteceu (inaudível)

Várias Vozes

Professora: ninguém sabe tudo, ninguém! O O Andreina Andreina Andreina, ninguém sabe tudo, só que eu me admirei que ela não sabia isso (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:44)

Professora: Ô pessoal eu só contei isso para vocês ficarem sabendo que vocês estão sabendo legal, que isso ai é importante que é legal, (inaudível) ô se não fosse importante por exemplo agora ontem quando ela foi ler, é, ela deveria saber aquilo ali né?! Poderia saber aquilo ali, e vocês já estão vamos dizer nisso ai vocês já sabem mais do que ela, ela deve saber outras coisas mas essa parte ela desaprendeu (inaudível)

Turma: estamos melhor do que ela

Várias Vozes

Professora: Tá, vamos lá gente, aqui ó

Várias Vozes

Professora: o que que é decomposição?

Várias vozes (turma) – (trecho de 0:09)

Professora: Ah porque o teu irmão aprendeu advinha com quem?

Silêncio: “1seg”

Turma: Contigo.

Professora: Comigo!

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: Olha aqui

Várias Vozes

Professora: Como é que é o nome desse quadro aqui?

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:08)

Professora: Gente, decomposição nada mais é do que colocar dentro desse quadro, olha aqui, por exemplo, o dois o que que é, ele é dezena ou ele é unidade?

Turma: unidade

Turma: unidade

Turma: unidade

Professora: unidade

Turma: eu sei como é

Professora: o quatro é o que?

Turma: dezena

Professora: dezena

Turma: e centena

Professora: e centena, ou seja, quantas centenas tem esse número?

Turma: um

Turma: um

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:12)

Professora: Quantas dezenas?

Turma: Quatro

Turma: Quatro

Professora: Quatro dezenas

Várias Vozes

Turma: e duas unidade

Professora: e duas

Turma: unidade

Várias Vozes

Professora: De tão fácil vocês estão errando, uni

Turma: dade de de

Professora: unida-de ou unida-des?

Turma: unida-de

Turma: de

Professora: Porque é unida-de?

Turma: porque a unidade é só uma

Turma: ela não é uma ela é duas

Professora: é mais do que uma, muito bem!

Várias Vozes

Professora: está certo! E aqui gente?

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:07)

Turma: o cem está na unidade

Professora: o cem está na unidade gente?

Turma: Não na centena

Professora: Ah tá, o cem está na centena

Turma: e o seis está na unidade

Professora: o seis

Várias Vozes

Professora: é o três na dezena

Várias Vozes

Professora: e o seis?

Turma: na unidade

Turma: unidade

Turma: unidade

Turma: o seis estava lá na centena

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:09)

Professora: Bom! **Virados aqui para** o quadro

Várias Vozes

Professora: Quantas centenas? Gurias, Éllen e Andreina

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: Quantas centenas tem que ter aqui?

Turma: seis

Turma: *aham*

Turma: seis

Turma: seis

Professora: O que eu coloco aqui no quadro **em cima?**

Turma: dezena

Turma: cem

Várias Vozes

Professora: Cem o que?

Turma: centena

Turma: centena

Professora: Centena

Várias Vozes

Professora: dezena

Várias Vozes

Professora: três dezenas

Turma: e seis unidade

Turma: unida-de

Professora: e, "1seg" cem

Professora: u-ni **Turma:** u-ni

Turma: dade

Professora: da **Turma:** da

Professora: de

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:10)

Professora: unidade, pronto.

Turma: tem que escrever?

Professora: Tem! Tem que escrever, manda a preguiça para o lado e fazer bonitinho.

Várias Vozes

Professora: (inaudível) o número, como é que é?

Turma: (inaudível) o quatro sora (inaudível)

Professora: quatro o que?

Turma: na dezena?!

Professora: na dezena gente?!

Turma: centena

Professora: Qual é? Em que casa está o quatro?

Várias Vozes

Turma: na unidade

Turma: dezena

Professora: na cen...?

Turma: na centena

Turma: centena

Professora: Na centena. Da onde que a gente começa contar?

Turma: do oito

Professora: é

Turma: na unidade

Professora: ó se eu estivesse de costas para vocês é da direita para...?

Turma: cá

Professora: esquerda

Turma: esquerda

Professora: ó da direita para a esquerda

Várias Vozes

Professora: ó a gente começa contar daqui para cá ó

Turma: ééé

Professora: então, de cá para lá é a primeira ou a segunda?

Turma: unidade

Turma: unidade

Turma: primeira

Turma: primeira

Turma: primeira

Professora: é a primeira essa aqui é a...?

Turma: segunda

Professora: segunda casa, e essa aqui?

Turma: a terceira

Professora: a terceira casa.

Várias Vozes

Professora: então na hora de escrever a gente começa pela...?

Turma: terceira **Professora:** terceira

Professora: casa, que casa é a terceira casa Andreina?

Turma: aham?

Várias Vozes

Professora: Qual é a terceira casa?

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 1:56)

- A turma fala entre si; (prevalece)
- A professora conversa com um aluno;
- A professora chama a atenção de um aluno sobre chamar alguém de gordo ou de magro.

Professora: Bom gente olha aqui!

Várias Vozes

Professora: Voltando aqui!

Várias Vozes

Professora: Voltando aqui!

Várias Vozes

Professora: Voltando aqui!

Várias Vozes

Professora: Quantas dezenas?

Várias Vozes

Turma: duas

Turma: duas

Professora: duas?!

Turma: quatro

Turma: quatro

Turma: quatro

Turma: quatro

Professora: quatro centenas

Várias Vozes

Turma: cinco

Turma: dezenas

Professora: cinco dezenas, quem é que está conversando?

Turma: e duas unidades

Várias Vozes

Professora: e

Várias Vozes

Professora: duas

Várias Vozes

Professora: *ai ai ai* está de mais!

Várias Vozes

Professora: Wesley tu vai gritar junto comigo?

Várias Vozes

Professora: *Hein* Wesley?!

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:39)

Professora: Tá pessoal?!

Várias Vozes

Professora: Que número é esse aqui? Leiam esse número para mim, Anderson.

Turma: duzentos não

Turma: quinhentos

Turma: quinhentos e seis

Turma: e seis

Turma: quinhentos e seis

Professora: quinhentos e seis

Turma: quinhentos e seis

Turma: eu não acertei o primeiro número

Professora: Quantas centenas tem esse número?

(Várias vozes-turma): Cinco

Professora: Cinco centenas.

Turma: Zero dezenas

Professora: zero dezenas

Várias Vozes

Turma: e seis dezenas

Turma: e seis unidades

Professora: e seis o que gente?

(Várias vozes-turma): unidades

Professora: u-ni

Várias Vozes

Professora: da-de

Turma: (inaudível) unidade né pro?!

Professora: Claro a terceira casa é unidade

Várias Vozes

Professora: Bom, e aqui gente?

Turma: Cinquenta

Professora: Cinquenta

Várias Vozes

Professora: O que que eu vou colocar aqui?

Turma: cinquenta

Turma: o cinco

Turma: na dezena e o zero na unidade

Professora: ó eu posso só colocar aqui ó, cinco, dezena

Turma: e zero unidade

Professora: não preciso colocar, deze-na

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: aqui porque ele fica no meio ó

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: mas também poderia colocar **dezena e unidade** porque não tem nada de dezena mesmo

Várias Vozes

Professora: Aie mas quem é que está conversando?

Várias Vozes

Turma: É muito fácil!

Professora: Muito fácil!

Várias Vozes

Professora: E aqui gente esse número difícil aqui que número é esse?

(Várias vozes-turma): oito

Professora: O que que eu tiro dele?

Turma: oito dezenas

Turma: unidade

Turma: dezena

Turma: dezena

Turma: unidade

Professora: *iii*

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:18)

Professora: Vai aqui?

(Várias vozes-turma): Vai uma parte da turma disse “vai”

(Várias vozes-turma): Não uma parte da turma disse “não”

Professora: Vai aqui?

(Várias vozes-turma): Não

Várias Vozes

Turma: dezena

Turma: dezena

Professora: Vai aqui?

Turma: dezena

Turma: unidade

Professora: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Tá, então vamos escutar aqui vamos olhar todo mundo aqui para cá, é que nem aquela história da (inaudível) a gente sempre sabe (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:02)

Professora: Olhem aqui a questão da matemática, se eu colocar, quem é que acha que é uma centena? Levanta o braço.

Silêncio “2seg”

Professora: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Quem acha, espera ai, deixa eles acharem também, eles tem direito, se eu colocar o oito aqui ó, olhem para mim, se eu colocar o oito para qual o que que eu tenho que preencher com que número eu preencho?

(Várias vozes-turma): (inaudível)

Turma: com o zero

Professora: o zero, ó eu preencho com o zero, ai que número é esse?

Turma: Oitocentos

Professora: oitocentos, eu coloquei o oitocentos ali?

(Várias vozes-turma): Não

Professora: Que número é aquele?

(Várias vozes-turma): Oito

Várias Vozes

Professora: então essa aqui matou essa aqui essa aqui não deu

Turma: não

Professora: se vocês colocarem aqui, as outras duas casas vocês vão ter que preencher com algum número

Várias Vozes

Professora: o número que se preenche

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:06)

Professora: Tá, agora eu quero saber quem é que diz que ela é uma dezena? Levanta o dedo.

Turma: Eu

Professora: Tá, coloquei o oito na dezena

Turma: Tá

Professora: o que que eu tenho que preencher aqui? Com que número?

Turma: com zero

Turma: zero

Professora: com zero que número é esse?

Turma: oitenta

Professora: oitenta, é oitenta que está escrito ali?

Turma: Não

Turma: Não

Várias Vozes

Professora: Então ele está na casa da?

Turma: unidade

Várias Vozes

Turma: unidade

Professora: u-ni-da-de, é só uma casa gente

Turma: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Todo mundo entendeu porque que ele está na casa da unidade?

Turma: Sim

Várias Vozes

Professora: *Hem?!*

Várias Vozes

Professora: Não a única que gritava muito era a Andreina a primeira a gritar que era unidade unidade foi a Andreina.

Turma: Eu gritava (inaudível)

Professora: Depois tu começou a gritar mas primeiro foi a Andreina

Turma: o oito

Várias Vozes

Professora: Oito o que gente?

Turma: Unidade

Professora: u-ni-da

Turma: de

Turma: dezena

Turma: de-ze-na?!

Professora: (inaudível) Muito bem!

Turma: (inaudível)

Professora: Agora falta o que? As continhas?! Ontem a Isabela pegou o meu caderno e foi fazer as continhas de vocês.

Turma: Quem?

Professora: A minha filha pequena

Turma: A Isabella Nardoni?!

Professora: (inaudível)

Turma: *Risos*

Várias Vozes

Turma: **essa menina** é malvada

Professora: Mas a menina não é malvada gente, mataram a menina

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 1:46)

Professora: Tá olha aqui ó

Várias Vozes

Professora: É para copiar.

Várias Vozes

Turma: Posso ir no banheiro?

Professora: Pode! Boquinha de siri agora

Várias Vozes

Professora: Sentadinhas copiando (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:35)

Professora: aaaa olha aqui Natã, boquinha fechada (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:12)

Professora: Olha aqui pessoal! Não, se é para bagunça (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:12)

Professora: Espera só um pouquinho

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: vamos (inaudível) já corrigiu que tinha

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: agora depois nós temos ainda que copiar *aham* copiar nada, corrigir tudo isso aqui

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 2:00)

- *Os alunos falam ao mesmo tempo com a professora;*

- *A professora chama a atenção de vários alunos, para parar de conversar e para copiar a matéria;*

Professora: Outra coisa

Várias Vozes

Professora: a Jú lembrou “1seg” a Jú lembrou, que nós havíamos falado que a partir daquele momento quem tivesse falando ia ficar aqui dentro, gente ou vocês vão acalmar ou eu não dou aula no meio dessa esculhambação, a gente conversa a gente brinca mas na hora de virar para o quadro e escrever copiar nós vamos copiar, tá?!

Várias Vozes

Professora: isso

Várias Vozes

Professora: Tá

Várias Vozes

Professora: Olha aqui ó gente

Várias Vozes

Professora: componha um número, se decompor é agru, *ah* mas eu não acredito

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: pára um pouco Valdecir “4seg” olha aqui ó decompor é assim, e compor como é que será?

Turma: Juntar os números.

Professora: Juntar, muito bem! Se decompor é assim compor é, juntar.

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: Guris Miguel chega!

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:15)

Professora: Que caderno é gente?

Turma: Português

Várias Vozes

Turma: Matemática

Várias Vozes

Professora: Mate. *Ah* não Valdecir por favor

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: Vamos lá Igor o que que houve?

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:12)

Professora: Valdecir chega! Guris aqui dessa mesa chega

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:26)

Professora: Gente não deixem de copiar se não vocês vão se atrasar.

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:04)

Turma: Sora hoje é vinte é nove?

Várias Vozes

Turma: Professora! Hoje é vinte e nove?

Professora: (inaudível) a data Valdecir por favor!

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 1:07)

Professora: Se vocês quiserem espaçinho aqui do lado para compor o número

Várias Vozes

Professora: O Miguel o, chega! O Wesley, prestou atenção no que eu disse o que eu disse?

Várias Vozes

Turma: Mas o Miguel está falando

Professora: Mas não é no Miguel que tu tinha que prestar a atenção

Várias Vozes

Professora: Gente aqui do lado se vocês quiserem, olhem para mim todo mundo.

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: Se vocês tiverem um espaçinho na linha de vocês para compor um número, vocês deixem se não deixem uma linha em branco, tá bom?!

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 1:10)

- A turma fala entre si; (prevalece)
- A professora chama a atenção de vários alunos;
- A professora briga com um aluno; (Não deu para entender o porque!)
- A professora cobra os alunos para copiar a matéria.

Professora: E tu Wesley estás aonde?

Turma: (inaudível)

Silêncio: “4seg”

Turma: O Sora, olha.

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 4:07)

- A turma fala entre si; (prevalece)
- A professora chama a atenção de vários alunos;
- A professora explica para um aluno como ele deve copiar o exercício no seu caderno;
- A professora fala com vários alunos e explica a matéria;
- A professora precisa sair rapidamente da sala, e pede para que os

alunos sigam copiando.

Professora: Gente ninguém nunca teve dor de barriga?

(Várias vozes-turma): Eu

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:12)

Professora: Olha aqui chegou gente, tem coisa para fazer vamos fazer.

Várias Vozes

Professora: Completar! Copiar é uma coisa completar é outra.

Várias Vozes

Professora: Olha aqui ó o Igor está com dor de cabeça, vocês parem de gritar **do meu lado**

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:34)

Professora: *psiu psiu* Alexandre!

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: Gente pára de brincar

Várias Vozes *murmurinhos*

Turma: Eu estou com dor de dente

Professora: *Ai ai* e eu estou com dor no nariz

Turma: *Risos*

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:27)

Professora: Éllen pára de brincar e começa fazer.

Vária Vozes

Professora: Éllen tu não começou ainda?!

Várias Vozes

Professora: Tu não está fazendo nada (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Gente eu vou apagar o quadro aqui.

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:07)

Professora: O que que era Jú?!

Várias Vozes

Turma: Eu já terminei de copiar.

Professora: Tá então faz amor tá?!

Várias Vozes

Professora: Olha aqui outra coisa

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:08)

Professora: Gente!

Várias Vozes

Professora: *ah* mas tá difícil *hem* guris.

Várias Vozes

Professora: Hoje tá difícil.

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 1:00)

Professora: Olha aqui ó

Várias Vozes

Professora: a colega aqui já terminou primeiro (inaudível) vocês já fizeram tudo isso?

Várias Vozes

Professora: *Ah* que bom!

Turma: O sora (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Deu tempo para tudo isso né?! Como a gente quer o tempo

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 1:41)

Professora: Mas olha aqui ó, a unidade aonde é a unidade?

Várias Vozes

Professora: tem a a terceira casa

Várias Vozes

Professora: a segunda casa

Turma: a terceira

Professora: e a primeira casa, a unidade fica aonde?

Várias Vozes

Turma: na terceira

Várias Vozes

Turma: segunda

Turma: terceira

Várias Vozes

Turma: na terceira

Várias Vozes

Professora: Pessoal todo mundo olha para mim aqui ó, isso aqui é muito importante, guris ai na mesa

Turma: (inaudível)

Várias Vozes

Turma: três dezenas

Turma: (inaudível)

Professora: Olha aqui chega o Natã presta a atenção aqui, não todo mundo pára de escrever e olha para mim aqui, eu quero saber daqui ó aonde fala em compor, componhor é o quê?

Turma: (inaudível)

Professora: Quando eu componho alguma coisa, o que que é compor? Por exemplo aqueles trabalhos de artes lá que vocês fizeram

Turma: (inaudível)

Professora: a professora não disse para vocês que é uma composição?

Turma: Não

Turma: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Não, Anderson, só um pouquinho

Várias Vozes

Professora: Miguel, Wesley eu vou tirar vocês os dois daí

Várias Vozes

Professora: Eu vou colocar um em cada lado separado

Turma: o pro olha aqui a Éllen

Turma: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Tá?!

Várias Vozes

Professora: porque vocês não estão parando (inaudível)

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:07)

Professora: Todo mundo larga o lápis e olha para mim aqui

Várias Vozes

Professora: largem o lápis e olhem para mim

Várias Vozes

Professora: Marinês isso é para ti também.

Turma: pro

Professora: (inaudível)

Turma: (inaudível)

Professora: Obrigada.

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: Olha aqui, gente “2seg” quando eu falo em decompor é o quê?

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: decompor?

Turma: separar

Professora: Eu não separei?! Muito bem! Não foi separado?

(Várias vozes-turma): Foi

Professora: e compor?

Turma: juntar

Professora: juntar formar né?! Ali foi uma composição a (inaudível) que vocês fizeram, através de vários recortes de de papel “1seg” formaram um desenho, né?! “1seg” Bom a mesma coisa, é aqui, Éllen, tu não é diferente dos outros, quando eu digo todo mundo prestando atenção é todo mundo

Silêncio: “2seg”

Turma: Qualquer pessoa

Professora: tá?!

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: Gente, nós temos três faces quais são as faces, Anderson!

Várias Vozes

Professora: Ai vocês vão me cansar assim eu tendo que chamar um por um

Várias Vozes

Turma: unidade, dezena e centena

Várias Vozes

Professora: Ó! Unidade, dezena e centena, então assim que a gente, unida

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: unidade

Professora: dezena e centena **Turma:** dezena e centena

Professora: começa sempre pela a unidade

Turma: (inaudível)

Professora: Qual é a primeira casa?

(Várias vozes-turma): Unidade

Turma: (inaudível)

Várias Vozes

Professora: Qual é a primeira casa?

Turma: centena

Turma: unidade

Turma: centena

Várias Vozes

Professora: Se eu disse que começa por unidade qual é a primeira casa?

(Várias vozes-turma): Unidade

Professora: Unidade gente! E a segunda casa?

(Várias vozes-turma): Dezena

Professora: A terceira casa?

(Várias vozes-turma): Centena

Professora: Se eu colocar primeiro assim, quatro dezenas, quatro dezenas, *aham* cinco unidades e, uma centena, que número é esse?

Turma: (inaudível)

Professora: não agora primeiro (inaudível)

Turma: quatrocentos e quarenta

Turma: quatrocentos e cinquenta e um

Professora: NÃO! Qual é a primeira casa?

Turma: quatrocentos

Turma: *aham* é o quatro é o cinco

Professora: Qual é a primeira casa?

Várias Vozes

Professora: **Tem que ver** o nome da casa, como é o nome?

Turma: unidade

Professora: Unidade. Qual quanto tem na unidade?

Turma: Três

Turma: Um

Turma: Um

Professora: Quanto tem na unidade?

Turma: Um

Turma: *Hum*

Turma: Dois

Turma: Cinco

Turma: Cinco

Professora: Cinco. Quanto tem na dezena?

Turma: Seis

Turma: Quatro

Turma: Quatro

Turma: (inaudível)

Professora: Olha aqui (inaudível)

Silêncio: “2seg”

Professora: Quatro. E quanto tem na centena?

Turma: Um

Turma: Um

Professora: Que número é esse?

(Várias vozes-turma): Cento e quarenta e cinco

Turma: Isso é muito fácil!

Professora: Viu?! É muito fácil mas vocês não estão prestando a atenção o suficiente e não sabiam fazer, se eu misturasse a dezena unidade, não interessa, a primeira casa é a u

Turma: nidade

Turma: unidade

Professora: Wesley presta a atenção, depois tu não sabe.

Várias Vozes murmurinhos

Professora: Valdecir presta a atenção, se eu colocar, por exemplo, eu coloquei escrito aqui ó cinco unidades três dezenas e três centenas que número é esse?

Silêncio: “1seg”

Professora: Que número é esse gente? Gurias!

Silêncio: “4seg”

Professora: Que número é esse? Cinco unidades três dezenas e três centenas

Turma: quinhentos e trinta e seis

Professora: Não! Errado (inaudível) (inaudível) sem prestar a atenção os outros não estão prestando atenção também “1seg”, não estão prestando a atenção é muito fácil para quem presta a atenção

Várias Vozes murmurinhos

Professora: O que que eu falei? Que casa é essa aqui?

Turma: quinhentos e trinta e três sora

(Várias vozes-turma): Unidade

Professora: Unidade. Aonde vai a unidade?

Várias Vozes murmurinhos

Professora: É a primeira a segunda ou a terceira casa?

Turma: primeira

Turma: primeira

Professora: Primeira casa. Então aonde é que vai o cinco?

Turma: na unidade

Turma: unidade

Professora: O cinco, tá e aí quantas dezenas tem?

Turma: três

Professora: Três dezenas. Presta a atenção Ellen invés de de dizer qualquer número que vem aí

Turma: três dezenas

Várias Vozes

Professora: e três centenas que número é esse?

Turma: trezentos

Turma: trezentos

(Várias vozes-turma): trezentos e trinta e cinco

Professora: Gente vocês não podem comparar essa unidade

Várias Vozes

Professora: Todo mundo escutando aqui “1seg e meio” não importa que eu coloque vinte unidade aqui ali isso é pega ratão a gente chama, sabe?! Nas provas que a gente vai fazer concurso tem muitas dessas questões assim ó que é para complicar mesmo vocês tem que usar é a cabeça, para que a gente nós estamos na escola?

Várias Vozes

Turma: para aprender

Professora: Para aprender mas para...?

Turma: para brincar

Turma: usar a cabeça

Professora: E usando a cabeça a gente está fazendo o quê?

Turma: Estudando?! Não!

Turma: Risos

Professora: Ah tá muito engraçado!

Várias Vozes

Professora: Muito engraçado, eu acho que aqui estão usando boné. Tem muita gente que não está usando a cabeça aqui porque?! Porque estão brincando e conversando

Várias Vozes

Professora: Guris

Várias Vozes

Professora: Chega! Se controlem gente

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: É bom conversar mas tem momentos para conversa e momentos para prestar a atenção gente isso aqui é muito importante, quer dizer se eu colocar unidade aqui vocês vão ler o número assim ó que nem *aham* papagaio, porque o papagaio ele não pensa

Turma: Não

Professora: Né?! Ele não pensa vocês estão aqui aprendendo a pensar, mas vocês não são papagaio

Turma: (inaudível)

Professora: vocês pensam, então, mesmo que eu coloque a unidade aqui ou aqui ou aqui o que importa é que vocês sabem que a ordem é essa, unidade fica aqui

Turma: trezentos e trinta e cinco

Professora: só um pouquinho (inaudível) **agora eu vou perguntar**

Turma: (inaudível)

Professora: olha aqui ó unidade sempre vai ser a primeira casa, dezena sempre a...?

Turma: segunda

Professora: e centena?

Turma: a terceira

Turma: terceira

Professora: terceira, então como é que vocês vão simplesmente colocar de qualquer jeito, leiam aqui quinhentos e trinta e três não é aqui é cinco unidades como é que vai ser quinhentos

Turma: é para copiar?

Professora: esse aqui é o último número

Turma: é

Professora: é que eu embarulhei é que eu deixei embaralhado

Várias Vozes *murmurinhos*

Professora: tá?! É que é para vocês o que usarem o quê?

(Várias vozes-turma): cabeça

Professora: ou seja para vocês pensarem, para vocês pensarem, porque eu acredito que vocês tenham essa condição

Turma: (inaudível)

Professora: sabe?! Porque são crianças inteligentes e capazes

Turma: (inaudível)

Professora: Liane pára de brincar

Turma: Acabei sora!

Várias Vozes

Professora: Terminem de fazer isso aqui que eu quero corrigir

Várias Vozes

Turma: Vai corrigir no quadro sora?

Professora: Vou corrigir no quadro mas vou olhar no caderno não sai para a educação física **se eu não tiver visto**

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 0:30)

Professora: Como é que se compõe (inaudível) vai usar a cabeça, cadê a cabeça a cabeça não é só para toquinha

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 4:25)

- *A turma fala entre si; (prevalece)*
- *A professora chama a atenção de vários alunos;*
- *Alguns alunos falam que querem merendar;*
- *A turma ri bastante;*
- *A professora explica a matéria para um aluno.*

Professora: Gente eu disse que era para conversar ou eu disse que era para fazer?

Turma: É para fazer.

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 3:20)

- *A turma fala entre si; (prevalece)*
- *A professora chama a atenção de alguns alunos;*
- *Alguns alunos vão mostrar o caderno para a professora;*
- *A professora explica a matéria para um aluno;*
- *A professora parece não estar em aula;*
- *Uma aluna se dispõe a ajudar uma colega.*

Turma: Assim ó, unidade cinco unidade (inaudível) cinco unidade e três mais três vai ficar trinta e três "1seg e meio" entendeu?!

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 5:01)

- *Parece ter poucos alunos na sala de aula;*
- *Os alunos lêem a tarefa, contam e calculam várias vezes para achar o resultado resolvendo a tarefa;*
- *A turma faz os exercícios, estão fazendo em grupos, estão achando resultados e discutindo;*
- *A professora parece voltar para a aula;*
- *A turma conta para a professora que eles estavam fazendo os exercícios e a professora fica bem contente;*
- *A turma fala muito; (prevalece)*

Turma: Quatro tira quatro

Turma: (inaudível)

Professora: Dois tira quatro

Várias Vozes

Professora: Ó e um fica valendo de...?

Várias vozes (turma e professora) – (trecho de 4:25) 01:29:48 01:33:09

- *A turma fala entre si; (prevalece)*
- *A professora chama a atenção de alguns alunos;*
- *Alguns alunos vão mostrar o caderno para a professora;*
- *A professora explica a matéria para um aluno;*
 - *Chega outra professora e dá um recado para a turma que fica eufórica;*
- *As crianças parecem estar saindo da sala;*
 - *A professora visitante chega na sala e alguns alunos vão falar com ela.*

ANEXO E – Transcrição da entrevista com a professora Ivoni

Professora Ivoni titular da 2ª série do ensino fundamental – 17-06-09

Pesquisadora – Quanto ao teu trabalho docente, que tipo de aulas tu enxergas?

Ivoni: Eu não vou te dizer que é Construtivismo ou outro nome qualquer. Eu utilizo da forma que eu acho necessário, da forma que a criança vá entendendo, da forma que eles aprendem eu procuro mostrar uma forma melhor de eles entenderem. Por exemplo, na aula de Português ensinar uma forma melhor de dicção.

Pesquisadora: Abre a boca, fecha a boca, para eles entenderem?

Ivoni: Sim, a forma para eles entenderem como é a escrita, porque no português muita coisa tem regra, muita coisa não tem. Assim, a bendita decoreba numa 2ª série é pedir demais sem que elas realmente entendam. E eu não acredito em ensinar sem que eles entendam o porquê. Então, muitas das vezes aconteceu de eu colocar tá faltando o quê? Um ponto final, uma vírgula, o que quer dizer? Porque quando eu ensinei pontuação lá atrás, exclamação, interrogação, nhã, nhã, nhã... não queria dizer que vocês só soubessem o ponto, eu queria que vocês empregassem o ponto, porque na verdade nós aprendemos a escrever quando estamos fazendo estas aulas. Eu procuro fazer eles compreenderem este tipo de coisa. Acabo tratando eles até de uma forma um pouco mais séria e tal. Assim, um estilo só eu não uso, eu uso a necessidade, a forma que eu acho mais viável de eles aprenderem naquele momento aquele tipo de conteúdo.

Pesquisadora: Tu gostas de que eles conversem nas tuas aulas?

Ivoni: Minha aula é muito barulhenta, tanto que quem não tá por dentro do que eu pretendo, diz que é uma esculhambação. Eu acho importante sim, porque como sempre te disse, eu sou vygotskyana sim, eu acredito muito nos conceitos que o Vygotsky passou pra nós, e acho que aquela questão do copiar...

Pesquisadora: O importante é a interação?

Ivoni: A interação é... e ele fala no copiar, que a gente tem de ter uma matriz e essa questão não é um copiar de cópia. Não é fazer, imprimir igual. Não é um carimbar, é a partir daquele conhecimento do outro, tu vais fazer o teu. Um conceito bem amplo, não é restrito que diz pega um carimbo e faz todo mundo igual, aa, bb, não! É que teu b pode ser mais redondo, quadrado, triangular, não sei que forma de b tu vai achar. Pode ser a triangular, quadrado, retangular, mas que todos compreendam este a.

Pesquisadora: Ivoni, me diz uma coisa, uma coisa que eu noto em nós professores, no nosso sistema de ensino por mais que a gente queira que a coisa seja hã, parelha com o aluno. A nossa relação devido ao sistema é meio assimétrica. Por mais que a gente não queira, eu na sala de aula, tu na sala de aula, as gurias na sala de aula, a gente é um maestro e a gente acaba como maestro regendo a orquestra e como a gente acaba regendo esta orquestra, não sei se estou me fazendo entender... às vezes a gente não deixa eles um pouco presos devido a esta

assimetria? Tu és como eu, sei devido a nossas conversas que gostas de que tenhas o diálogo que eles se expressem, mas devido a nossa figura, por mais que a gente tente se aproximar do aluno, é a professora com nossa linguagem de professora, nossa linguagem familiar, com a nossa linguagem universitária, e são os alunos ali com aquele jeitinho deles, com os familiares deles, a turma de alunos. Esta assimetria não torna difícil o diálogo dos alunos com a gente? Não sei se tu notas? A gente pergunta muito, nós professores.

Ivoni: É verdade, é para instigar, porque eles na verdade estão habituados com aulas caladas, quietas, com professoras mais sérias, mais secas, sisudas, seja lá como for. Então, na medida que entra uma professora um tanto quanto maluca, que quer que eles sejam críticos, tenham sua opinião, que eles saibam interpretar muito além que aquilo copiado do papel, aquela resposta. Tentar realmente fazer com que eles entendam o que existe entre linhas, que não é a palavra gelada, que aquilo ali tem sentimento e tudo o mais e todas as disciplinas pode ser na gramática, igual à questão da boca, o formato da boca, a forma que fala, para eles sentirem que as coisas têm mais vida, do que parece, do que está estampado no papel. A questão quando eu falo lá, uma coisa nada a vê. Uma coisa que eu gosto de fazer por exemplo, português, matemática, geografia, história, pra mim tá tudo muito ligado. Eu gosto muito de ensinar português e Estudos Sociais, não há problema nenhum. Quando vem lá aquelas datas importantes, a colonização do Brasil, o descobrimento. Eu procuro fazer com que eles abram um leque bem maior. É uma coisa muito louca para uma segunda série. Mas eu acredito no potencial da criança e acredito numa coisa mais importante ainda que é a questão política, do cidadão, formar o cidadão. Eu torno as minhas aulas extremamente políticas, não partidárias. Ninguém sabe o partido que eu tenho em mente, mas uma coisa que eu acho importante é que as crianças com este tipo de formação com o tempo, que eles consigam fazer uma vida melhor, ser um líder, escolher seu líder, de saber opinar. Eu acredito muito nisto que eu falo, na educação, e eu sou bastante utópica, mas ao mesmo tempo eu gosto de ser utópica e eu sei que é bastante difícil e esta entrada do CONAE (Conferência Nacional de Educação) agora para nós, eu fiquei extremamente feliz, pois é excelente para a escola, agora estamos nas prés conferências para toda a escola. Fizemos reunião com os pais, funcionários, professores, direção, imbuídos das coisas todas, colocado sua opinião. E eu acho que é por aí sim, começar dos pequenos, começar da 2ª série, sim por que não da 1ª, porque nos prés também nós fizemos muitas coisas interessantes. Eles não entendiam muito bem o que era Brasil, mas eu procurei tentar mostrar o grande lugar que a gente vivia e com as mãozinhas deles, nós formamos um monte de coisas. Instigava, perguntava, brincava, mas também junto com eles a gente falava um monte de coisas sérias. Para que eles se acostumem com este tipo de coisa e pra que um dia mais adiante vão realmente construindo opiniões bem centradas, estruturadas, para que futuramente a gente tenha realmente um mundo melhor. Não sei se eu respondi à tua pergunta.

Pesquisadora: Não te preocupa. Eu observei uma coisa que eu não sei se tu observaste, que é uma coisa da assimetria na sala de aula. Hã, eu quero que tu observes assim o tamanho da fala da fala da professora nos dados. A professora fala muito. Os alunos têm pouco espaço. Eu fiquei pensando, porque sei que tu deixas eles livres para falarem, se é alguma coisa do meio familiar? Porque sei que esta turma é uma turma complicada para o debate.

Ivoni: É a questão da representação social.

Pesquisadora: Porque por exemplo o nosso prezinho na tua sala, não sei se porque eram menores, eles se manifestavam mais.

Ivoni: Até o que eu quero te dizer, esta representação social que eu falo é a representação social da sala de aula, do professor de óculos na ponta do nariz, com aquela roupa reta, é complicado. É uma coisa que ta instaurada. Quando tu lembras o professor, qual é o que te vem a mente? Aquela mulher de saia justa, casaquinho, uma coisinha na mão, cabelo preso. Então, é uma representação social que nós temos do mundo. Então, por mais que tu faças, que tu dê liberdade, porque eu dou, eu jamais vou ignorar alguém. Eu vou realmente, nem que naquele momento eu não possa, eu peço um tempo, deixa eu terminar porque eu posso me perder, mas aí depois eu pergunto: “fulano, o que tu queres”? Eu vou retomar com ele. Eu acho assim, hã, eu penso que é muito importante escutar o aluno, dar a voz e a vez para ele. Eu procuro fazer isso, mas se o aluno se cala é porque é uma coisa instaurada. Eu sinto no começo, porque eles não estão habituados. Eles vêm de uma primeira série que por mais que seja lúdico a primeira série, ela faz com que os alunos... qual era... vamos começar com as classes na escola. Quando eu entrei, eu senti dificuldade em todos os sentidos.

Pesquisadora: O espaço físico?

Ivoni: Não só o espaço físico, mas as classes eram enfileiradas umas atrás das outras. Só que tem uma coisa, os meus alunos ano passado, eu tive uma mudança, porque como eu te disse, eu sou a Ivoni e tenho muitos estilos. Este ano eu não joguei tanto quanto eu joguei ano passado. Acredito no jogo.

Pesquisadora: No jogo pedagógico?

Ivoni: No jogo pedagógico, mas o jogo por uma série de coisas. Um jogo pedagógico, mas um jogo, porque a criança o que que ela gosta de fazer? Gosta de brincar, né? Então, a forma mais fácil de ela aprender é copiar aquilo que ela tem paixão que é brincar. E as classes eram enfileiradas e eu fazia o quê? Distribuí os alunos de três em três, de dois em dois, de não sei o que, não sei o que mais. Só que eu fui bastante criticada. Tinha que arrumar todas as classes antes de sair. E eu nunca fui de largar as crianças antes do horário. Então, perdia o ônibus, mas a gente dava um jeito. E aí assim, porque eu acho que a atenção para a pessoa é muito importante, e o aluno é uma pessoa.

Pesquisadora: Concordo contigo que a atenção é importante.

Ivoni: Então, ele também tem que ter atenção para falar comigo. E aquela mãe que chegou na hora que eu já era para tar saindo lá no portão, eu vou escutar ela. Alguma coisa ela tem a me dizer, alguma questão ela tem em relação aquele aluno.

Pesquisadora: Quanto aos pais, noto que eles ao contrário dos alunos, falam bastante, todas as agruras. Com a criança é que eu sinto que é... fazer o aluno falar.

Ivoni: No final eu já sinto que eles já tem mais opinião própria, já vem falar. Também pode ser empate, algum caso de insegurança. Porque é difícil com esta visão de professor colocada como aquele que sabe tudo. De repente eles têm de argumentar e eles não sabem argumentar, estão aprendendo. Lá no começo do ano ele ta aprendendo a fazer prova. Na primeira série algumas provas no final do ano. Eles não têm muita ideia. Como dizia o Sarmiento da Escola da Ponte, que ele teve de explicar o que era “cola” para os alunos, pois eles não tinham ideia. Necessitou explicar porque ele teria de ficar na aula vigiando-os enquanto eles faziam a prova e eles não entendiam o motivo, pois se eles tinham de fazer aquilo, era sentar e fazer, eles não precisavam do professor na sala. Sabiam que ele era um homem ocupado, porque ele tinha de ficar na sala esperando eles terminarem um trabalho. Que ele fosse para outra sala fazer o que ele tinha de fazer. Ele necessitou explicar que existe uma coisa que é uma questão de “cola”. Os alunos ficaram apavorados porque em Portugal não tinha “cola”.

Pesquisadora: Não tinha a cultura da “cola”?

Ivoni: Não tem, se não sabe, não faz, deixa em branco. E as crianças a mesma coisa, quando tu não ensinou eles a argumentar, eles não sabem. De repente, eu xingo, não é isso que eu queria. Vai ser difícil eu dizer isso, mas digamos, outra professora, talvez.

Pesquisadora: Talvez tenha dito?

Ivoni: Não se sabe.

Pesquisadora: Ivoni, o tipo de aulas, ahã, estas aqui no caso, as de vinte e sete e vinte e nove de maio. Tu estás contente com elas?

Ivoni: Mari, eu acho que a gente nunca pode ficar contente com ela. Dá alegria em ver a coisa mexida, a coisa realmente... tentar, argumentar com eles. Fazer com que eles falem, prestem atenção. Questões de boca, de caras e bocas, de muitas tentativas, de fazer com que eles realmente aprendam; mas tem um detalhe, se eu sentar e disser eu estou contente com o meu trabalho e deu. Não, isso aí, não é pronto. Isso aí cada dia, cada turma, cada nova turma, novos alunos vão ter outras dificuldades, não vão ser essas aulas, vão ser outras coisas. Eu vou aprender mais, eu vou procurar passar de forma diferente e melhorar cada vez mais meu trabalho. Não tô contente, não. Nunca vou tar contente.

Pesquisadora: Se nem sempre tu estás contente, o que farias tu ficares contente com o desenrolar das aulas?

Ivoni: Eu sentir que as crianças estão realmente aproveitando. Estão adquirido conhecimento, não só conhecimento, mas que elas saibam argumentar. Saibam desinibir, tirar o eu de dentro de cada um. É uma coisa maior sim, é uma coisa de cidadão, é uma questão política. Mas política no mais amplo sentido, a coisa mais pura, política de cidadão, de construção de gente, que tem sentimento, que erra sim, todo mundo erra, acerta também, claro, e que sabe se posicionar na vida. E que saiba neste mundão lá, temos de catar lixo, temos de pedir, pedir agasalho. Não sabemos que temos de cuidar o material, porque não damos o devido valor, a escola

não se dá valor. Porque a sociedade não está valorizando a escola, não está valorizando a nós, profissionais da educação. Não só financeiro, com plano de carreira, etc.

Pesquisadora: Carga horária elevada?

9

Pesquisadora: Quantos anos ele foi teu aluno?

Ivoni: Três anos, entre tapas e beijos, mas eu gosto muito dele. Só que tinha hora que tinha que ter a questão do limite, sim. Embora a questão da conversa, tinha a questão do limite na minha sala, da minha forma, da minha visão de limite, mas tem. Não é esculhambação total e todo mundo pode tudo, não.

Pesquisadora: Por que que a aula é desenvolvida desta forma? Aí é observação minha. Que tem muitas palavras e muita pergunta e resposta. Eu não sei se tu te deste conta disto. Eu só me dei conta na gravação, perdão, na transcrição.

Ivoni: Eu acredito que eu quero que eles me perguntem. E o aluno, eles têm, esta questão, eles têm medo de perguntar, por causa do erro. Tipo de medo que nós adultos temos. Nós vamos a uma palestra, vamos à faculdade e a gente fica calada.

Pesquisadora: É mais fácil responder em coro. É mais fácil responder na multidão.

Ivoni: É essa a questão sim, de fazer eles terem mais oralidade, de argumentar, de fazer com que eles...

Pesquisadora: Se a tua aula não fosse desenvolvida desta forma, como é que tu gostarias de desenvolvê-la? Ou tu desenvolverias exatamente assim?

Ivoni: Não, como eu já te respondi, cada turma, cada clientela tem uma forma, cada conteúdo tem uma forma de desenvolver. De repente, matemática, eu adoro jogos, né? Mas estudos sociais eu gosto de mostrar coisas também. Hoje de posse de tecnologia maior do que eu tinha antes, eu levaria assim, notebook para a aula. Uma professora da nossa escola estes dias trabalhou com Datashow.

Pesquisadora: O que ela trabalhou?

Ivoni: Ah, acho que foi sobre a Terra. Até o final da minha gestão eu queria comprar um Datashow para nossa escola.

Pesquisadora: Os planetas?

Ivoni: Não, a questão de situar. Lembra que eu fiz aqueles cartazes enormes do Gotão? Que eu contei tudo através de histórias, marionetes, bonecos de mão, e tinha o personagem Gotão

Pesquisadora: Hã, hã.

Ivoni: para contar sobre a água. Antes de contar sobre a água é o estilo de aula que eu dou. Eu não parto para um conteúdo sem contextualizar este conteúdo. Não consigo, isso aí, realmente não vou mudar. Independente da forma que eu vou colocar a aula. Tem a questão assim, sem o piso, sem o alicerce, a gente não faz uma casa. Então, eu comecei lá situando a criança nos mapas. Falando de água nos mapas. Então, falando que nós estamos lá, que nós moramos lá na Vila Tal, dentro de Pelotas, que ta dentro do Rio Grande do Sul, do Brasil, do planeta. Sem falar que o planeta tem sete partes de água e três de, de, terra. E no corpo humano, sete partes de água e três de massa. Então, na verdade é uma grande história. Na verdade eu sou uma contadora de histórias.

Pesquisadora: Contadora de histórias, isso é muito bom!

Ivoni: É!

Pesquisadora: Para o professor é muito bom, ter esta qualidade.

Ivoni: Inventei uma coisa que eu nunca tinha contado para ninguém, porque na verdade eu amo contar histórias.

Pesquisadora: Como é que tu te vêes na sala de aula? Como tu vêes o teu papel nesta sala naquela 2ª série do ano passado? Como era teu papel?

Ivoni: É, é.

Pesquisadora: É meio complicado.

Ivoni: É bem a questão da mediação, sim.

Pesquisadora: Achei que tu fosse dizer isso.

Ivoni: Por isso, eu instigo, eu trago a proposta, mas uma vez eu me vi dando aula, de um texto, não me lembro mais qual, faz muitos anos, foi em Santa Catarina, e terminamos em Napoleão Bonaparte, que não tinha nada a ver com o contexto. Quer dizer, no final teve, mas esta questão assim, ele foi falando, eram histórias realmente, Estudos Sociais. Ah, lembrei, era a questão da Família Real. Mas eu acho que foi também esta questão que eu acho importante. De repente, foi a colonização do Brasil e que no final, por que que o Brasil se desenvolveu e chegou a isso? O Rei achou mais fácil correr, vir para cá.

Pesquisadora: Que série?

Ivoni: 3ª, eu acho.

Pesquisadora: Aqueles eram mais falantes?

Ivoni: Ah, sem dúvida, eram. Porque em Santa Catarina esta questão é muito forte. Quer dizer, hoje eu não sei.

Pesquisadora: O meio, o meio influi, uma família que dialoga?

Ivoni: Não, uma escola preocupada.

Pesquisadora: Mas os familiares também já não eram mais preocupados?

Ivoni: Não, nem tanto. Acho que também porque Santa Catarina é o estado mais evoluído hoje do Brasil. Assim, ele tem 1% de crianças fora da escola. Saiu uma estatística ontem na Zero Hora, enquanto nós, vinte e sete ou vinte e três, se não me engano. Mas seiscentas não sei quantas mil crianças fora da escola. Aí nós temos um problema grande que é a questão das drogas, de desestruturação familiar, da gravidez precoce. Cento e quarenta e um mil crianças com deficiência e sem condições de chegar na escola. A questão do transporte. Tem sete coisas básicas. Lá as pessoas pensam mais, porque quando nós terminamos o Magistério, nós vamos, antes de terminar, nós chegamos até na Brigada Militar. Nós vamos aprender pra que serve a Brigada Militar. Questão de valores, né? E tudo que eles nos fazem, fazem uma palestra para nós, a respeito do nosso serviço e o serviço de todo cidadão. É uma questão cultural, então a escola é vista de outra forma.

Pesquisadora: E as crianças falam?

Ivoni: Falam, argumentam mais, elas são mais estimuladas também. Essa questão da representação social.

Pesquisadora: É, é difícil, dependendo a representação social da criança, o professor tenta e não consegue fazer uma aula dialógica.

Ivoni: A importância da escola e a questão do perfil do professor, e a questão do professor, realmente é muito complicado.

Pesquisadora: Às vezes o professor tenta e não consegue?

Ivoni: Mas eu acho que tu consegue, não que tu vá plantar uma semente uma vez e queira colher frutos. Tem que fazer isso todos os dias. De repente em algum dado momento... de repente também eu acho uma aula importante o vovô e a vovó para dar o acento circunflexo. Mas também aquilo pra eles é um saco. Não tem nada a ver com aquilo que eles gostariam. E aí quando eu tiver dando lá frações em terceira série, e tiver um dominó de frações ou estiver dando contas através do jogo de víspera, ou tiver fazendo aquela outra forma, que eu coloquei pra terceira série, a questão do dinheiro, da cédula, do papel moeda, lá desde o começo, dos primórdios. Como eram feitas as trocas e mais não sei o que, não sei aquilo. Que aí eu fiz estes grupos e vários problemas diferenciados. Trazendo recortes de jornal, digamos pra lazer, roupas pro papai. Fiz vários, fiz armarinhos, como se fosse, né? Recortes de papel, catálogos. Eu tirava de lojas aparelhos eletroeletrônicos e aí criava higiene e beleza, um item, limpeza e mais não sei o quê. E todos iam passar por todos estes problemas. Um grupo fazia problemas de acordo aquilo, uma coisa que eu bolei pra ser estratégico, pra ser diferente e eles se comportarem melhor em relação aquilo, saberem argumentar, sabiam falar, porque era uma forma diferenciada.

Pesquisadora: Esta foi outra turma?

Ivoni: Outra turma. Ai, eu fico puxando a terceira série. Desculpe!

Pesquisadora: Hmm! Após a leitura da transcrição de duas das tuas aulas, o que pensaste a respeito da fala dos alunos? Eles falam muito, isto é, interação bastante? Comenta.

Ivoni: Não, a forma que eles falam realmente é restrita, né? O metrô, o me-trô! Se bem que eu tava pedindo isso. Eles falam, se bem que de acordo com o conteúdo e da forma que eles tão realmente interessados, embora eu tente envolvê-los em tempo integral, de repente o conteúdo da acentuação não foi o melhor conteúdo. De repente uma aula lá, uma aula de artes, uma outra aula qualquer, uma aula de ciências, principalmente ciências, levá-los lá na cozinha, levá-los para fazer todas as coisas do estado físico da água, das passagens. Aí eles sabiam falar mais. Mas também tem momento da observação, sim, que eles têm que prestar atenção e tem o momento sim de prestar atenção na minha fala. Eu corro o risco sim de tar falando demais. De repente é um caso que eu tenho de pensar. Será que eu não falo muito e deixo os alunos sem fala, né? Ou de repente eu até eu to procurando fazer uma reflexão em cima de meu trabalho. Realmente, eu não tinha parado para pensar. De repente podia, pode ser sim que eu... abafasse a voz deles.

Pesquisadora: Talvez a nossa relação assimétrica, nós professores, nós somos os maestros que regemos o coral. Se o coral ta desafinando.

Ivoni: Eu imagino que a coisa é boa, sim. Se bem que tinha um retorno bom em termos da avaliação. Tanto é que na prova Brasil nós tiramos a nota máxima. Eu acho que a questão da avaliação sim, é importante não só neste momento que eu estou fazendo uma reflexão do meu trabalho, uma metacognição, mas também a questão...

Pesquisadora: Uma metacognição, sim.

Ivoni: Né, da avaliação lá na escola enquanto professora. As crianças realmente não eram crianças atrasadas, eram crianças que fluíam, que coordenavam. Os textos este ano quando teve que fazer o provão com dois alunos que rodaram ano passado em português e Matemática e tiveram aquela outra chance. A menina eu havia inclusive conversado com a atual coordenadora e ela me disse: Ai, não passa, não passa! E eu fiquei muito angustiada com essa menina rodar.

Pesquisadora: Era tua aluna?

Ivoni: Era minha a aluna e a mãe fazia ela faltar mais que tudo. Então a criança rodou por falta de conteúdo e explicação. Até que se ela tivesse só ido nas minhas aulas, eu tenho certeza da capacidade dela, que ela poderia só ela me escutando, fazendo exercício sem estudar. Como muitos mesmo, o Valdecir mesmo, era um aluno que passava sem estudar. Então, muitos é assim, procuro realmente agilizar esta questão do conteúdo. Procurar fazer tudo mais tranquilo, mais gostoso possível. Até procuro. Tem o tradicional? Tem, porque também os embala. Eu não vou deixar, eu não vou registrar nada, porque é muito tradicional ter caderno. Ah, eu não vou fazer desta forma porque é muito tradicional, mas de repente desta forma

para este conteúdo ele é importante porque às vezes sim, tem momentos sim, que a gente tem sim, que decorar.

Pesquisadora: Tem que ter um roteiro, uma organização?

Ivoni: Não, e decorar também. Decorar. Outras horas, claro! Entender a tabuada é primordial, mas que com o tempo tu vai decorar sim, vai! É isso aí. E essa menina o que que aconteceu, aí veio uma menina de Santa Catarina fazer prova, do oeste catarinense. Na verdade, a realidade que eu tinha de Santa Catarina era distante, flash, praia, litoral, mas aí a coordenadora atual disse: “Tu fez aquele provão pra menina”! Quem sabe, lá tem a questão da nomenclatura. Ela veio no terceiro ano, sendo que ela fez hã, hã, ela fez pré e já, jardim, pré1 e pré2 ela fez, e aí ela vem num terceiro ano. Aí esta nomenclatura é dos nove anos, então, ela estaria na segunda série. Nós enquanto colégio estamos em série ainda, né? Aí eu disse: “Coordenadora, só que eu conheço a realidade de Santa Catarina. Enquanto lá se falava em PAGEP, coisa que nem apareceu por aqui, que eu participei, fui para Criciúma, fiz um monte de debate em relação a isso, né? Teve seriação e teve não sei mais o quê. E aqui não teve, quer dizer, de repente aqui é uma outra forma. O estado é muito evoluído, muito diferente. Não que nós não tenha evolução”.

Pesquisadora: Entendi.

Ivoni: Mas a evolução deles é uma, a nossa é outra. Cultural a coisa, a cultura deles é deste estilo, a nossa é desse, né? Não desvalorizando ou desmerecendo a nossa cultura. Eles morrem de inveja nossa. Eles dizem que eles não têm tradição e nós temos a gaúcha. Eu digo, mas para aí, vocês não têm tradição, só que vocês não percebem isso e não estudam e não formam como nós Centros de Tradições como o nosso. Aí eles imitam a nossa, andam de bombacha, tomam chimarrão. Há, há. Aí, voltando a esta questão dessa menina quanto ao texto. O texto que eu fiz para os meus dois alunos para o provão. Só que o texto eu não poderia aplicar para nenhuma outra criança que não teve segunda série comigo. Era um texto muito crítico, era um texto com muito argumento, muito forte para uma segunda série! Mas os meus alunos passaram porque eu construí esta questão.

Pesquisadora? Como foi feita esta construção?

Ivoni: Lá desde os primeiros dias, por ex, quando eu li Nicolau teve uma ideia.

Pesquisadora: Deu para a segunda este texto?

Ivoni: Hmm. Então, fantástico isso. Eu tenho muito orgulho daquela turma. Me arrepiei, até.

Pesquisadora: Eu leio as aulas e lembro deles.

Ivoni: Tu sabes que eu posso te trazer o texto e não dá para a segunda série, porque eu, não que existe literatura, né? Eu uso muito literatura com eles. Adoro literatura! Adoro contação de histórias! Tenho paixão, né? Faço caras, bocas, rio para eles, converso, fico no meio deles fazendo toda aquela coisa que a história pede, mas tem uma coisa, eu não ridicularizo meu aluno, não deixo. Eu não sei nem

a palavra para te dizer, eu não levo coisa medíocre para eles, não faço lvo viu a uva. Quem viu a uva? Me nego, eu não posso! O teu orientador vai dizer que eu sou louca, porque às vezes é necessário, mas eu não acho tão necessário, não. Porque vai ter momentos de cópia e vai ter momentos de crítica, porque eu peço a opinião desde os primeiros textos, para eles aprenderem a dar opinião, que é muito difícil, mas eles até o fim do ano dão opinião. Mas eles vão ter dificuldade no próximo ano de dar opinião, porque é uma coisa de postura do aluno, muito difícil.

Pesquisadora: Medo de falar?

Ivoni: É. A questão da postura, é uma coisa muito grudadinha na gente. Então, é uma coisa muito complicada.

Pesquisadora: Esta próxima pergunta tu já acabaste me respondendo. Como é que tu classificas a tua aula, boa? Má? Excelente? Depende os momentos pelo que eu entendi.

Ivoni: É, depende o momento. Às vezes quando eu chego em casa, é aquela coisa, a gente programa uma aula e acha que vai abafar e chega lá não é, porque o rumo dentro da sala de aula é outro totalmente diferente daquilo que a gente pensa. Claro que a gente conhece os alunos e coisas que raramente acontecem, porque à medida que tu conheces o aluno, tu consegues mais ou menos entender o que eles pensam. E tu vais planejar para ele, tu não vais planejar para ti e também tu vais planejar coisas que tenham interesse para eles. Tendo a ideia de quais são os interesses deles. Então, tu vais fazer daquela forma. De outra vez, eu vou fazer um outro texto e tirar o acento agudo e o circunflexo de outra forma.

Pesquisadora: Às vezes o professor planeja a aula em casa com esmero e dedicação e aí os alunos não obedecem ao script. Aí o meu orientador me contrariou, disse-me que não são os alunos que não obedecem ao script, e sim, o professor. Então, já que ele não gostou eu reformulei. É assim, tu planejas a aula em casa e aí tu chegas com o teu roteiro, tu dá as orientações aos alunos. Aí eu me lembro a novela das oito que tem umas cenas horrorosas da sala de aula. A professora personagem na novela dá as orientações e os alunos não obedecem.

Ivoni: Oh, mas é assim ó! Há muitas questões embricadas aí. Tem muitas questões, poderia ser a questão do professor que é bem, bem freireano. Que é a questão de conhecer o aluno, conhecer a realidade do aluno que a partir do momento que tu conhece teu aluno, tu vais realmente fazer aulas para eles, não aulas espetaculares, mas aulas que dêem condições de eles poderem estarem lá dentro e entender o que tu ta querendo passar pra eles e de uma forma mais agradável pra eles. De uma forma mais prazerosa, né? E uma série de outras coisas assim. E que a partir dali tenho uma forma de construção de conhecimento. Isso é um ponto, aí é o professor. De repente, tu formata uma coisa fantástica, um cheio de esses e erres, cheio de laços e enfeites e não sei o quê, mas aquela tua turma vai te achar ridícula com aquilo ali. Aquilo ali não era para eles. Formou na verdade uma aula para uma turma de crianças menores. Ou fizesse uma aula bastante evoluída, eram as minhas aulas com relação à idade deles. Mas eu procuro também não fugir muito, sair muito da “casinha”, eu enlouqueço até ali. E eu só vou acelerando este processo à medida que eu vejo que eles estão caminhando comigo. Por que se não eu falo também em colonização e eles não entendem patavina, né? Para isso eu levo vídeo, eu faço um

monte de coisa, tudo que eu posso, mas só que até lá, até abrir, eu tenho que construir uma série de conceitos. Se não, eles não vão entender o que eu to querendo passar. E também... ih, agora eu me perdi bem em relação às questões.

Pesquisadora: Não, são só em relação a tua aula. Boa? Regular?

Ivoni: Muito eu já chorei em relação às minhas aulas, por achar que a aula tava uma droga, sei eu! Um desespero, quer dizer, achar que a aula não foi legal, não foi legal, e sabe, e sabe, eles poderiam ter rendido mais se tivesse feito de outra forma. Ah, a questão do orientador falar que é a questão do professor. Uma delas é ele não conhecer a realidade do aluno, aí é a questão do professor, sim. Outras das questões que tá vindo muito agora, que ta surgido agora é um debate muito sério na questão da educação. É a questão de que por mais diga... to fazendo um curso de informática.

Pesquisadora: Na Exattus?

Ivoni: Não, não, é aquele da SME. E veio um professor de Pedro Osório, que ele é professor de português e não vou te dar nem o parecer que eu tenho dele, porque agora já me contaram outras coisas dele. Que agora até então eu não conhecia e já percebi que o rapaz era tudo de bom em relação à computação. E aí ele disse que foi fazer lá uma pesquisa com computadores. Não sei sobre o quê em relação a português, pá, pá, pá, gêneros linguísticos, não sei, e hã, e aí disse que não tinha nem acabado bem a aula e uns quantos já tinham fechado o computador. Já tinham perguntado: “É só isso, professor? Podemos ir embora?” Quer dizer, ele se esmerou, levou a tecnologia que a gente não tem normalmente nas escolas. Ele levou uma série de coisas, mas hoje, e tem não sei se tem nesta Nova Escola ou na anterior, uma questão a respeito disso. Eu nem consegui ler o artigo. Às vezes eu consigo só ficar nos títulos e olhe lá. E então o aluno realmente está desinquieto e aí realmente eu acho que recorre à escola, é mais que o professor. Eu acho que a escola, bem agora com o CONAE que a coisa tá vindo de baixo. É a escola ideal para nós pais, professores, alunos, funcionários. Então, porque eles viram, eles só quiseram esta escola, não é porque são maravilhosos, é que a situação tá caótica, o sistema tá caótico. Então, eu acho que é por aí. É caminhar debaixo para construir uma grande coisa. E aí o aluno por mais das vezes e também volto novamente, não é? Tem a questão familiar, a questão da desestruturação da família, que antes era pai, mãe e filhos. Hoje é vó e neto, tio e neto, padrinho, madrinha, padrasto, madrasta. Aquela monoteísta que é só mãe e os filhos, esqueci o nome.

Pesquisadora: Matriarcal?

Ivoni: Não, tem outro nome. Esqueci, tem o pluri, com casais homossexuais. E aí vem a criança, na forma tradicional em relação à criança. E na forma que nós antes educávamos, valores que nós tínhamos, as questões que nós tínhamos antes, não tem mais. E aí nós queremos que a criança vá pra um banco de escola tradicional e aprenda tradicionalmente ou não, seja como for a forma como ocorre a educação, sendo que eles não têm aquela educação trazida de casa. Muitas vezes devido a esta desorganização da família, sendo que também não tem estrutura emocional para sentar num banco de escola e argumentar contigo e propor, porque muitas vezes tá faltando comida lá, a roupa.

Pesquisadora: E o professor quer que ele fique dialogando!

Ivoni: É, eu venho com aqueles laços maravilhosos lá, com data show e lá sei eu o quê!

Pesquisadora: E os alunos dizem: “Não quero data show. Tá na hora da merenda!

Ivoni: Ai não tem criança que realmente aprenda. Outra, vem de uma briga familiar.

Pesquisadora: O que te impedes de realizar uma aula conforme a idealizas? Acabaste de me responder, todo o sistema.

Ivoni: É, questão assim. Hoje eu dou total autonomia para as crianças dentro da sala, porque elas me propuseram isso aí. A professora F2 me propôs as aulas de tênis e eu fui atrás, procurei, consegui com o professor. Não fomos mais porque o sistema não permitiu, era iniciativa privada, teria que ser alguma empresa resolvendo patrocinar. É caro, tênis para criança é caro.

Pesquisadora: Foi muito bom eles saberem que tem outro universo.

Ivoni: Não, e eles foram, na primeira aula assim, já bateram com a bola na raquete da forma certa, para o outro lado e retribuir. Foi muito legal, muito bonito, mesmo. E toda vez que alguém me vem, a professora de educação física me vem com GEPEL, eu financiei.

Pesquisadora: Por que é difícil implementar uma aula idealizada? Bem, já respondeste três questões na corrida. É aquilo que eu disse, a gente planeja uma coisa em casa, mas chega lá...

Ivoni: Se não for ao encontro da ideia do aluno tu tem frustração, sim! Insucesso, sim!

Pesquisadora: Apesar de o meu orientador dizer, isso eu vou discordar! Que é o professor que não segue as orientações que ele planejou. Nem sempre! Porque às vezes tu dá as orientações e os teus comandados têm que estar dispostos a participar.

Ivoni: É tudo o que eu já tinha falado, que influi, o meio familiar, social, fome, a questão social em si, enfim, questão de família, de valores, de briga, do professor também de repente não conhecer a realidade do aluno.

Pesquisadora: Por exemplo, leva um texto completamente diferente da realidade do aluno.

Ivoni: É, um texto cheio de fru, fru, cheio de coisinha, mas de repente não era aquilo que ele queria.

Pesquisadora: A família: o pai, a mãe, os irmãozinhos, uma casa bonita, mesa posta.

Ivoni: É, e aí é a questão do professor sim, e da própria escola, que ela não é acolhedora, mas é uma questão social que nós estamos vivenciando hoje. São muitas mudanças ao mesmo tempo, muitas atribuições para um sistema que já estava com problemas, né? Nós estamos tomando lugar de pai e mãe, substituindo família. Muitas crianças não querem sair da escola. Se tivesse uma escola de turno integral e eu sou uma defensora do turno integral e hã, eu acho que as crianças gostariam sim.

Pesquisadora: Eu não tenho uma opinião definitiva sobre este assunto. Eu já fui contra, mas hoje em dia não tenho uma opinião formada a favor ou contra.

Ivoni: Uma escola integral de turno integral, mas não esta escola que está aí. Uma escola objetiva. Hoje a SME não aceita passeio por passeio, aceita passeio com objetivo. Eles querem que as crianças produzam, que estes passeios também produzam, que isto dê retorno em termo de conhecimento.

Pesquisadora: Há bastante tempo a SME já cobra passeio com objetivo, não é hoje. É tão óbvio que eu não consigo entender como os professores não fazem. Quando eu trabalhei com terceira série há muitos anos, qualquer passeiozinho que eu fizesse com eles, acabava tendo um retorno na sala de aula.

Ivoni: É, vai da acomodação, da falta de conhecimento, de uma série de coisas, da escola também, porque se tu não tem conhecimento do que é novo. Se a equipe diretiva tiver um fio bem... e ver que aquilo ali não tá dando resultado, ela vai chegar e vai te orientar: "Olha, fulana, eu acho que tu não deverias fazer só desta forma". Tu deverias dar um contexto. Se não, as crianças acabam... Se pensar naquela questão de retorno de pais. Enfim, os pais, o que tu vai argumentar na hora, vai fazer um argumento ou então tu vai conscientizar o argumento, o real argumento da coisa.

Pesquisadora: Professora, já a conheço há alguns anos e sei que simpatizas com os posicionamentos vygotksyanos e bakhtinianos. Bakhtinianos não sei se é confusão da minha cabeça. Eu é que tinha entendido.

Ivoni: Não, simpatizo sim!

Pesquisadora: Então, como você gostaria que sua aula se configurasse em termos de sua atuação, da participação das crianças, do material usado na sala? Bom, como tu falas bastante, acabaste me respondendo. Acho que todo professor quer que seu aluno fale e fale bastante. Pelo que tu me disseste, queres que eles sejam cidadãos.

Ivoni: Sim, cidadãos, conscientes e críticos, para nós estruturarmos melhor este planetinha. Uma sociedade mais equilibrada.

Pesquisadora: Mas nem sempre a representação social do aluno permite que o aluno consiga isso.

Ivoni: É, e aqueles outros itens.

Pesquisadora: É por isso que eu digo, eu não sirvo para ser professora porque é uma coisa que me deixa muito mal.

Ivoni: É aquela coisa que a gente quer que eles tenham, leitura de mundo, mas a gente tem que ter leitura de muita coisa. Uma é que esta sociedade está caótica, outra, que somos humanos, passíveis de erro. Eles também, erram, nós erramos e eles também erram. E aí tu vai tar sempre batendo nas mesmas posições pra ver se consegue levar aquele conhecimento, aquilo que tu tem consciência. Dá uma certa conscientizada, não que dê para imaginar que eles vão entender a construção com o outro, a construção a partir da imitação, a fazer sim, construção, fazer metacognição. Só que não levando os conhecimentos puros, crus, da forma que a criança entenda. Eu não me frustro porque sei que criança é criança, vai sempre preferir tar em casa brincando do que ir pra escola. Que ficar embaixo da coberta, é bom no frio. Não posso te dizer: “Ah, tenho que ir pra escola. Queira ou não, de repente tenho que ir pra escola sim, porque é necessário. Não que seja tão bom assim, ficar embaixo das cobertas vendo televisão é bem melhor, porque nossa escola não está nos dando coisas boas. O ensino está institucionalizado de uma forma rígida, formal.

Pesquisadora: Períodos! Faz isso, faz aquilo. Provas!

Ivoni: Cobranças!

Ivoni: Então, porque do tempo integral. Eu poderia ter aula de judô, eu poderia ter aula de judô, eu poderia ter aula de esporte, mais artes, mais coisas lúdicas. Isto que vai ao encontro da criança, tirando a criança da rua, das drogas. Eu teria crianças sim, se tiver uma boa base sólida, para esta escola integral. Se tiver pessoas capacitadas, entusiasmadas, que acreditam ser a educação o caminho e eu acredito.

Pesquisadora: Tenho certeza que tu acredita.

Ivoni: Erramos! Erramos! Não deu certo hoje. Vamos tentar de novo amanhã.

Pesquisadora: Eu que acabei sendo repetitiva. Na prática da sala de aula por que é tão difícil ser realmente dialógica que a criança possa entender como propõe Vygotsky? Na verdade, Bakhtin.

Ivoni: Na verdade não é bem o Vygotsky em si, mas mais o Bakhtin. O Vygotsky dá bastante atenção à interação. E a interação que o Vygotsky propõe isto se tem, quando eu sentei eles em dupla, em trio, e quando vejo que eles não tão entendendo e eu tenho que retomar isso, sendo tradicional, sentados um atrás do outro e aquela turma eu não dei conta desse detalhe, um fracasso.

Pesquisadora: O espaço físico era comprometido, mesmo!

Ivoni: Era comprometido, mas também a questão de idade, muita disparidade de idade.

Pesquisadora: É um problema sério.

Ivoni: É um problema sério, que fazia com que eles levassem muito na brincadeira, ao invés de entender, vamos fazer um grupo. Hoje, por exemplo, aquela turma dividida do jeito que está. Aquela turma se fosse minha novamente, eu consegui. Aquela turma que eu fiz a evolução, junto com eles, que eu fui professora de segunda e depois fui professora de terceira. Na terceira, lá não precisava falar muito das minhas regras, que na segunda eu coloquei. Eles já tinham o currículo oculto, eles sabiam o que podia e o que não podia. Sabiam quando erravam. Essa questão Mari, é interessantíssima.

Pesquisadora: Regras.

Ivoni: Regras, inclusive eu utilizei o termo sanções, na segunda série e tinham sanções construídas por eles.

Pesquisadora: Colocavam cartazes?

Ivoni: Colocamos cartazes. E quando é colocado para uma criança explicar primeiro, teve o dicionário de português, procuramos o que era sanções. Legal, né? Teve a questão lá do início do ano. Ordem alfabética e depois construção de regras e eu construí com o contexto da regra de pega-varetas as regras da sala de aula, né? Jogamos e aí fomos discutir o que que era regras. Tem que obedecer às regras, porque se não não ia se jogar. Pega-varetas, por que o preto valia tanto? Porque era o único que podia mexer. Então, todas aquelas questões de construções matemáticas em cima, né? Bem interdisciplinar, por quê? Porque era necessário pra eles entender realmente o que era uma regra, entender o que era sanções e aí eles forma em frente. No começo foi uma caos, aí como eles imagianavam que não iam fazer aqueles delitos, eles fizeram cada sanção, tipo quase botar o aluno de joelho no milho. Este tipo de coisa, por eles, eles tiram assim. Ah, tu imagina, tu faz tal coisa, eles querem fazer tal coisa, tal coisa e tal coisa. Claro, eles não imaginam que eles estão ali dentro. Eles vão sofrer, eles podem fazer aquilo e também vão ser castigados por eles mesmos, eles mesmos tão inventando. Aí eu algumas coisas até eu tive que ir tirando. Algumas coisas até eu tive que dar uma cerceada, para eles não enforcar o coitado.

Pesquisadora: São pulso firme com alunos! Há, há, há. Desde que o castigo se aplique aos colegas.

Ivoni: São ótimos!

Pesquisadora: Ao contigo duas aulas transcritas, percebo que não há opção para o grupo de alunos, pois não há movimento para as crianças elaborarem os problemas na aula de matemática, pois não existem alternativas. Tu consegues também após a leitura das transcrições perceber este fato? Sim? Não? Comenta.

Ivoni: Não entendi muito bem.

Pesquisadora: É assim, ó. Faz a pergunta e não existem alternativas. Na aula de matemática elas já eram mais prontas. Hã, não há tempo das crianças elaborarem, de eles fazerem um raciocínio, no caso. É, a resposta é mais ou menos, já é da conta pronta. Ó, quatro.

Ivoni: Tu dizes o quê? Que tá muito pronto.

Pesquisadora: É, assim, eu tenho que me basear nos dados. É que nesta aula aqui que eu olhei, eles não conseguem, eles não elaboram. Tãa mais ou menos assim. É uma resposta pronta. Eles não tão conseguindo elaborar, nem argumentar, porque já tá pronto.

Ivoni: Quer dizer, eu estipulei um problema e eles têm que dar a resposta, é isso que tãa me dizendo.

Pesquisadora: É isto.

Ivoni: Quer dizer, não tem outra opção.

Pesquisadora: É isto.

Ivoni: Quer dizer, não tem outra opção.

Pesquisadora: É, não tem uma... eles poderiam argumentar contigo, discutir contigo.

Ivoni: Sim, mas neste tipo de conteúdo, dúzia, dúzia e meia, dezena, não tem como.

Pesquisadora: Aí eu me lembrei o conteúdo dos cartazes, ali eles argumentavam.

Ivoni: É o que eu te disse.

Pesquisadora: Depende o momento.

Ivoni: Depende o momento. A gente tem que sair sim do tradicional, se utilizar de outros conceitos, hã, diferenciados da forma tradicional, de todas as formas que tu achas. Se é necessário decorar o que é uma dúzia, vão decorar. Quando há uma dúvida, é claro que tu vai ter que decorar. Por exemplo, agora repitam, uma dúzia é doze! Eu fiz até uma questão no quadro. Trabalhei com material concreto com eles, mas não entrava, não entrava, porque tava longe, eu não tava conseguindo chegar ali. Na verdade não é que eles estivessem com a cabeça fechada, cabeça dura. Ou lá sei eu o quê?! Não tô colocando a culpa neles, é um conhecimento novo e ele tem de ser construído e eu coloquei concreto sim e joguinhos que eles faziam. Assim como sinônimos, substantivos e verbos, tudo junto para decorar a regra. Infelizmente porque a gente tem que decorar, por mais que tu queiras, tu tens que ter o teu entendimento, mas tem horas que tu tens que fazer a memória.

Pesquisadora: Tem que memorizar.

Ivoni: Tem, é memória. Então, eu fiz joguinhos pra memorizar estas questões. Eu fiz também joguinhos com dúzia, dezena, para eles decorarem. Ih, tu não gostas, preferes memorizar, memorizarem.

Ivoni: O meu avô se fosse vivo e estivesse aqui, ficaria chateado comigo. Ele cobrava que eu falasse o mais correto possível. Tá, bom, aí o que acontece, é uma forma, uma fórmula. Muitas aulas de matemática são cansativas e chatas, assim como outras aulas de matemática vão ser muito prazerosas, muitas aulas de português, de estudos sociais, vão ser da mesma forma. A hora que eu tiver que puxar e agora é hora do estresse final, vamos ter que fazer.

Pesquisadora: A sala de aula é um lugar complexo.

Ivoni: É, sim. Não vai dar, não pode ser só construindo todo momento. Tem horas, porque tem turmas...

Pesquisadora: Turmas com mais dificuldade?

Ivoni: É, deixa eu te dizer uma coisa, que é o que nos rege, a questão do tempo, pouco tempo pra muita coisa. Então, nós temos que ter consciência disso e nós não vamos fazer melhor porque o tempo não deixa.

Pesquisadora: O tempo que tu dizes é o de quatro horas diárias?

Ivoni: Não, o tempo de cento e oitenta dias.

Pesquisadora: Ah, o tempo do ano letivo.

Ivoni: É, o tempo do ano letivo e a cobrança dos dias das provas, dias da recuperação.

Pesquisadora: Conteúdos a serem ministrados.

Ivoni: Sim, mais a entrega das notas, nós temos prazo para tudo.

Pesquisadora: É bem difícil.

Ivoni: Quer dizer, dentro desta loucura toda de prazo, a gente, nós temos que ser tranquilos, alegres, felizes, realizadas, muito simples, então. Com crianças com traumas, com problemas. E nós não! Mas nós temos, sim.

Pesquisadora: Sem traumas! Há, há. Esta é a sala de aula.

Ivoni: Nós temos sim, problemas! Nós somos pessoas também, com todas estas coisas. Podemos estar num salto uma hora, sem salto outra hora, com uma bolsa bonita, com uma roupa bonita, com uma roupa feia, com uma roupa assim, com uma roupa assada. A gente sofre tanto quanto eles. Umas horas meio lúdico, bem argumentado, bem colocado. Outras horas horrorosas, da gente sair de lá se culpando. A professora se culpa sim, as pessoas se culpam sim, se não, não

existiria o mal-estar científico a respeito do nosso trabalho. Então, é tranquilamente o mal-estar docente. E é esta coisa, é isso aí, é esta a questão. Esta cobrança que nos faz adoecer. Esta cobrança de todos os sentidos, de ser aquele mestre alegre, feliz, tranquilo, de corrigir prova de madrugada, de planejar aula, passar fim de semana em casa trabalhando em vez de dar atenção à família, ver os filhos crescerem mais ou menos, enfim todas as necessidades, o marido tá nos esperando na cama e dormindo, porque nós estamos até quase de manhã, fazendo isso ou aquilo para o colégio. E o salário não é suficiente para pagar aquela empregada que eu queira ter. “Fulana me faz um cafezinho. Há, há, há.

Pesquisadora: Não me faz chorar.

Ivoni: Pois é, mas é a realidade. Isto aí nos maltrata física e emocionalmente. Porque um sim lá com pedra, não foi tantas vezes fazer xixi quanto precisava. Uma pessoa tomando antidepressivo, quer dizer que a situação não tá tão boa quanto precisava. E assim por diante, e as estatísticas estão aí para provar, mil novecentos e sessenta e poucos. Nós somos isto aí, vida na sala de aula, com esta responsabilidade.

Pesquisadora: Nem todos os professores têm esta responsabilidade.

Ivoni: Será? Acho que uma hora ele vai parar, vai pensar. Tem horas que ele (professor) vai olhar para ti, vai debochar, vai rir, vai fazer de conta que não tá nem aí. Mas eu não posso acreditar que uma pessoa, que um ser humano, não tenha ideia que é uma formadora de opinião. Alguns se acostumam, pensam que concurso público é assim.

Pesquisadora: Qual a tua opinião referente à educação? Bem, tu já me respondeste.

Ivoni: Só vou reafirmar minha opinião, que pra mim não existe sociedade sem educação. Seria aquele alicerce da casa que eu te falei, que seria a base que antes era a família e hoje como está complicada a situação da família, cheia de transtornos.

Pesquisadora: Não dá mais a base que a criança necessita.

Ivoni: Não dá. Seria então para continuar minha utopia que eu te falei lá no começo, seria a única salvação para o nosso mundo. Que seria investimento em educação, para conscientizar as pessoas da situação que está acontecendo para ver se há retorno e há condições de dar uma travada e uma melhorada, não que vá ficar cem por cento melhor, mas se tu formar pessoas capazes de realmente pensar, a coisa melhora.

Pesquisadora: É.

Ivoni: É, parar e pensar, que mesmo diante da fome, do frio, das brigas na família, da inversão de valores, dá... enfim, vou ficar uma noite inteira te citando coisas, prostituição de menores, da existência de horrores de pedófilos, disso e daquilo.

Pesquisadora: Acho que isso a gente consegue lá na nossa escola, pois os alunos com todos os problemas que enfrentam, são muito amorosos, né?

Ivoni: Não, eles são, mas não é isso aí que eu tô te falando em educação. Eu tô te falando em um bem maior. É um bem de eles darem continuidade nesta educação, deles mudar valor, né? Por exemplo, essa representação social que tem da escola, por exemplo, o continuar estudando, o continuar se formando, se organizando. Não que isso seja fácil, se fosse nós não estaríamos dentro do caos que estamos hoje, mas o dar continuidade mesmo e isso representar um bem muito, muito valioso e essa pessoa pode ser realmente um cidadão que quando vá lá escolher quem vai votar, vote certo, que quando tiver que ser ele a votar nele, a se colocar como um político e procurando políticas públicas diferenciadas para o nosso povo. Hã, questão se perguntarem sobre isso, se eles têm ideia do que é isso, falarem sobre aquilo. É uma mudança muito grande que é muito difícil, mas a semente foi colocada com esse CONAE aí. O teu orientador vai achar uma coisa completamente louca, mas eu conheço outras loucas como eu, que pensam assim. Se nós realmente, se a educação sim, for complementada de uma forma ampla e possível. Quando eu digo possível, é porque penso que um dia ela se torne possível, pra seiscentos e quarenta mil habitantes do estado do RS, é impossível, ela não é colocada para as idades de quatorze a dezessete anos foram dadas oportunidades, só estas pessoas, quando tiverem que se colocarem como pessoas, vão manter a sociedade da forma que está porque elas não vão saber fazer mudanças. Agora se nós tivermos pessoas, muitas pessoas como eu, pensando que a educação é a saída. A questão de educação tem a chance ainda de mudar, fazer alguma coisa, arregaçar as mangas. Vão ser sementinhas sendo plantadas. Talvez a gente consiga fazer uma educação diferente, não digo diferente, mas uma boa educação a todos e que todos saibam ser gente, gente, gente, cidadão, cidadão, cidadão, cumpridores dos seus deveres, hã, cobradores dos seus direitos, pessoas com opiniões, com humanidade também, com humanidade.

Pesquisadora: É. Esta novela que eu pouco assisto, pois trabalho à noite, mas que me chamou a atenção a sala de aula, nesta novela das oito.

Ivoni: Que monstros estamos formando. Há, há.

Pesquisadora: Ali é colégio particular, de Ensino Médio. Escola com crianças, com crianças não, com adolescentes com boa condição econômica.

Ivoni: De alto padrão aquisitivo, mas o que que o filho quando falou para o pai: “O que que você vai querer ser”? A resposta foi: “Vou querer me dar bem na vida”. Me dar bem na vida! E como é que o pai dele se dá bem na vida? Fazendo falcatura e como é que a mãe dele se dá bem na vida? Fazendo falcatura. Se mostrando pra outros homens de melhor poder aquisitivo, quem sabe? Angariando fundos para a família. O marido parece que é advogado, então ele convence o Zé que quebra pedra lá no fundo. Ele convence o cara a arranjar ou fazer de conta ou se machucar de verdade e aí coloca questão contra o INSS, com a empresa ou sei lá o quê. Eu sei que no final ele ganha um pecúlio lá, um fundo de pensão, de aposentadoria, enfim, alguma coisa, ele é o advogado, aí parte do fulano, parte daquele dinheiro do fulano vai para ele e outra parte vai para o fulano que não ia ganhar aquele dinheiro

tão cedo. Então, o que é que o filho quer? Seguir a profissão do pai, se dar bem. Estudar não! Se dar bem na vida.

Pesquisadora: Me dá um stress aquilo, a moça lá, a professora se esmerando e eles não correspondem.

Pesquisadora: Bem, vamos encerrar.

Ivoni: Quanto tempo nós ficamos?

Pesquisadora: Uma hora e vinte e cinco.

Ivoni: Tudo isso! Falar sobre educação, rende.